

UNIVERSIDADE CATÓLICA DE PERNAMBUCO

PRÓ-REITORIA ACADÊMICA

CENTRO DE CIÊNCIAS BIOLÓGICAS E DA SAÚDE

PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM PSICOLOGIA CLÍNICA

FLÁVIA DE MARIA GOMES SCHULER

**“ÓRFÃOS DA MOBILIDADE”: AS REPERCUSSÕES DA MIGRAÇÃO DA MÃE
NA VIDA DOS FILHOS QUE FICARAM**

RECIFE-2015

FLÁVIA DE MARIA GOMES SCHULER

**“ÓRFÃOS DA MOBILIDADE”: AS REPERCUSSÕES DA MIGRAÇÃO DA MÃE
NA VIDA DOS FILHOS QUE FICARAM**

Tese apresentada no Curso de Doutorado em Psicologia Clínica, linha de Família e Interação Social da Universidade Católica de Pernambuco, como requisito para obtenção do título de Doutora em Psicologia Clínica.

Orientadora: Dra. Cristina Maria de Souza Brito Dias

RECIFE-2015

FLÁVIA DE MARIA GOMES SCHULER

**“ÓRFÃOS DA MOBILIDADE”: AS REPERCUSSÕES DA MIGRAÇÃO DA MAE
NA VIDA DOS FILHOS QUE FICARAM**

BANCA EXAMINADORA:

Profa. Dra. Cristina Maria de Souza Brito Dias
(Orientadora – UNICAP)

Profa. Dra. Carmem Lucia Brito Tavares Barreto
(UNICAP)

Profa. Dra. Elaine Magalhães Costa Fernandez
(UFPE)

Profa. Dra. Maria Cristina Lopes de Almeida Amazonas
(UNICAP)

Profa. Dra. Maria da Penha de Lima Coutinho
(UFPB)

Recife/2015

“Se eu puder aliviar o sofrimento de uma vida,
ou se conseguir ajudar um passarinho
que está fraco a encontrar o ninho...
A vida terá valido a pena.”

(Emily Dickinson)

DEDICATÓRIA

Aos meus pais Armando e Conceição,
ao meu marido Roberto e a nossa filha Emily!

AGRADECIMENTOS

Em primeiro lugar agradeço a Deus, pela vida, saúde e por todas as pessoas ao meu lado, que comigo partilham desse momento feliz, a conclusão deste trabalho. Neste sentido é com muita admiração que agradeço a todas as pessoas envolvidas direta ou indiretamente nesta caminhada.

À minha amada família: Ao meu pai Armando (guerreiro branco que nunca desiste das batalhas), a minha mãe Conceição (por seu amor e exemplo de fé), ao meu marido Roberto (companheiro de todas as horas, exemplo de persistência e determinação), a minha querida filha Emily (amiga, com quem sempre é possível compartilhar alegrias e tristezas, um presente de Deus em minha vida), as minhas irmãs (Conceição, Solange, Simone, Etier e Maria José), ao meu irmão (Armando) e a todos que foram sendo incluídos: cunhados(a) e sobrinhos(as), por me fazerem sentir amada e saber que somos uma família

À Professora Dra. Cristina Maria De Souza Brito Dias, que vem me acompanhando nesta trajetória acadêmica, como minha orientadora, desde o mestrado. Nesta caminhada seu incentivo, compreensão nas horas difíceis e amizade foram essenciais. A você a minha gratidão, admiração e amizade.

Às Professoras: Dra. Cristina Amazonas e Dra. Carmem Barreto pelas importantes contribuições para a finalização deste trabalho.

Às Professoras Dra. Elaine Fernandez e Dra. Maria da Penha pela disponibilidade em participarem da banca.

A todos os participantes desta pesquisa, que se disponibilizaram a partilhar conosco seu tempo e suas experiências, o meu muito obrigado. Sua participação foi valiosa e tornou esta pesquisa possível.

RESUMO

O fenômeno da migração tem aumentado em todo o mundo, destacando-se o protagonismo das mulheres num terreno que, tradicionalmente, era percorrido pelos homens. Calcula-se que metade dos migrantes, em todo o mundo, é constituída por mulheres. No Brasil, esse fenômeno tem sido frequente na região Nordeste, que chega a ter 70% de migrantes do sexo feminino. O objetivo geral desta tese foi compreender a experiência e as repercussões da migração da mãe para o exterior na vida dos filhos que ficaram. Nesta perspectiva foram investigados o impacto sentido pelos filhos e seus cuidadores, a partir da migração da mãe; os sentimentos experimentados e as necessidades sentidas; o desenvolvimento dos filhos nos aspectos social, emocional/afetivo e escolar. Finalmente, identificaram-se as estratégias de convivência estabelecidas na nova realidade e as expectativas para o futuro. Participaram desta pesquisa sete adolescentes (sendo dois irmãos), de ambos os sexos, na faixa etária entre 13 e 18 anos, filhos de mulheres que migraram para o exterior, e seis responsáveis por eles, sendo quatro avós, um pai e uma tia. Trata-se de uma pesquisa de natureza qualitativa, tendo sido utilizados os seguintes instrumentos: entrevista semi-estruturada, com dois roteiros específicos, sendo um para os adolescentes e outro para os responsáveis; nos adolescentes também foi aplicado o teste projetivo do Desenho da Família. Todos os instrumentos foram realizados individualmente. As entrevistas foram analisadas de acordo com a Análise de Conteúdo Temática e o desenho foi analisado de acordo com os indicadores gerais, formais e de conteúdo. Os resultados indicam que todos os adolescentes sentiram e continuam a sentir o impacto da migração de sua mãe. O desenvolvimento sócio emocional de todos os participantes foi alterado de alguma forma, podendo-se perceber sentimentos de tristeza, abandono, ambivalência afetiva, e até revolta, isolamento e ressentimento, em alguns deles, em que pese a melhoria da condição financeira da família propiciada pela mãe. Todos os filhos apresentam dificuldades na escola, reações de rebeldia em relação aos cuidadores, sendo que um filho está envolvido em comportamento de risco, representado por uso de bebida e desinteresse pelo estudo ou trabalho. No entanto, há que se considerar outros fatores como: a ausência paterna, na maioria dos casos; a falta de preparo para o que a migração iria ocasionar; mudanças sucessivas no âmbito da família; a reprovação, por parte da própria família e vizinhança, devido à decisão da mãe pela migração. A maioria dos filhos mantém contatos com a mãe, por internet ou telefone, tendo havido duas tentativas de reunificação que não deram certo. Em relação às expectativas para o futuro, a maioria deles deseja formar uma família tradicional, ou seja, com mãe, pai e filhos, diferente, portanto, da configuração familiar em que vivem atualmente. Todos os cuidadores se sentem perdidos na condução da criação desses adolescentes e sobrecarregados com essa tarefa, especialmente no período da adolescência, quando ocorrem várias mudanças biopsicossociais. As análises do teste do Desenho da Família confirmaram o que foi encontrado nas entrevistas. Espera-se que esta pesquisa dê visibilidade aos familiares, especialmente os filhos, que permanecem no país de origem, uma vez que o foco da maioria das pesquisas se volta para o indivíduo que migra.

Palavras-chave: migração; mães; adolescentes; criação.

ABSTRACT

The phenomenon of migration has increased around the world, highlighting the leading role of women in an area that traditionally was covered by men. It is estimated that half of migrants, worldwide, are women. In Brazil, this phenomenon has been common in the Northeast, which has up to 70% of female migrants. The overall objective of this thesis was to understand the experience and the repercussions of the mother's migration abroad in the lives of children who stayed. In this perspective we investigated the impact felt by children and their caregivers, from the mother's migration on; the feelings experienced and needs felt; the development of children in social, emotional/affective and academic aspects. Finally we identified the coexistence strategies established in the new reality and expectations for the future. Participated in this research seven teenagers (two brothers), of both sexes, aged between 13 and 18 years, children of women who migrated abroad, and six responsible for them, four grandparents, a father and an aunt. It is a research of qualitative nature, in which the following instruments were used: semi-structured interview, with two specific itineraries, one for teenagers and one for those responsible; adolescents was also applied the projective test of the Family Drawing. All instruments were conducted individually. The interviews were analyzed according to thematic content analysis and the drawing was analyzed according to the general, formal and content indicators. The results indicate that all teenagers have felt and continue to feel the impact of the migration of their mother. The emotional social development of all participants was altered in some way, one can observe feelings of sadness, abandonment, emotional ambivalence, and even revolt, isolation and resentment in some of them, despite the improving financial condition of the family propitiated by the mother. All children have difficulty in school, rebellious reactions to caregivers, and a child is involved in risky behavior, represented by use of alcohol and disregard for studies or work. However, one must consider other factors such as parental absence, in most cases; the lack of preparation for the migration would cause; successive changes within the family; the disapproval on the part of their own family or neighbors, because of the mother's decision to migrate. Most children maintain contact with the mother, by Internet or phone, and there have been two attempts at reunification that have gone wrong. Regarding expectations for the future, most of them want to form a traditional family, with mother, father and children, different from the family setting in which they currently live. All caregivers feel lost in conducting the rearing of these teens and burdened with this task, especially during adolescence, when there are several biopsychosocial changes. Analyses of the Family Drawing test confirmed what was found in the interviews. It is hoped that this research will give visibility to the family, especially the children, who remain in the country of origin, since the focus of most research turns to the individual who migrate.

Keywords: migration; mothers; teenagers; rearing.

RESUMEN

El fenómeno de la migración ha aumentado en todo el mundo, destacando el papel de la mujer en un área que tradicionalmente ha sido atravesada por los hombres. Se estima que la mitad de los migrantes, en todo el mundo, son mujeres. En Brasil, este fenómeno ha sido común en el noreste, que tiene hasta el 70% de las mujeres migrantes. El objetivo general de esta tesis fue comprender la experiencia y las repercusiones de la migración de la madre en el extranjero en las vidas de los niños que se quedaron. Con esto en mente se investigó el impacto que sienten los niños y sus cuidadores, a partir de la migración de la madre; los sentimientos experimentados y necesidades sentidas; el desarrollo de los niños en la vida social, emocional /afectiva y en la escuela. Finalmente fueron identificadas las estrategias de convivencia establecidas en la nueva realidad y las expectativas para el futuro. Participaron en esta investigación siete adolescentes (dos hermanos), de ambos sexos, con edades comprendidas entre 13 y 18 años, hijos de mujeres que emigraron al extranjero y seis responsables por ellos, cuatro abuelos, un padre y una tía. Se trata de una investigación cualitativa, en que se utilizaron los siguientes instrumentos: entrevista semi-estructurada, con dos itinerarios específicos, uno para adolescentes y uno de los responsables; en los adolescentes también se aplicó el teste proyectivo del dibujo de la familia. Todos los instrumentos se realizaron individualmente. Las entrevistas fueron analizadas según el análisis de contenido temático y el dibujo se analizó de acuerdo con los indicadores generales, formal y de contenido. Los resultados indican que todos los adolescentes han sentido y continúan a sentir el impacto de la migración de su madre. El desarrollo social y emocional de todos los participantes fue alterado de alguna manera y se puede ver los sentimientos de tristeza, el abandono, la ambivalencia emocional, e incluso la rebelión, el aislamiento y el resentimiento en algunos de ellos, a pesar de la mejora de la situación financiera de la familia propiciada por la madre. Todos los niños tienen dificultades en la escuela, reacciones rebeldes a los cuidadores, y un niño está involucrado en conductas de riesgo, representado por el uso de la bebida y el desprecio al estudio o trabajo. Sin embargo, hay que considerar otros factores como la ausencia de los padres, en la mayoría de los casos; la falta de preparación para la migración; sucesivos cambios dentro de la familia; desaprobación por parte de su propia familia o vecinos, debido a la decisión de la madre para migrar. La mayoría de los niños mantiene contacto con la madre, por internet o por teléfono, y ha habido dos intentos de reunificación que han fracasado. En cuanto a las expectativas para el futuro, la mayoría de ellos quieren formar una familia tradicional, es decir, madre, padre e hijos, diferente, del entorno familiar en que viven actualmente. Todos los cuidadores se sienten perdidos en la conducción de la creación de estos adolescentes y cargados con esta tarea, especialmente durante la adolescencia, cuando hay varios cambios biopsicosociales. Los análisis del teste de Dibujo de la familia confirmaron lo que se encontró en las entrevistas. Se espera que esta investigación puede dar visibilidad a la familia, especialmente los niños, que permanecen en el país de origen, ya que el foco de la mayoría de las investigaciones se convierte en la persona que emigra.

Palabras clave: migración; madres; adolescentes; creación.

SUMÁRIO

APRESENTAÇÃO.....	11
INTRODUÇÃO.....	13
1. TEORIA BIOECOLÓGICA DO DESENVOLVIMENTO, FAMÍLIA E MIGRAÇÃO FEMININA.....	17
1.1 Teoria Bioecológica do Desenvolvimento.....	17
1.2 Família.....	22
1.3 Migração Feminina.....	27
2. FILHOS DA MIGRAÇÃO: OS FILHOS QUE FICARAM PARA TRÁS.....	36
2.1 Crianças e adolescentes migrantes.....	38
2.2 Filhos deixados para trás.....	41
2.3 Os Familiares Responsáveis.....	52
3. OBJETIVOS E METÓDO.....	57
3.1 Método.....	58
4. ANÁLISE E DISCUSSÃO DOS RESULTADOS.....	64
4.1 Análise e discussão dos resultados de cada família.....	64
4.2 Buscando reunir os resultados.....	99
CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	103
REFERÊNCIAS.....	108
ANEXOS.....	120
Anexo 1 – Termo de consentimento livre e esclarecido – Responsável.....	121
Anexo 2 – Termo de consentimento livre e esclarecido – Adolescente.....	123
Anexo 3 – Roteiro de entrevista com o(a) adolescente.....	125
Anexo 4 – Roteiro de entrevista com o(a) responsável.....	126
Anexo 5 – Aprovação do Comitê de Ética em Pesquisa.....	127

APRESENTAÇÃO

Logo que terminei a graduação em psicologia (1987), fui morar na Suíça, planejando fazer uma pós-graduação e ficar lá por dois anos. Porém, eu e minha família acabamos por permanecer muito mais tempo, ou seja, até 2008.

No período citado, tive oportunidade de viver uma rica experiência. Eu pude entrar em contato com várias culturas, várias línguas, o que inclui o meu contato com o tema da migração e, de modo mais específico migração feminina. Por ser psicóloga brasileira, trabalhei com mulheres migrantes de língua portuguesa e espanhola. Através desses contatos, desvendei várias dificuldades da migração que até então me passavam despercebidas. Nesse contato tão próximo observei a quantidade de dificuldades sentidas por elas, como a língua, o relacionamento com o seu marido ou companheiro suíço, as questões de adaptação dos filhos que migraram, a escola, aos costumes, a língua e ao próprio país. Na maioria dos casos, o principal motivo da migração era a busca por uma vida melhor para si e para os seus familiares. Inclusive, na maioria das vezes, em casos de filhos deixados no Brasil, os planos visavam a uma futura reunificação familiar, fato este que nem sempre foi possível concretizar-se.

Durante esse período de convivência com as mulheres migrantes, fossem elas legalizadas ou não, percebi a quantidade de questões envolvidas na migração. Muitas das pessoas que migraram pareciam não estar conscientes das dificuldades que encontrariam. De alguma forma o desejo que possuíam de viver no exterior e, ao mesmo tempo, devido a dificuldades que viviam em seu próprio país, migraram, acreditando que iriam resolver tudo com facilidade, o que nem sempre é verdadeiro. Convivi com uma série de situações difíceis de resolver que ficaram gravadas em minha memória como, por exemplo, uma mãe com sua filha de cinco anos que estava para ser deportada sozinha, pois a mãe tinha o visto de permanência, mas a criança não. São inúmeras as situações com as quais tive que me deparar e iniciei reflexões acerca dos fatores envolvidos na migração e o desejo de um dia poder compartilhar o que e vi e vivi. Um fato interessante é que, apesar das dificuldades, com o passar dos anos, só víamos o número de migrantes brasileiras aumentar.

Nesse contexto, observei que não só a migrante é afetada pela migração no país destino, mas os familiares que ficaram no país de origem, também. Pais e mães cujos filhos migraram precisam conviver com sua ausência e, quando os pais chegam à velhice, esse fato poderá ter outras implicações. Quando os filhos dos migrantes ficam no país de origem, se deparam com a ausência da mãe, sendo que, em muitos casos, os avós assumem a total responsabilidade pelos netos aqui no Brasil. Outra opção comum é os filhos migrarem, após um tempo com os avós. Enfim, os chamados filhos da migração, sejam eles os que ficaram, os que migraram, ou mesmo os que nascem no país destino, todos estão, de alguma forma, implicados nesta situação.

Diante dessa minha experiência e trajetória percorrida, senti-me instigada a contribuir com esse campo de conhecimento e responsável por compartilhar os conhecimentos adquiridos com as pessoas mais próximas, com o meio acadêmico e científico em geral. Por isso, este trabalho foi planejado e escrito em decorrência dessa minha experiência. Num primeiro momento, no meu trabalho de dissertação, estudei o casamento intercultural sob o ponto de vista das mulheres brasileiras que vivem na Suíça. Tive oportunidade de apresentar os resultados obtidos em vários congressos, tanto nacionais como internacionais, e ver o interesse das pessoas sobre o mesmo, uma vez que essa situação é cada vez mais comum, não só entre nós, mas também na Europa. A partir desse estudo, surgiram vários outros questionamentos, que me conduziram a este presente tema. Assim, esta tese tem o seu foco principal nos filhos de mães migrantes que aqui ficaram e busca iluminar o conhecimento sobre ele.

INTRODUÇÃO

As transformações rápidas e profundas geradas pela globalização têm tido um grande impacto sobre os movimentos migratórios, mas de forma ainda segmentada e contraditória. As desigualdades econômicas crescentes entre países, bem como a globalização, que tem propiciado o fluxo de informações a respeito das oportunidades ou dos padrões de vida existentes ou imaginados nos países industrializados, suscitam nas pessoas uma vontade cada vez maior de migrar e de aproveitar as oportunidades e as comodidades que, aparentemente, estão sendo criadas em outros países. Segundo Martine (2005), a globalização acarreta as mais diversas reações, muitas delas emocionais. Isso se deve, em parte, ao fato de que existem muitas dimensões, assim como muitas interpretações do fenômeno em curso. Nesse contexto, de acordo com o referido autor, pode-se dizer que, no atual momento histórico, exceto no caso dos conflitos armados e dos desastres naturais, a globalização é o principal fator que ativa os movimentos migratórios entre países e determina seus contornos.

Contudo, é importante ressaltar que o estímulo massivo à migração internacional, provocado pela globalização, não é acompanhado por um aumento correspondente de oportunidades, uma vez que, ao mesmo tempo em que os países atraem migrantes, também bloqueiam sistematicamente sua entrada. O “mundo sem fronteiras” é parte da definição da globalização, mas não se aplica ao movimento de pessoas. Nos dias de hoje as pessoas não têm livre trânsito entre fronteiras e não existe um “mercado global de trabalho”. As fronteiras abrem-se para o fluxo de capitais e mercadorias, mas estão cada vez mais fechadas aos migrantes: essa é uma das grandes inconsistências que define o atual momento no que se refere às migrações internacionais. De acordo com Sassen (2003), na realidade esses fluxos migratórios compõem estratégias de preservação e ampliação de sistemas de privilégios, de divisão internacional e sexual do trabalho, das relações sociais de sexo/gênero, de raça/etnia, de classe, entre outros, tudo isso à custa de pessoas mantidas em condições desvantajosas, na vasta maioria, mulheres (Assis & Kosminsky, 2007).

Segundo Martine (2005), para formular políticas públicas eficazes na migração é essencial entender o deslocamento espacial como parte das estratégias de sobrevivência e de mobilidade social da população. Segundo o autor é interessante que, entre as pessoas que trabalham com a temática migração, possivelmente porque observam de perto os sofrimentos

que afligem a população migrante, encontra-se frequentemente uma postura de rejeição à migração e um entendimento de que esse é um processo a ser minimizado e reduzido. No entanto, esse tipo de sentimento é antigo e persistente, mas pouco prático no contexto do nosso século. É preciso reconhecer que a não migração também é associada à pobreza, à miséria, à violência e a todas as formas de exploração comumente relacionadas com a migração.

De acordo com a Organização das Nações Unidas (ONU, 2009), a escalada da migração internacional aumenta constantemente e atualmente mais de 200 milhões de pessoas vivem fora do seu país. A metade delas são mulheres que deixaram seu país em busca de melhores oportunidades de vida. Segundo Weller (2004), pesquisas indicam o crescente fenômeno da feminização da pobreza e, conseqüentemente, das migrações. Dessa forma, o fenômeno conhecido como “feminização das migrações” contrapõe-se, de maneira muito significativa, à realidade do início da migração. Tais fluxos migratórios representam, dialética e promissora, a busca do exercício de protagonismo das mulheres, principalmente das que são mães. Segundo Lisboa (2007), baseada em dados da ONU, 70% dos pobres de todo o mundo são mulheres que, por sua vez, têm despontado nos cenários da migração interna (nacional) e externa (internacional) como sujeitos autônomos, em busca de melhores condições de vida para si e para seus filhos. A migração feminina ocorre principalmente entre as mulheres viúvas, separadas, divorciadas, mães solteiras, mulheres que trabalham muito para criar seus filhos sozinhas e que, diante das dificuldades, migram em busca de uma vida melhor. Logo, pode-se facilmente concluir como é grande o número de crianças e adolescentes que permanecem sem as suas mães e aos cuidados de outros.

O fenômeno migratório coloca então essas mulheres na condição de emigrantes, pois elas deixam seu estado natal; e de imigrantes, instalando-se em um novo país, inclusive, deixando para trás seus filhos. Esse aspecto é importante porque a migração de mães vem sendo reconhecida como um fator de risco ao desenvolvimento psicossocial dessas crianças e adolescentes. O estudo deste fenômeno tem sido sugerido no intuito de se conhecerem os fatores envolvidos e suas possíveis conseqüências. Neste contexto o objetivo geral desta pesquisa é compreender a experiência e as repercussões da migração da mãe na vida dos filhos que ficaram, e mais especificamente o impacto sentido pelos filhos por ocasião da migração da mãe; os sentimentos experimentados e as necessidades sentidas; o desenvolvimento deles nos aspectos social, emocional, afetivo e escolar a partir da migração

materna. Identificar as estratégias de convivência estabelecidas na nova realidade, e suas expectativas de futuro. Aqui vale ressaltar que estudos sobre migração feminina são recentes e têm seu foco principal na sua integração no país destino, deixando de considerar os familiares e, especialmente, os filhos que ficam para trás.

Para o desenvolvimento dessa pesquisa utilizou-se como referencial teórico a Teoria Bioecológica do Desenvolvimento Humano (Bronfenbrenner, 1979/1996) que compreende o desenvolvimento como uma relação dinâmica de interações entre o indivíduo e o seu meio ambiente, os quais estão sendo influenciados, mutuamente, pelos diversos contextos em que estão inseridos. Sendo assim, os processos intrafamiliares estão sob influência de outros ambientes externos ao seu núcleo. Nesta pesquisa, ela aparece como a teoria mais adequada para entender esse fenômeno. O fato é que, quando ocorre a migração materna, os filhos que, na maioria dos casos, já convivem com a ausência do pai, passam a conviver também com a ausência da mãe. Aplicando a referida teoria à migração materna, surgem que atravessam todos os âmbitos do contexto em que essas crianças ou adolescentes estão inseridos, causando significativas mudanças no cotidiano dessas famílias.

Estudos sobre situações de estresse demonstram que os indicadores de risco para a família e seus membros são: nível socioeconômico baixo, violência na vizinhança e/ou em casa, doença mental dos pais, conflito entre o casal, ausência de um dos pais, famílias numerosas, adolescência do(a) filho(a), doença crônica, morte, vícios em drogas, entre outros. (Fergusson & Lynskey, 1996; Garmezy, 1996, Walsh, 2005). Walsh (2005) discorre ainda sobre vários tipos de situações que podem provocar mudanças no sistema familiar, ampliando sua capacidade de resiliência ou colocando-o em risco. De acordo com a autora, os desafios dos eventos estressantes variam de acordo com as circunstâncias, a frequência e o significado. Eventos inesperados podem ser especialmente traumáticos. Desafios persistentes impõem exigências diferentes daquelas relacionadas a problemas solucionados de forma mais rápida.

Considerando a complexidade envolvida na migração de mulheres e as implicações não só para elas mesmas, mas também para os filhos que são deixados no país de origem, conhecer a percepção desses filhos e de seus cuidadores sobre as mudanças ocorridas em suas

vidas e sobre funcionamento de sua nova estrutura familiar poderá ajudar a desenvolver estratégias para lidar melhor com essas crianças e adolescentes e seus respectivos cuidadores.

Dessa forma, apresentamos esta tese, que ficou estruturada em introdução, quatro capítulos, considerações finais e bibliografia. O primeiro capítulo é um texto teórico em que se fez uma síntese da Teoria Bioecológica, um breve histórico da família e da migração feminina; no segundo, abordou-se a temática dos filhos da migração, tendo seu foco nos filhos que ficaram; no terceiro, apresentou-se toda a metodologia utilizada para o estudo; no quarto, apresentou-se a análise e discussão dos resultados baseados nas entrevistas realizadas com sete adolescentes (sendo dois irmãos) e seis responsáveis, como também a análise do desenho da família, realizada pelos adolescentes. Por fim, apresentaram-se as considerações finais e a bibliografia utilizada.

Espera-se que este estudo possa dar visibilidade a esse tema ainda carente de pesquisas em nosso país, carência que se evidencia especialmente na região Nordeste, onde, atualmente, em alguns estados, o número de mulheres migrantes chega a 70%. Igualmente, almeja-se que ele possa subsidiar o trabalho de profissionais que lidam com esses adolescentes e seus responsáveis.

1. A TEORIA BIOECOLÓGICA DO DESENVOLVIMENTO, FAMÍLIA E MIGRAÇÃO FEMININA

1.1 Teoria Bioecológica do Desenvolvimento

A instituição família vem se tornando o objeto de investigação de muitos pesquisadores no campo das ciências humanas. A antropologia, a sociologia e a psicologia, dentre outras áreas de conhecimento, vêm tentando definir o termo família, assim como compreender as questões polêmicas que a cercam. Alguns estudos, como os de Fox (1986) e Berenstein (1988), centralizam-se na estrutura das relações familiares, como a natureza de parentesco e outros vínculos como os existentes entre marido e esposa, pais e filhos e entre irmãos. Outras pesquisas historiográficas como a de Poster (1979) e as sociológicas como a de Ariés (1989) e de Petzold (1996), concentram-se em compreender e definir tipos de famílias e suas composições, assim como transformações ocorridas em sua estrutura, em função dos múltiplos fatores próprios e decorrentes das relações entre grupos humanos.

Recentemente, algumas pesquisas com famílias, principalmente na área da psicologia, vêm sendo desenvolvidas por meio de uma abordagem qualitativa dos processos familiares, numa perspectiva metodológica que visa a proporcionar uma maior compreensão dos fenômenos familiares. São várias as teorias sistêmicas que podem contribuir para o embasamento teórico dos estudos com famílias, dentre elas a compreensão do ciclo de vida familiar de Carter e McGoldrick (2001). Segundo a referida teoria, a família se desenvolve ao longo do ciclo vital, constituído por um conjunto de estágios sucessivos no processo da vida do ser humano. Cada estágio possui tarefas específicas que, tanto para o indivíduo quanto para o seu sistema familiar, precisam ser superadas, desencadeando um processo de transição para uma nova etapa do ciclo (Carter & McGoldrick, 2001).

Dessen e Brás (2005) afirmam que a teoria sistêmica constitui um dos principais arcabouços para teóricos compreenderem a família como um sistema complexo. A teoria sistêmica entende que os fenômenos da natureza ocorrem dentro de um contexto maior, de forma que a família, que historicamente foi concebida como um sistema fechado, hoje é concebida como um sistema aberto, em constante interação com o contexto do qual participa.

Pensar a família como um sistema implica considerar que o comportamento de cada um de seus membros é interdependente do comportamento dos outros. Assim, o grupo familiar é visto como um conjunto, como uma totalidade cuja particularidade de um de seus membros não basta para explicar o comportamento dos demais, de forma que a análise de uma família não é a soma da análise de seus membros individuais. Nesse sentido, a unidade familiar é um sistema composto por indivíduos que podem também ser considerados sistemas por si só e, ao mesmo tempo, uma parte de um sistema, ou seja, um subsistema. Essa unidade familiar também faz parte de um sistema familiar maior que se inclui em outros sistemas mais amplos, como o sistema sociocultural e assim por diante (Cerveny, 2000).

Historicamente, a implementação de pesquisas empíricas buscando a compreensão do indivíduo no contexto “família” ocorreu, basicamente após a publicação dos trabalhos de Urie Bronfenbrenner, na década de 1970 (Dessen & Silva Neto, 2000). Esse autor desenvolveu a Teoria Bioecológica do Desenvolvimento Humano. A Abordagem Bioecológica do Desenvolvimento Humano proposta por Bronfenbrenner (1979/1996) é um modelo teórico-metodológico que privilegia o estudo contextual do desenvolvimento. Nesse modelo, a ênfase está no conteúdo do que é percebido, desejado, temido, pensado ou adquirido como conhecimento pela pessoa, e como a natureza desse material psicológico muda em função da exposição e interação da mesma com o meio ambiente. Segundo Bronfenbrenner e Morris (1998), tem havido um grande desenvolvimento científico nesta área e estudos realizados com crianças e adultos em situação de vida real, onde se leva em consideração o contexto do desenvolvimento, têm agora lugar em pesquisa sobre desenvolvimento humano, tanto nos Estados Unidos como na Europa.

Para Bronfenbrenner (1979/1996), o ambiente ecológico de desenvolvimento humano não se limita apenas a um ambiente único e imediato, e deve ser concebido como uma organização de estruturas concêntricas, cada uma contida na seguinte. Esse conjunto de estruturas, segundo o referido autor, parece lembrar um jogo de bonecas russas encaixadas uma dentro da outra: elas se interacionam e afetam conjuntamente o desenvolvimento da pessoa. Por essa perspectiva, o desenvolvimento da criança/adolescente é compreendido através da interação de quatro núcleos principais: a pessoa, o processo, o contexto e o tempo, denominado modelo PPCT.

A *pessoa*, segundo teoria, é entendida como produtora e produto do desenvolvimento, apresentando características atuantes. O *processo* tem a ver com as ligações entre os diferentes níveis e se acha constituído pelos papéis e atividades diárias da pessoa em desenvolvimento. Para se desenvolver intelectual, emocional, social e moralmente, seja uma criança ou um adulto, postula-se para todos eles a mesma coisa: participação ativa em interação progressivamente mais complexa, recíproca com pessoas, objetos e símbolos no ambiente imediato. Para ser efetiva, a interação tem que ocorrer em uma base bastante regular, em períodos estendidos de tempo. Tais formas duradouras de interação no ambiente imediato referem-se a *processos proximais*. O autor pontua que os *processos proximais* são como máquinas do desenvolvimento. Eles promovem o desenvolvimento de ambos os participantes e podem produzir efeitos positivos ou negativos no processo de desenvolvimento. (Bronfenbrenner, 1999). O poder, o conteúdo e a direção que os *processos proximais* possuem para promover o desenvolvimento variam sistematicamente, dependendo das características da pessoa em desenvolvimento; dos contextos em que ela se encontra inserida; das continuidades sociais e mudanças que acontecem com o passar do tempo; assim como o período histórico durante o qual a pessoa vive. Bronfenbrenner e Morris (1998) enfatizam a importância do conceito de *processos proximais*. A análise das relações de reciprocidade entre as pessoas da família e suas crianças deve considerar os *processos proximais*, pois o desenvolvimento humano ocorre permeado por esses processos progressivos de interação duradoura entre a criança, as pessoas, os objetos e os símbolos, em seu ambiente em períodos estendidos de tempo.

Quando o autor fala em *contexto* de desenvolvimento, está-se referindo ao meio ambiente global em que a pessoa está inserida e onde se desenrolam os processos de desenvolvimento. Os vários ambientes que constituem o contexto abrangem tanto os ambientes mais imediatos, nos quais vive a pessoa, como os mais remotos, em que a pessoa nunca esteve, mas que se relacionam e têm o poder de influenciar o curso de desenvolvimento. Esses ambientes são denominados: *microssistema*, *mesossistema*, *exossistema* e *macrossistema*.

O *microssistema* é composto por ambientes tais como a casa, a escola, locais onde a criança vive e interage face a face com seu meio imediato, onde são operados os processos proximais. Segundo Haddad (1997), são de fundamental importância as conexões entre as

pessoas presentes nestes ambientes, assim como a natureza desses vínculos e a sua influência direta ou indireta sobre o desenvolvimento das crianças e adolescentes. O *mesossistema* é produto das relações dos microsistemas. Esse inclui as inter-relações entre as áreas da vida em que a pessoa é envolvida ativamente. Para uma criança, por exemplo, são as relações entre a sua casa, escola, grupo de companheiros no bairro; para um adulto, são as relações entre família, trabalho e conhecidos (Bronfenbrenner, 1981, p.41). O *exossistema* diz respeito às inter-relações do(s) microsistema(s) da criança com outro microsistema do qual ela não participa, mas sofre influência (escola-comunidade; local de trabalho dos pais, televisão, internet). Finalmente, o *macrossistema* é o sistema mais amplo, que abrange os demais. É composto pelo padrão global de ideologia e organização das instituições sociais comuns a uma determinada cultura ou subcultura (Bronfenbrenner, 1979/1996) que estabelecem padrões nos outros sistemas. Por exemplo: a valorização da família enquanto instituição, a política econômica do país, a ideologia de que estar no exterior é melhor, a mãe em um papel idealizado pela cultura, entre outros.

O quarto e último elemento da teoria, o *tempo*, também chamado de *cronossistema*, abrange as mudanças relacionadas ao tempo no indivíduo e no ambiente em que vive. Pode ser entendido como o desenvolvimento no sentido histórico, ou seja, como ocorrem as mudanças no decorrer dos tempos, devido às pressões sofridas pela pessoa em desenvolvimento. Para Bronfenbrenner e Morris (1998), eventos históricos podem alterar o curso de desenvolvimento humano, em qualquer direção, não só para as pessoas individualmente, mas para segmentos grandes da população. A passagem de tempo em termos históricos tem efeitos profundos em todas as sociedades, assim como pequenos episódios da vida familiar podem ter significativa influência no desenvolvimento das pessoas num dado momento de suas vidas.

Na Abordagem Bioecológica, investigam-se as mudanças que ocorrem no contexto pelo papel desempenhado pela pessoa no seu cotidiano e as mudanças psicológicas que ocorrem com o passar dos anos. As mudanças implicam uma reorganização contínua ao longo do tempo e no espaço e são denominadas de transição ecológica. Essas mudanças ocorrem todo o tempo, direta e indiretamente na pessoa/família e no meio ambiente. A transição ecológica ocorre sempre que a pessoa muda de contexto, tendo como resultado uma mudança

de papel, de ambiente ou de ambos (Bronfenbrenner, 1979/1996).

Distinguem-se dois tipos de transição: *a normativa e a não normativa*. A *transição normativa* relaciona-se aos eventos esperados, ocorridos no ciclo vital do indivíduo ou de uma população definida, tais como: o ingresso na escola, o início da puberdade e/ou adolescência, a prestação do serviço militar, o casamento, entre outros. A *transição não normativa*, por sua vez, refere-se aos acontecimentos inesperados, que causam estresse individual ou familiar, e são descritos como eventos de risco, tais como: gravidez na adolescência, morte ou doença grave na família, divórcio, mudança de residência, guerra, desemprego, migração, entre outros (Bronfenbrenner, 1979/1996; Cowan, 1991). Para a mudança na vida da pessoa ser compreendida como transacional, deverá envolver uma alteração qualitativa em sua visão interna. Isto é, como a pessoa se compreende e o que sente sobre si e sobre o mundo, e como compreende seu comportamento através da reorganização dos níveis individual ou familiar: da competência pessoal, da distribuição de papéis e dos relacionamentos com pessoas significativas (Cowan, 1991).

Essa breve apresentação da Teoria Bioecológica permite visualizar, sob a perspectiva da complexidade, a compreensão do desenvolvimento humano como um processo que ocorre ao longo de toda a vida. Tal teoria nos oferece uma visão ampla das situações, das pessoas e suas inter-relações nos diversos contextos, sendo, portanto, um referencial teórico importante quando se pretende investigar aspectos do desenvolvimento de crianças e adolescentes cuja mãe migrou para o exterior, embora permanecendo no país de origem, mas convivendo com mudanças em todo o contexto da sua vida.

Percebemos que as causas e as consequências da migração feminina estão diretamente ligadas ao tempo histórico em que vivemos, ou seja, ao *cronossistema*, assim como ao *macrossistema*, consistindo nas ideologias e crenças da nossa sociedade. Com a migração materna, o *microsistema* família passa por várias alterações que influenciam diretamente o desenvolvimento das crianças e adolescentes. Finalmente, a migração é considerada uma *transição não normativa*, e certamente traz consigo várias consequências. De acordo com alguns autores como Falicov (2001) e Sluki (1997), a migração provoca um impacto decisivo

no ciclo vital da família. O processo migratório tem as mais variadas consequências, seja em termos do comportamento individual dos seus integrantes, afetando o processo saúde/doença, como a configuração das relações, colocando novos significados entre os membros do sistema familiar. Logo, este estudo torna-se um grande desafio, uma vez que esse fenômeno psicossocial é permeado por várias facetas.

1.2 Família

A família está no centro do desenvolvimento humano e configura-se como a primeira instituição responsável pela socialização dos indivíduos. Independentemente das múltiplas maneiras de se organizar, a família continua possuindo um papel primordial na vida das pessoas, oferecendo, através de suas interações, um suporte indispensável para os desenvolvimentos físico, social, emocional, afetivo e psicológico de todos os membros que fazem parte desse sistema.

Na atualidade, a instituição familiar passa por inúmeras modificações em sua estrutura e no seu funcionamento. A estrutura tradicional da família composta por pai, mãe e filho, cuja responsabilidade da socialização primária da criança era exclusivamente dos pais, entra em crise devido à dificuldade de realizar satisfatoriamente suas funções sociais, deixando de apresentar-se, em muitos casos, como um porto seguro em momentos difíceis pelos quais passa.

As mudanças ocorridas nas configurações familiares, em virtude do dinamismo da sociedade, nos mostra como a família se tornou fragmentada e pluralista. Atualmente, segundo Carvalho (2007), a sociedade pode ser considerada “controversa”. Se, por um lado, ela traz tantos avanços tecnológicos e transformações produtivas mantendo a população conectada, por outro lado, ela deixa a família extremamente vulnerabilizada no que diz respeito a seus vínculos relacionais. Dentre as mudanças ocasionadas na estrutura familiar, destaca-se a “emancipação feminina”, com a inserção da mulher no mercado de trabalho. Com sua participação mais efetiva e independente, ela busca, através da atividade laboral, o reconhecimento de direitos mais igualitários. A participação ativa da mulher nas organizações de trabalho envolveu lutas sociais e de gênero que possibilitaram uma “revolução dos sexos” permitindo que a mulher pudesse realizar vários papéis sociais, como: profissional, estudante,

dona de casa, mãe, entre outros. Ademais, a mulher precisa dar conta dos afazeres domésticos, dos cuidados e da educação dos filhos, da sua capacitação profissional e dos cuidados estéticos. Dessa forma, o episódio histórico mencionado se configura como uma grande conquista em busca do reconhecimento da figura feminina, que viveu durante muito tempo subjugada e excluída da sociedade, tendo-lhe sido negada a participação ativa nas decisões sociais. A partir da aquisição dos novos direitos e deveres, ela agrega, em suas funções antigas, novas funções sociais, passando a dividir com o homem o lugar de provedora e mantenedora do lar e, em muitos casos, não apenas dividindo com o homem, mas assumindo a chefia da família.

De acordo com Scarpellini e Carlos (2011), as mulheres conquistaram seu espaço na sociedade e se tornaram coprovedoras da família. Com a efetivação da mulher no mercado de trabalho, surgiram as crises matrimoniais. Uma vez que a mulher agora se divide entre casa e trabalho houve aumento significativo de separações, assim como da liberdade sexual. O divórcio promove mudanças familiares, fazendo aumentar o número de famílias monoparentais. Mães e pais solteiros passaram a reconstituir suas vidas e assim surgiram as novas configurações familiares: as famílias monoparentais, constituídas por um dos genitores e os filhos; famílias reconstituídas, formadas por casais separados com filhos de relações anteriores; as famílias constituídas por casal do mesmo sexo e filhos; e, mais recentemente, as famílias transnacionais.

Segundo Del Priore (1994), as famílias monoparentais, compostas por mães e filhos, ocorrem em maior proporção do que as compostas por pais e filhos. As famílias chefiadas por mulheres têm crescido nas últimas décadas. De acordo com o Censo Demográfico de 2011, entre 2000 e 2010, o número de famílias chefiadas por mulheres passou de 22,2% para 37,3%. Também aumentou o número de mulheres solteiras com filhos. Atualmente, famílias constituídas de filhos que vivem apenas com a mãe solteira é de 14,2%, enquanto famílias constituídas apenas pelo pai com os filhos correspondem apenas de 1,8% pois, na maioria dos casos, os homens se casam novamente ou passam a tarefa da criação dos filhos para outros parentes.

Esses dados nos confirmam que, em média, uma em cada três famílias brasileiras são chefiadas por mulheres. Nesse universo, a maioria das mulheres responsáveis pelo domicílio

está em situação monoparental. Segundo Scapellini e Carlos (2011), dentre os diversos fatores determinantes da formação das famílias monoparentais, destaca-se a categoria de mães solteiras, viúvas, separadas e abandonadas, frisando que, em caso de divórcio, a separação acontece, na maioria das vezes, com o acordo do casal. Já em caso de abandono do lar, a separação ocorre sem o consentimento de uma das partes. Dessa forma, as famílias monoparentais decorrem de circunstâncias, muitas vezes, alheias à vontade de um dos cônjuges, impondo sua formação a seus elementos.

Para Vitale (2002), a monoparentalidade é um estado em aberto. Por essa razão deve ser considerada em suas permanências e recomposições. Assim, pensar monoparentalidade é pensar famílias monoparentais e não um único modelo: as famílias monoparentais são protagonistas de histórias peculiares marcadas pelos diversos contextos sociais. Isso nos mostra que não é possível analisá-las como um universo específico ou um grupo homogêneo, mas como um novo grupo modificador das concepções tradicionais de família.

A monoparentalidade, neste contexto, não pode ser observada como um fenômeno atual. Ela sempre existiu. O fato é que ele tem aumentado consideravelmente nos últimos anos. Vale salientar ainda que a monoparentalidade, no caso da separação, é ocasionada por um dos efeitos da ruptura do casal. A questão do rompimento não altera o vínculo da filiação, mas atribui a guarda e companhia dos filhos a um dos pais. A família passa de biparental para monoparental. Segundo Santos e Santos (2008/2009), a monoparentalidade decorrente do divórcio torna-se cada vez mais frequente devido ao crescimento constante desse fenômeno. Esse fato pode ser decorrente da precocidade com que as pessoas se casam, revelando a falta de estrutura para a vida conjugal. Pode também advir da fragilidade das uniões, pois a mentalidade moderna não mais concebe casamentos frustrados e duradouros.

Um fato constatado é que a separação é mais frequente nas camadas mais pobres da sociedade do que nas demais. Entretanto, principalmente entre as mulheres, ocorre uma maior tendência de manutenção do divórcio nas camadas superiores (Santos & Santos, 2008/2009). Esse é um fato justificado pelo nível de qualificação profissional dessas mulheres, pois entre as mais pobres acaba sendo necessária uma nova união, ou a busca de outras soluções para o

seu sustento próprio e dos seus filhos, exatamente pela falta de autonomia econômica.

Outra forma de família monoparental é constituída pelas mães solteiras e seus filhos. Elas sempre sofreram muita discriminação da sociedade, e mesmo na atualidade, ainda são, de certo modo, marginalizadas. De acordo com Scapellini e Carlos (2011), as famílias monoparentais constituídas de mães sozinhas, sejam elas separadas ou solteiras, são, de modo geral, mais “vulneráveis” no plano econômico quando são responsáveis pelo provimento de víveres e pelos cuidados prestados aos filhos.

Vitale (2002) afirma que a mulher chefe de família monoparental enfrenta jornadas árduas de trabalho extra e intrafamiliar. O desafio da conciliação entre o trabalho e sua vida familiar está presente em depoimentos reveladores da dificuldade da mulher/mãe que é provedora do sustento da família. Fica claramente comprometida uma participação mais efetiva junto a seus filhos no ambiente familiar. Dessa forma, a vulnerabilidade, a fragilidade financeira e educacional incrementam a dificuldade econômico-social, dificultando sua participação na vida familiar.

Segundo Castellanos (2005), um dos fatores associados à migração feminina é o aumento das famílias chefiadas por mulheres, especialmente nas camadas mais pobres da população. Barahona (2002) acrescenta que esse fato ocorre devido a uma maior incidência de pobreza nas famílias chefiadas por mulheres, sendo este um dos principais determinantes para a migração. Atualmente cada vez mais valorizada como uma alternativa para as mulheres, a migração é vista como solução para as que vivem altos níveis de pobreza e necessidades básicas não satisfeitas. Neste contexto, a maior parte de mulheres migrantes são mães solteiras, abandonadas ou separadas que atuam como chefes de família e, como tal, provedoras do sustento dos filhos. Diante das dificuldades, elas partem em busca de uma vida melhor para si e para seus filhos (Rodriguez, 2001).

De acordo com Vitale (2002), as relações afetivas na família monoparental feminina se expressam como um fator aglutinador que promove uma relação de troca contínua, respeitosa e afetuosa dos filhos com suas mães e destas para com aqueles. É possível perceber que os filhos se apegam à figura parental presente, mas com a migração, os filhos que, na

maioria dos casos já conviviam com a ausência do pai, passam agora a conviver também com a ausência da mãe. Santana (2013) acrescenta que a ausência materna na relação afetiva e emocional de filhos em desenvolvimento gera instabilidades emocionais que podem trazer consequências nos relacionamentos posteriores. Verifica-se que o vínculo afetivo materno é fundamental para garantir ao sujeito um desempenho satisfatório nas relações sociais e uma estrutura psíquica saudável, pois oferece a segurança necessária para a estabilidade psicológica e o equilíbrio emocional dos filhos. Em contrapartida, quando há ausência dos cuidados maternos e não é oferecida a essa criança uma pessoa que assuma esta função, o desamparo ocasionado gera instabilidade emocional, insegurança e sofrimento. Na ausência da mãe, outros cuidadores, como as avós, assumem a total responsabilidade pelos netos. Entretanto, em alguns casos, ainda que demonstrem carinho pela criança, não possuem o envolvimento emocional necessário para proporcionar a construção do psiquismo e a segurança necessária que produzam, no futuro, relações sociais satisfatórias.

Com a migração materna, as famílias monoparentais passam a ser as famílias atualmente denominadas como “famílias transnacionais”. São aquelas famílias cujos parentes estão divididos entre dois ou mais países. O elemento de transnacionalismo nas famílias transnacionais desafia, portanto, a noção de residência partilhada em famílias geograficamente separadas, mas mantendo elos sociais, culturais, reprodutivos e de rendimento entre fronteiras (Zontini, 2007). Eis alguns exemplos de famílias transnacionais: pais que deixam as famílias (esposa e filhos) para ir trabalhar no estrangeiro; um membro da família que regressa para tomar conta dos idosos; uma criança que é enviada para viver com familiares; mulheres que trabalham e/ou vivem no estrangeiro e que deixam os filhos para trás. Zontini (2007) acrescenta que as famílias transnacionais constituem um aspecto comum da migração. Elas podem ir desde elites profissionais globais a trabalhadores migrantes pobres, e estão ligadas ao aumento da migração em todo o mundo.

De acordo com Yamamoto (2008), essas famílias continuam a manter vínculos com os familiares deixados no país de origem graças aos meios de comunicação avançados e acessíveis como a internet, o celular, entre outros. Entretanto, mesmo os aparelhos mais avançados não conseguem suprir a ausência física de entes queridos. Já no artigo publicado

pela revista “Isto é” em 1997, sobre migrantes brasileiros no Japão, há relatos da dor sentida pelos filhos deixados no Brasil aos cuidados de parentes, assim como da desestruturação familiar decorrente da migração. Porém, segundo Yamamoto (2008), apesar dos custos emocionais, algumas famílias transnacionais são bem sucedidas.

1.3 Migração Feminina

Podemos dizer que a história da migração se confunde com a história da humanidade. O direito à migração poderia ser considerado um direito natural do ser humano. É muito importante termos em mente que, quando falamos de migração, estamos falando de um fenômeno mundial e social. A migração como fenômeno social ocorre geralmente pelo mesmo motivo: busca de uma vida melhor.

No mundo globalizado e aberto de hoje podemos dizer que um dos sinais mais visíveis do processo de globalização é o aumento dos fluxos migratórios entre países, regiões e continentes. Em um mundo cada vez mais integrado, as pessoas buscam oportunidades em solos estrangeiros de que não dispõem em seus próprios países. As pessoas migram para dentro ou para fora dos seus territórios, em busca de melhores perspectivas e condições de vida. Essas deslocamentos estão em aumento crescente e deverão ser consideradas como um direito humano, tal como é consagrado no artigo 13º da Declaração Universal dos Direitos Humanos, adotada, em 1948, pela Organização das Nações Unidas (ONU), que diz o seguinte: “Todo o indivíduo tem o direito de circular livremente e escolher a sua residência no interior de um Estado. Todo o indivíduo tem o direito de abandonar o país em que se encontra, incluindo o seu, e o direito de regressar ao seu país”.

De acordo com as Nações Unidas, havia cerca de 214 milhões de migrantes internacionais em 2010. Os que migram devido à insegurança, catástrofes ou guerras representam 7% dos migrantes no mundo, os outros 93%, pode-se dizer que migram em busca de uma vida melhor.

O Brasil, durante mais de 400 anos, foi um país de imigração, mais precisamente, um país destino de imigrantes europeus e asiáticos. Contudo, em meados da década de 80, o fluxo

migratório inverteu-se: mais brasileiros emigram e menos estrangeiros imigram. Dessa forma, o Brasil passou a ser um país caracterizado pela emigração, estimando-se hoje que um número equivalente à população do estado do Rio Grande do Norte, perto de três milhões de brasileiros, segundo o Ministério de Relações Exteriores (2009) vive fora do país.

O estudo das migrações tem sido, em grande parte, indiferente à perspectiva do gênero. Em muitos casos, os fluxos migratórios são tratados de forma que a variável “gênero” não seja uma vertente fundamental de caracterização, ou assume-se que as características da migração masculina se podem generalizar a todo o universo. Na bibliografia internacional, como veremos à frente, a introdução da variável gênero, ou, com resultados semelhantes, o aprofundamento das características da migração feminina, começou a destacar-se no final da década de 1970 e no início dos anos 80. Na bibliografia nacional, estudos adotando alguma destas perspectivas são poucos, e não se tem ainda disponível uma visão extensiva sobre o tema.

Os primeiros trabalhos encontrados com uma perspectiva feminista da migração são os de Morokvasic (1984) e os de Phizacklea (1983, 1998). Morokvasic (1984), numa coletânea de artigos sobre gênero e migração, afirmava que “Os Pássaros de Passagem também são mulheres”, sugerindo que a participação das mulheres nas migrações internacionais tem sido negligenciada por pesquisadores e formuladores de políticas públicas ou que elas têm sido representadas de maneira estereotipada como “dependentes passivas”. Assim, embora muitas vezes os dados sobre os contingentes de mulheres aparecessem nos estudos, suas experiências, vivências e trabalhos ficavam encobertos na categoria “migrante”, considerada *gender-blind*, ou seja, invisibilidade do gênero. As duas autoras mencionadas desenvolveram críticas às abordagens teóricas dominantes sobre o estudo das imigrações, ou seja, o modelo racional neoliberal que assume que homens e mulheres imigram pelas mesmas razões e por motivos meramente econômicos, ignorando a presença de forças estruturais que influenciam as suas escolhas e o modelo estrutural neomarxista cuja preponderância sobre a influência da estrutura no processo de tomada de decisão das imigrantes deixa pouco espaço para a decisão individual.

Na realidade, a análise das migrações à luz de uma perspectiva de gênero passa a levar em conta estruturas de nível intermédio, como o agregado familiar, a família, como filhos que ficam para trás, as redes sociais e as denominadas “instituições imigrantes”, isto é, organizações e agências que operam no negócio da imigração (Kofman, 2003; Zontinni , 2002; Zontini & Andall 2000).

Nos anos 90, Castles e Miller (1993/2003) afirmam que a feminização das migrações internacionais é uma das principais características da denominada nova “era das migrações”, e chamam a atenção para a crescente autonomia das mulheres e para a procura do trabalho feminino na economia global, sobretudo em dois nichos de mercado: o trabalho doméstico e a indústria do sexo.

O caso particular da Europa tem merecido atenção, no que diz respeito à inserção das mulheres imigrantes no mercado de trabalho. Vários estudos têm-se debruçado sobre o tema, destacando em particular o setor dos serviços, principal responsável pela absorção da mão de obra feminina imigrante, com relevo para o trabalho doméstico e cuidados a idosos e crianças (Parreñas, 2001; Phizacklea, 2005; Zontini & Andall, 2000).

A maioria destes autores reflete sobre as características sociais e econômicas dos países da Europa, responsáveis, em grande parte, pelos enquadramentos social e profissional das mulheres imigrantes. Essas características incluem a expansão do setor dos serviços nesses países, à existência de um mercado de trabalho informal, a persistência de papéis de gênero tradicionais, dificultando a combinação entre o trabalho pago e o trabalho não pago das mulheres, o envelhecimento populacional e a baixa das taxas de fecundidade. Nesses trabalhos são também levantadas questões como a diferenciação da inserção das mulheres nesse setor do mercado, resultantes do seu estatuto legal, do contexto em que é desenvolvido (em ambiente doméstico ou empresarial, como empregadas domésticas externas ou internas), da sua classe e etnia. Outras contribuições surgem no âmbito do estudo sobre as barreiras e obstáculos que as mulheres enfrentam para melhorarem e diversificarem a sua posição no mercado de trabalho (Kofman, 2003), sendo-lhes difícil escapar aos serviços nos setores acima mencionados ou à denominada indústria do sexo (Hochschild & Ehrenreich, 2004; Leal & Leal, 2003).

Outras questões, sobretudo relacionadas com o mercado de trabalho, são lançadas por Brito (2000), Sertório e Pereira (2004). A questão da família, reagrupamento familiar e dos denominados “casamentos brancos, ou seja, aqueles realizados por conveniência entre pessoas pertencentes à União Europeia com pessoas estrangeiras em condição de permanência ilegal, geralmente em troca de dinheiro; também começam a ocupar a agenda dos estudos sobre migração em diversos países da Europa (Fonseca, Ormond, Malheiros, Patricio & Martins, 2005). Alguns estudos sobre a imigração colocam particular ênfase nas estratégias e problemas sentidos por mulheres (Horta, 2004). Ainda em 2005, Gonçalves e Figueiredo publicaram a primeira compilação de textos sobre as trajetórias das mulheres imigrantes em Portugal, cobrindo áreas como identidade, as representações sobre os imigrantes, a inserção cultural, a família, o tráfico e o mercado de trabalho das mulheres imigrantes em Portugal.

Em 2007, uma publicação do Fundo das Nações Unidas para a População (UNFPA), declara que a migração feminina é uma revolução em constante crescimento. Uma revolução relacionada com a mobilidade e a autonomia estimulada pela esperança, mas atormentada pelo risco. Continua, contudo, sendo uma revolução silenciosa. Isso realça o fato de que, praticamente até agora os estudos não levam em conta a contribuição e as experiências delas, o que constitui uma omissão imperdoável pelas graves consequências impingidas não apenas às migrantes, como também às famílias, filhos e comunidades que elas deixaram para trás.

Knight (2009) fala acerca das várias faces da migração feminina, procurando entender melhor a sua natureza complexa. De acordo com a autora, a migração feminina é uma questão repleta de contradições e paradoxos, com contrastes e injustiças, dilemas morais e conflitos de interesses. A autora afirma ainda que, se, por um lado, a migração pode contribuir para a igualdade entre os gêneros e para a capacitação das mulheres, proporcionando-lhes rendimentos e posição social, autonomia, liberdade e amor próprio que um emprego lhes confere, por outro lado, elas são vulneráveis à exploração e são alvos fáceis de traficantes. São atraídas para a prostituição forçada, para oficinas de exploração e para o trabalho doméstico desumano, com promessas de uma vida mais próspera no estrangeiro. Os casos mais atroztes surgem quando, perante a promessa de um emprego bem remunerado no estrangeiro, as mulheres são atraídas para redes de tráfico. As vítimas poderão ser despojadas dos seus documentos de viagem e isoladas, dificultando-se sua fuga. Poderão acabar por ter

de realizar trabalho escravo para o pagamento de dívidas em países onde as barreiras linguísticas, sociais e físicas frustram os seus esforços no sentido de encontrarem auxílio. Com o seu estatuto irregular, essas migrantes sentem-se normalmente relutantes em se identificar, uma vez que se arriscam a incorrer em sanções legais e a enfrentar processos criminais. As que são mães e que deixam para trás os seus filhos também levam consigo um grande peso psicológico e emocional.

Segundo Dutra (2012), no fenômeno migratório, homens e mulheres se inserem em contextos diferentes e deparam-se com diferentes oportunidades, riscos e desafios. A falta de um marco legal adequado às necessidades das mulheres migrantes no mundo as torna mais vulneráveis e muito mais expostas aos riscos decorrentes da mobilidade, tais como a exploração laboral e a sexual e o tráfico de pessoas. Soma-se a esse quadro a discriminação, a violência contra a mulher e os riscos específicos para sua saúde. A autora acrescenta ainda que a migração feminina é uma estratégia de sobrevivência, uma estratégia ante a feminização da pobreza, tanto no âmbito individual da mulher migrante, quanto no âmbito coletivo no que diz respeito a suas famílias, principalmente filhos.

No Brasil a situação é semelhante. Atualmente, a migração de mulheres se contrapõe de maneira muito significativa à realidade do início da emigração brasileira. A família, de modo geral, permanecia em território nacional, enquanto o pai viajava para o exterior com a finalidade de sustentar sua família (Oliveira, 2003). Tais movimentos foram percebidos como impulsos acima de tudo temporários e protagonizados principalmente pelos homens. Com o decorrer dos anos e principalmente com o desenvolvimento cada vez mais extenso e abrangente das redes sociais de apoio a essas migrações, aliadas a inúmeras situações de desagregação familiar em função da ausência masculina, a presença feminina tomou posição central dentro da manutenção desses fluxos, concretizando expectativas de mobilidade e ascensão social.

Além disso, há de se levar em consideração que, na maioria dos casos, os brasileiros emigram com uma expectativa de permanecer no estrangeiro o maior tempo possível ou até mesmo definitivamente. Pela primeira vez, o Censo da população brasileira, realizado em

2010 pelo Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE, 2011), incluiu perguntas sobre a migração internacional, questionando não apenas os motivos de entrada e saída do país, mas também os destinos e o tempo de permanência. De acordo com o IBGE (2011), do total de emigrantes contabilizados, 60% estão na faixa de idade entre 20 e 34 anos. Esses números sinalizam deslocamentos motivados principalmente pela venda da força de trabalho e sem acompanhamento da família.

O Censo apontou ainda que as mulheres são a maioria entre os que emigraram (53,8%). Nos estados do Nordeste, o percentual de emigração de mulheres é ainda maior, chegando a 64,3% em Pernambuco, 70,1% no Ceará e 70,3% no Rio Grande do Norte. Contudo, ainda hoje, não se sabe ao certo quem elas são, para onde vão e a importância do que elas fazem, mas o fenômeno da migração internacional de mulheres continua a chamar a atenção pela sua invisibilidade e consequências. Segundo Marcel Hazeu (2013), as mulheres que migram não são todas vítimas de tráfico, nem saem especificamente para exercer a prostituição. A realidade dessas idas e vindas internacionais é mais complexa e envolve não só a mulher que migra, como também toda a sua família e seus filhos e a sua comunidade. A migração é algo maior e presente no dia a dia dos bairros periféricos.

Esses dados estatísticos do IBGE podem ser confirmados quando comparados com dados estatísticos na Europa. Pode-se citar como exemplo dados levantados pela jornalista Mônica Fauss, em Weller (2004). Segundo ela, cerca de 70 % dos brasileiros residentes na Alemanha pertencem ao sexo feminino, o que nos leva a concluir que as mulheres têm procurado novas oportunidades. Weller (2004) afirma que, quando as dificuldades são muitas, as expectativas de melhoria de vida praticamente não existem. Quando atraídas pela indústria do turismo e “comércio de mulheres”, a imigração para um país do primeiro mundo passa a ser vista como uma alternativa para muitas mulheres que deixam o país com a responsabilidade de obter não somente a sua sobrevivência, mas também a de seus familiares. A situação não é diferente na Suíça. A Cônsul brasileira em Zurique, Vitória Cleaver (2009, p.01), afirma que a absoluta maioria de brasileiros na Suíça, quase 60.000 segundo a embaixada, é de mulheres. No que diz respeito à Itália, essa tendência se confirma: Souza (2007) diz que 70% dos brasileiros que vivem na Itália são mulheres.

De acordo com Lisboa (2007), entre os principais motivos da emigração apontados pelas mulheres, encontramos: 1) a conjuntura socioeconômica que se reflete na falta de oportunidades de emprego, bem como a desvalorização do trabalho feminino; 2) o difícil acesso à educação ou a oportunidades de maior qualificação profissional; 3) a conquista da independência econômica e social, principalmente entre as mulheres solteiras, separadas, viúvas ou mulheres que sofriam violência no local de origem; 4) a possibilidade de alcançar mobilidade social; 5) o acesso a serviços básicos como atendimento à saúde; 6) a ida atrás de uma rede familiar, de conhecidos ou amigos que já se encontram no país e motivam a emigração.

Para as mulheres migrantes que vêm de países em desenvolvimento e com um nível de qualificações baixo, as oportunidades no mercado de trabalho tendem a concentrar-se em atividades ligadas à prestação de cuidados, ao trabalho doméstico remunerado e ao setor informal. Essas mulheres poderão ficar reféns de situações menos favoráveis, entre elas: trabalhos com salário baixo, nenhum acesso a benefícios sociais e a limitadas oportunidades de carreira como profissional. Ainda assim, são as mulheres, e não os homens, quem mais frequentemente enviam uma maior porção dos seus vencimentos para casa. (Relatório de Desenvolvimento Humano, 2009).

Entretanto, os principais problemas enfrentados pelas mulheres que migram para trabalhar na Europa, segundo depoimentos colhidos por Lisboa (2007), são: 1) a falta de comprometimento por parte dos patrões em relação à regularização de papéis, documentos legais ou visto de permanência, pois, estando ilegalmente no país, elas não possuem acesso aos serviços básicos e, quando adoecem, não possuem plano de saúde que cubra atendimento e tratamento de doenças; 2) o não pagamento de horas extras; 3) os baixos salários ou a negação de salário para mulheres que comunicam "aviso prévio"; 4) a violência e o abuso sexual por parte dos patrões; 5) a obrigação de fazer serviços extras para amigos e parentes dos patrões; 6) a sobrecarga de trabalho, principalmente em casas onde elas, além de fazerem todas as tarefas domésticas, ainda cuidam de crianças e idosos; 7) a relação pessoal que se estabelece entre trabalhadoras e patrões, confundindo relações de maternalismo com relações de trabalho, o que implica falta de garantia de direitos; 8) a dificuldade de adaptação aos novos costumes, língua, clima, alimentação, entre outros.

Na Europa, a procura por trabalhadoras domésticas agenciadas por instituições tende a aumentar, sobretudo, porque elas estão sendo contratadas para substituir o cuidado que até então era desempenhado pelas famílias, por institutos asilares, hospitais e outros, provocando o que Hochschild (2004) nomeou “cadeia global de assistência”. Essas cadeias, na maioria das vezes, ligam conjuntos de cuidadoras: uma mulher cuida dos filhos da migrante em casa, no país de origem, sendo, muitas vezes, a sua própria mãe ou a filha mais velha cuidando dos irmãos; e nesta cadeia, a própria mãe migrante que deixou o seu país de origem e seus filhos para cuidar de crianças no país destino. Assim, estabelece-se uma cadeia de uma ponta a outra, entre classes, raças e nações: “as mulheres mais pobres criam os filhos das mais ricas, enquanto mulheres ainda mais pobres ou mais velhas ou mais novas no caso das irmãs, criam seus filhos”. A autora também chama a atenção para o “padrão global do deslocamento do sentimento”, uma vez que essas mulheres deslocam o amor que deveriam sentir e transmitir para os seus próprios filhos para as crianças que cuidam como babás. Segundo a Caritas Internacional (2012), os governos e as entidades da sociedade civil, assim como os serviços sociais que se ocupam dos migrantes precisam abordar as necessidades específicas das mulheres que emigram; em especial, deve-se dar mais atenção às famílias e às mães que se separam dos filhos ao emigrar. A instituição alerta para a necessidade de haver políticas que deixem as famílias unidas ou, pelo menos, que ofereçam proteção social aos filhos que ficam para trás.

As dificuldades das mulheres migrantes, além de se darem no período de trânsito mantêm-se no país de destino, onde o medo de deportação, o não domínio da língua estrangeira, e a dificuldade de integração e ausência de laços sociais, implicam na manutenção de um quadro de total invisibilidade e vulnerabilidade. Um emigrante sem documentos é objeto de abusos, ameaças, salários pobres e de discriminação, se tal emigrante for mulher, os riscos se potencializam. O esforço para garantir direitos trabalhistas para os trabalhadores migrantes, em especial as mulheres e suas necessidades específicas, é fundamental para diminuir a situação de vulnerabilidade e suas decorrências, como nos casos de abusos e violência doméstica. Por fim, cabe destacar o argumento da Caritas Internacional (2012) de que as mulheres migrantes têm muito a oferecer nos seus próprios países e nos países em que trabalham: elas não são vítimas por natureza, mas por causa de sistemas injustos, preconceitos

e maus tratos. Chegou a hora de avaliar a sua contribuição à sociedade, com políticas de migração que as defendam e protejam.

A Caritas Internacional (2012) pede mais atenção às famílias e às mães que se separam dos filhos ao emigrar. Muitas mulheres deixam os filhos no país de origem, para cuidar dos filhos dos outros no exterior. Os filhos das migrantes ficam com outros parentes e crescem sem mãe. Precisa-se de políticas que deixem as famílias unidas, ou, pelo menos, que ofereçam proteção social aos filhos que ficam para trás, tema do próximo capítulo.

2. FILHOS DA MIGRAÇÃO: OS FILHOS QUE FICARAM PARA TRÁS

De acordo com a ONU (2009), a escalada da migração internacional aumentou substancialmente nos últimos anos e tornou-se um fenômeno global. Mais de 200 milhões de pessoas vivem fora do seu país. Calcula-se que a metade delas são mulheres que deixaram seu país em busca de melhores oportunidades de vida. Nesse sentido, merece atenção o incontável número de crianças e adolescentes que são afetados pela migração, de maneiras diferentes. Em 2007, uma publicação do Fundo das Nações Unidas para a População (UNFPA) declara que até agora muitos dos estudos não levam em conta a migração feminina e as suas experiências, o que se constitui numa omissão imperdoável pelas graves consequências impingidas não apenas às migrantes, como também às famílias, filhos e comunidades que elas deixaram para trás.

No Brasil, a situação não é diferente. Segundo o Ministério de Relações Exteriores (2009), três milhões de brasileiros vivem no exterior. Parte significativa desse contingente vive ilegalmente e isso torna difícil ter estatísticas precisas. A escassa atenção prestada ao sexo do migrante, ao se coletarem os dados, coloca ainda maiores dificuldades para estimar o número de mulheres que migraram para o exterior. Entretanto, o deslocamento das mulheres aparece como significativo.

O censo demográfico do IBGE (2011) apontou que as mulheres são a maioria entre os que emigraram (53,8%), principalmente em alguns estados do Norte e Nordeste. Esses dados podem ser facilmente confirmados quando comparado a dados estatísticos da Europa. A presença feminina é particularmente relevante nas comunidades brasileiras que estão em países da Europa. Em 2006, elas eram em torno dos 60% na Espanha e 50% em Portugal (Serviço de Estrangeiros e Fronteiras). Na Suíça, a cônsul do Brasil afirma que existem cerca de 60.000 brasileiros naquele país com a maioria absoluta de mulheres. Nesses países, assim como na Itália, as brasileiras são consideradas uma presença relevante na indústria do sexo e também integram os principais contingentes de esposas estrangeiras casadas com homens nacionais.

De acordo com dados da Polícia Federal Brasileira, em 2006, elas constituíam em torno de 30% do total de pessoas devolvidas por países estrangeiros, incluindo deportadas, e

uma vasta maioria de mulheres não admitidas, cujo ingresso é recusado em países que não requerem vistos de turistas brasileiros, especialmente nos aeroportos europeus. Recentes relatórios governamentais sugerem que a maioria das mulheres deportadas é de classe média baixa. Trata-se, majoritariamente, de solteiras ou divorciadas, com idade entre 20 e 30 anos, e a metade delas tem filhos (Secretaria Nacional de Justiça, 2007). As motivações econômicas aparecem como a principal razão para migrar, seja em razão de propiciar melhores condições e vida à família ou por interesses pessoais. Contudo, esses perfis não podem ser generalizados.

Segundo Hazeu (2013 p.10), o perfil dessas mulheres é parecido. "São jovens que estão passando por um momento marcante: divórcio, maternidade, desemprego ou estão repensando e reavaliando suas vidas". As rígidas leis de migração na Europa tornam o casamento uma das principais alternativas para a permanência no país, o que está relacionado a uma questão de gênero e ao imaginário social, pois, se muitas mulheres migram com o desejo de casar com europeus, também é forte na Europa a ideia de que mulheres latinas são boas para casar, revela o pesquisador. Entre as mulheres que conseguiram permanecer na Europa, todas casaram. Algumas por amor, outras por conveniência. Alguns relacionamentos acabaram em divórcio, mas outros deram certo, mesmo tendo-se desenvolvido dentro desta lógica de casar a fim de não voltar para o Brasil.

Embora, atualmente, seja difícil quantificar, pesquisas sobre migração feminina em diversas áreas da Ásia, América Latina e Europa sugerem que milhões de crianças e adolescentes vivem separados de suas mães por vários anos. Essas crianças e adolescentes constituem os chamados "orfãos da mobilidade", ou seja, aqueles que "ficaram para trás" no país de origem, sem a presença direta de seus pais e à espera do sucesso migratório e do reagrupamento familiar. No Brasil, deparamo-nos com uma situação semelhante. Com base nos dados existentes, pode-se facilmente concluir como é grande o número de crianças e adolescentes que permanecem sem as suas mães e aos cuidados de outros. Dessa forma, a passagem de mulheres da posição de coadjuvantes a protagonistas na migração traz consigo uma série de implicações tanto para as crianças e adolescentes que são deixados para trás, quanto para aqueles que, após certo período, têm o objetivo de se reunir à sua família.

Em geral, crianças e adolescentes constituem um grupo vulnerável podendo tornar-se mais vulnerável ainda quando seu pai, sua mãe, ou ambos migram. Os efeitos da migração

podem ter um profundo impacto no seu desenvolvimento e, conseqüentemente, em suas oportunidades de futuro. Algumas conferências recentes reconheceram os efeitos econômicos positivos da migração, mas também chamam a atenção para as maneiras como ela afeta as crianças. Pouca informação está disponível em termos do impacto real da migração para as famílias e seus filhos. Segundo um relatório das Nações Unidas, esses filhos são afetados pela migração quando são deixados para trás por um ou ambos os pais, quando migram para reencontrar seus pais ou até mesmo quando nascem no estrangeiro. Esse impacto deve ser visto no contexto mais amplo da pobreza, dos conflitos e dentro das perspectivas de vulnerabilidade e resiliência, gênero, relações e direitos da criança. Bustamante (2009) centra-se na problemática relacionada à migração chamando a atenção para as lacunas existentes nas políticas que afetam negativamente as “crianças deixadas para trás”, ou seja, as que ficam no país de origem, as “crianças em movimento”, constituindo aquelas que vão e voltam, assim como as “crianças nos países de acolhimento”, ou seja, as que se tornam migrantes.

2.1 Crianças e adolescentes migrantes

Algumas das separações entre mães e filhos são transitórias. Depois de estar legalmente no país e terem se casado novamente, as mães levam os filhos para ficarem com elas. São as crianças e adolescentes migrantes. Para outros, o processo de separação e reunificação nunca será concluído. Se passar muito tempo, em função da idade dos filhos, muitos países europeus já não permitem que os filhos migrem, ou mesmos os filhos já não desejam migrar. Segundo Levitt (2001), em muitos casos, o que se perpetua é a situação de uma família com membros em dois ou mais países.

Muitas brasileiras, ao migrarem, levam consigo o desejo de permanecer no exterior e de levar os filhos para viver junto a elas. Em função disso, muitas chegam a casar-se para poder legalmente permanecer no país destino e poder levar os filhos, com o objetivo de lhes proporcionar uma vida melhor (Schuler, 2010). Isso se torna possível a partir da legalização da sua condição no país de destino. Desde que o marido esteja de acordo, o casal pode entrar com um pedido formal para que os filhos possam legalmente migrar para o país.

De maneira geral, todos os países da União Europeia permitem que os filhos dos migrantes se juntem a eles para que haja a reunificação familiar. Embora essa conjuntura pareça lógica, segundo Oliveira (2010), essa reunificação pode ser muito difícil tanto em

função das leis da migração, quanto em função do próprio relacionamento da família. Por um lado, se a criança ou adolescente foi deixado por muito tempo, ele já não tem mais tanta intimidade com a mãe, pois passou a viver com os avós ou tios e só convivia com a mãe nas férias. Por outro lado, é difícil para a própria criança adaptar-se ao novo país, ao novo parceiro da mãe, aprender outra língua, fazer novos amigos e entender a lógica de um país diferente do seu.

Em termos das leis de migração, em teoria, os filhos com menos de 18 anos têm direito ao benefício da reunificação familiar. Contudo, na prática, os países de acolhimento colocam uma série de restrições que põem em questão a própria presença dessas crianças no novo país. Falando sobre o grupo de investigação de Reunificação Familiar (FARE), Fonseca et al. (2005, p 53) afirmam que “embora se considere habitualmente que as crianças devem permanecer junto dos pais, os traumas decorrentes da mudança de localização, das diferenças linguísticas, da estranheza do ambiente fazem com que possa ser preferível que as crianças permaneçam no país de origem”. Na Holanda, por exemplo, acaba de entrar em vigor a chamada “regra dos cinco anos”, que, na prática, restringe a reunificação familiar às crianças cujos pais residem na Holanda e que estejam deles separadas há menos de cinco anos. O atual governo considera que “a integração das crianças é demasiado difícil e constitui um fardo excessivo para a sociedade holandesa nos casos em que as crianças se encontram longe dos pais desde há muito”. Por outro lado, em vários países da União Europeia e da EFTA, a dificuldade de integração das crianças com mais de 12 anos de idade na sociedade de acolhimento é um problema que tem merecido alguma atenção. Na Suíça, por exemplo, as crianças com mais de 12 anos de idade são obrigadas a realizar um “teste de integração” para que lhes possa ser concedido o direito a juntarem-se aos seus pais no chamado abrigo da reunificação familiar. Caso não se saiam bem no referido teste, esses adolescentes precisam retornar ao país de origem, vivendo assim separados de sua mãe. A Holanda está igualmente considerando a implementação de um teste desse gênero.

Outro desafio para a vida das crianças migrantes ocorre quando há divórcio ou separação dos pais. Uma vez que a mulher migrante só recebe o visto de permanência em função do casamento, o grupo do FARE (Fonseca et al., 2005, p. 54) assinala que “as rupturas familiares podem ser especialmente problemáticas para as crianças e adolescentes migrantes” Por exemplo, levanta-se a questão do impacto sobre as crianças e adolescentes quando do divórcio da mãe e conseqüente revogação do *status* de migrante, assim como a subseqüente

repatriação de crianças e adolescentes que, possivelmente, passaram alguns anos adaptando-se a uma nova língua, a um novo sistema de ensino e a um novo grupo de amigos na Europa e, de repente, precisam retornar ao seu país de origem tendo que enfrentar outra vez todo um processo de readaptação.

As crianças ou adolescentes filhos de migrantes raramente possuem *status* próprio de migrantes e estão, por isso, na dependência do *status* e ações de suas mães. A construção da identidade das crianças e adolescentes de origem migrante criadas nos países de acolhimento constitui um grande desafio, uma vez que essas crianças são confrontadas simultaneamente com duas culturas e dois sistemas de valores muito diferentes, dentro do seu próprio lar. Não é nada fácil corresponder às expectativas de ambas as culturas e desempenhar os papéis prescritos por cada uma delas. De acordo com Mecheril (1994) e Hamm (2004), a questão de “onde você é”, ou seja, a questão da procedência é uma situação com que essas crianças e adolescentes sempre se confrontam. Os referidos autores chegam a usar a expressão "duplamente outro" para definir um processo instalado de duplicidade interior, no qual eles não se sentem nem totalmente brasileiros e nem totalmente estrangeiros. Segundo Weichselbraun (2007), entre essas crianças e adolescentes, podem surgir conflitos relacionados ao sentimento de pertencer ou não a determinada cultura. Daí pode emergir um "sentimento de descontinuidade", em razão de, em muitos casos, elas serem totalmente diferentes das expectativas culturais da mãe ou do padrasto. Expressões como "identidade rasgada" ou "identidade híbrida" estão diretamente ligadas aos processos de interculturalidade, dependendo principalmente dos parâmetros nos quais essas crianças e adolescentes são educados.

Nessa perspectiva, Scheifele (2008) bem nos lembra que a criança ou mesmo o adolescente nunca é um migrante, mas sim um exilado, no sentido de que eles não escolheram mudar de país. A escolha é feita, na maioria dos casos, pelos seus responsáveis e, mesmo que eles não gostem da nova realidade, precisam adaptar-se, pois voltar ou não, não depende deles. Corroborando com a referida autora, McGoldrick, (1995), Cerveny e Berthoud (2002) e Prado (2006) explicam que, no período da adolescência, os jovens já possuem suas próprias redes de amigos, que são importantes nesta fase, mas que são interrompidas pela migração, o que os faz vivenciar um processo de luto. Nessa idade, os filhos, na maior parte, não podem optar por não acompanhar os pais e, muitas vezes, não participam da decisão pela migração. Acabam acontecendo as migrações forçadas, ou seja, aquelas que não ocorrem por um

processo de decisão democrático e voluntário. Muitas vezes os membros da família são persuadidos, mas não convencidos de que a mudança será positiva, principalmente no caso de crianças e adolescentes. Estes normalmente têm mais dificuldade de adaptação, diferente daqueles que decidem ativamente (Falicov, 2001).

Segundo Fonseca et al. (2005), esse processo não afeta apenas a primeira geração de crianças migrantes, ou seja, aquelas que migraram do seu país de origem para o país destino, mas continua de alguma forma, a verificar-se nas gerações seguintes. Na verdade, a maior parte dos estudos já realizados tem incidido particularmente sobre as crianças e adolescentes migrantes de segunda geração – os “semi estrangeiros”.

Em muitos países, apesar dos desejos dos pais ou, como trata esta pesquisa, do desejo das mães de levar seus filhos querendo oferecer-lhes a oportunidade de uma vida melhor, na realidade, as crianças e adolescentes de origem migrante apresentam, em média, maior risco de pobreza, pior desempenho escolar, taxas de criminalidade mais elevadas e acabam por desempenhar profissões de *status* social mais baixo do que as crianças e adolescentes não migrantes.

2.2 Filhos deixados para trás

Segundo Fonseca et al. (2005), em termos tanto psicológicos quanto sociais, a separação familiar é considerada uma das experiências mais traumáticas pela qual um indivíduo pode passar. As famílias podem experimentar a separação por muitas razões diferentes, incluindo a busca por melhor educação, emprego, por uma mudança na relação familiar devido a doença, morte, divórcio, conflitos familiares, entre outros. Esta pesquisa, no entanto, examinou separações que ocorreram em função do processo de migração.

De acordo com Bronfenbrenner (1979/1996), as transições familiares ao longo do ciclo da vida são, ao mesmo tempo, produto e produtoras de mudanças evolutivas. Elas ocorrem quando a posição de um membro da família no meio ambiente é alterada como resultado de uma mudança de papel, de ambiente ou ambos. Cowan (1991) acrescenta que as transições são consideradas normativas quando são previsíveis, como a puberdade dos filhos, casamento, saída dos jovens de casa; mas considera como transições não normativas acontecimentos que não são esperados e, por isso, mais difíceis de serem vividos, como, por

exemplo: doença, morte súbita, gravidez na adolescência, separação e migração. É fundamental ressaltar que as famílias separadas pela migração, atualmente denominadas *famílias transnacionais*, não são unidades familiares com deficiência ou defeitos simplesmente por não estarem em conformidade com o modelo tradicional da família nuclear, mas que precisam ser estudadas para melhor compreensão desse fenômeno da atualidade.

Siqueira (2009) afirma que a migração gera um sentimento de angústia, comumente compartilhada pelos que partem e pelos que ficam. A maioria das pesquisas está centrada justamente nas pessoas que migram, ou seja, na experiência vivida no país destino. A permanência dessas migrantes no exterior é tensionada pelo fato de viverem ilegalmente, pela expectativa do sucesso migratório e pelo desejo de reagrupamento familiar ou, ainda, pela expectativa de um possível retorno. Assim, elas conduzem sua vida acreditando que o tempo parou, o que não acontece para os que permaneceram no país de origem. Isso causa sofrimento não só à pessoa que migrou, mas à família e, principalmente, aos pais idosos e aos filhos que permaneceram no país de origem, tanto no período da migração, quanto no período de reunificação ou de retorno, se houver. Tudo isso termina por exigir um período de readaptação em todos os níveis.

Almeida et al. (2009) concluíram que um dos fatores que contribui para o crescente fluxo migratório de brasileiros para o exterior é a falta de oportunidades, materializada pela desigualdade social, desemprego, desvalorização do trabalho e baixa remuneração. Por isso, muitos brasileiros buscam na migração melhores condições de vida, principalmente mulheres separadas ou solteiras com filhos para criar. Segundo Siqueira (2009), o projeto de migração passa sempre pelo desejo de comprar ou reformar a casa e montar um negócio para, em caso de retorno, melhorar o padrão de vida no Brasil. Outra motivação de muitas migrantes brasileiras é o casamento, que abre as portas para uma permanência definitiva no país destino (Schuler & Dias, 2012).

No passado, segundo Oliveira (2003), a família, de modo geral, permanecia em território nacional. O pai, via de regra, viajava para o exterior com a finalidade de sustentar sua família. Com o decorrer dos anos, entretanto, e principalmente com o desenvolvimento cada vez mais extenso e abrangente das redes sociais de apoio a essas migrações, concomitantemente a inúmeras situações de desagregação familiar proporcionadas pela ausência masculina, a presença feminina tomou posição central dentro da manutenção desses fluxos, concretizando expectativas de mobilidade e ascensão social. Podemos citar como

exemplo as mulheres brasileiras que migram ilegalmente para a Suíça. Segundo Huber (1996), elas procuram, nos primeiros meses, tanto um marido quanto um trabalho no mercado paralelo. Baeckert (2008) acrescenta ainda que elas chegam com poucos recursos e muitos sonhos, entre eles o de casar ou de voltar ao Brasil em condições de construir uma casa própria. Elas entram como turistas e assim permanecem por anos, até conseguirem um casamento, independência financeira e a tão sonhada casa para a família no Brasil. Com esse propósito, muitas deixam a família e os filhos e vão tentar a vida de uma forma aventureira.

A rede social do indivíduo e da família sofre um forte impacto com o processo da migração. De acordo com Sluzki (1997, p.55), “estas mudanças estão estreitamente associadas a um aumento da frequência de perturbações psicossomáticas e interpessoais”, já que é um evento capaz de alterar os padrões de organização familiar. Em virtude da migração, a estrutura da família pode ser alterada. Algumas famílias nucleares são divididas e assim a situação socioeconômica pode tanto melhorar quanto piorar. Entretanto, a dinâmica familiar sofre modificação mediante novos papéis e relações hierárquicas assumidas pelos integrantes da família. Por outro lado, ainda que seja um período de transição, a migração não possui rituais de passagem como no caso de outras transições que possuem rituais culturais como, por exemplo, o velório, que, em caso de morte, ajuda a pessoa a viver o luto e retornar para o cotidiano. Falicov (2001) sustenta que, ao migrar, a família perde raízes em níveis físico, social e cultural, e, embora não existam rituais de transição, as famílias, normalmente, criam formas de enfrentar as perdas ambíguas através do que a autora caracterizou como “rituais espontâneos”, que agem como fatores protetores e promotores de resiliência familiar. A autora cita como exemplo as visitas, envios de mensagens e remessas de dinheiro de forma regular e de presentes, que proporcionam uma forma de continuação e conexão com a família no país de origem, especialmente com pais idosos e filhos.

Interessante ressaltar que, segundo a Organização Internacional de Migrações (OIM, 2011), com sede em Genebra, atualmente metade das remessas enviadas a familiares são feitas por mulheres. A OIM conta a história de Socorro: ela relata que a necessidade a forçou a emigrar. “Não tive medo de abandonar a Nicarágua rumo à Suíça”, recorda Socorro Morales. Em Manágua, o filho Abel e os avós esperavam sua ajuda financeira.

Atualmente, o Banco Mundial é a única organização internacional que faz estimativa regularmente do volume de remessas, explica a swissinfo Nicole Anette Mueller, porta-voz

da Secretaria Federal de Economia (Seco). Em 2010, chegaram a 3,2 bilhões de francos suíços, de acordo com o Factbook of Migration and Remittances em sua edição 2011. Isso corresponde ao triplo do orçamento internacional de ajuda ao desenvolvimento e ainda equivalente aos investimentos diretos estrangeiros nos países em desenvolvimento. Segundo o estudo Gênero, Migração e Remessas, da OIM, as mulheres imigrantes enviam tanto dinheiro quanto os homens. Mesmo ganhando menos do que eles, conseguem mandar uma proporção maior do que ganham, mas também de forma mais regular e durante mais tempo. Essas remessas são um alívio econômico para as famílias receptoras.

Em 2011, as mulheres representavam 49% da população imigrante na Suíça. A Divisão Federal de Estatísticas (OFE na sigla em francês) cifra em 900 mil as mulheres estrangeiras na Suíça. Os perfis são diversos, afirma Doro Winkler, porta-voz do Centro de Apoio a Mulheres Migrantes e Vítimas de Maus Tratos (FIZ), em Zurique. Algumas trabalham legalmente (porque têm contrato de trabalho ou por casamento). Outras estão ilegais e entre elas, algumas estão na prostituição, porém outras são babás de crianças ou cuidam de idosos, trabalham em casa ou fazem faxina (Ornelas, 2012).

Segundo Machado (2006), o relacionamento entre pais e filhos passa a ser mediado pelas remessas ou pelos benefícios que pode proporcionar. Ainda segundo o referido autor, o dinheiro entra como fluxo de substância ‘a distância’, produzindo o bem-estar material dos filhos (alimentação, roupas, escola, brinquedos, etc.) e amarrando as relações na ausência da presença física dos pais. No caso desta pesquisa (2015), as mães se fazem sempre presentes através do dinheiro, ou seja, o elo entre as mães e os filhos é estabelecido pelas remessas, vistas por Machado (2006), como uma espécie de “sangue simbólico” que como veremos adiante, trazem em si certa ambiguidade.

De acordo com Observatório ACP das Migrações (2013), apesar de os pais migrantes considerarem que os fundos que enviam às suas famílias são um meio de permanecerem em contato, as crianças separadas dos pais preocupam-se mais com a falta de recursos emocionais que sentem diariamente. Na realidade, do ponto de vista das crianças, a separação é sentida como abandono, independentemente dos motivos ou das circunstâncias em causa. Um relatório da UNICEF (2011) indica que as crianças separadas dos pais devido à migração têm o dobro da probabilidade de sofrer de problemas psicológicos do que as outras crianças, embora a sua situação econômica seja mais vantajosa. Os principais problemas

psicológicos consistem no sentimento de abandono, tristeza, desmotivação e até desespero, revolta e falta de autoconfiança, que, por vezes, podem dar origem a um comportamento violento.

Quando o pai migra, ele geralmente deixa seus filhos aos cuidados da mãe, mas, quando ambos migram, ou quando a mãe, por motivo de separação do marido, viuvez ou ainda por qualquer outro motivo já vivia sozinha com filhos, eles geralmente ficam aos cuidados dos avós, parentes mais próximos ou ainda do ex-companheiro (Reis & Sales 1999). Nesses casos, a família passa por uma reestruturação, alterando sua dinâmica para se acomodar à nova situação. Contudo, segundo Hulsendeger (s/d), esses novos contextos familiares geram, muitas vezes, uma sensação de insegurança e até mesmo de abandono, pois a ideia de um pai e de uma mãe cuidadores dá lugar a diferentes pais e mães “gerenciadores” de filhos que nem sempre são seus. A “família”, no sentido popular significa pessoas aparentadas que vivem em geral na mesma casa, particularmente o pai, a mãe e os filhos. No entanto, no processo de migração essa configuração é alterada. Em nossa cultura, embora levando em consideração que os tipos de família atualmente mudaram muito, quando os casais se separam os filhos geralmente ficam com a mãe, sendo difícil para os filhos, na maioria dos casos, viver sem a sua presença.

Segundo Falicov (2001), as separações dentro das famílias nucleares são frequentes na migração. Ela ressalta que as partidas e os reencontros colocam todos os subsistemas da família em situação de perdas ambíguas e torna obscuro quem está dentro e quem está fora da família. Essas separações e reencontros podem gerar problemas estruturais, emocionais e psicossomáticos em todos os seus membros. Paralelamente à migração, é inevitável o surgimento de outras transições do ciclo de vida, sejam elas normativas ou não normativas. Quando tais transições se passam no país de origem, a migrante não pode comparecer e participar de rituais como a morte súbita de algum parente. Isso aumenta o sentimento de culpa e leva a um processo de questionamento da migração e até mesmo do retorno ou não ao país de origem. Eventos como aniversários dos filhos, comemorações na escola, como o dia das mães, trazem sofrimento não só para a migrante, mas também para os filhos que ficaram para trás. Considerando que transições são períodos de crise e reorganização familiar, quando ocorrem duas ou mais ao mesmo tempo, é possível que os fatores se tornem especialmente estressantes.

No caso de casais separados, os filhos, muitas vezes, ficam no meio da decisão. Em alguns casos, os casais se dividem e ficam em polos opostos de ambiguidade em relação à migração. Um quer que o filho fique e não autoriza a sua migração, enquanto o outro quer levar o filho para viver junto a ele. Um idealiza o novo país e todas as suas possibilidades, enquanto o outro o denigre. Um é otimista em relação à migração, enquanto o outro se torna pessimista. Nesse contexto, a criança ou adolescente fica dividido em relação a que caminho seguir, não tem autonomia própria para decidir e acaba migrando ou ficando, dependendo do acordo feito entre o pai e a mãe.

Quando essas crianças ou adolescentes ficam no país de origem, passam a viver em novas constelações familiares. Novos arranjos familiares surgem, como, por exemplo: os filhos podem ficar com o pai, os avós, outros parentes, vizinhos, pessoas contratadas ou até mesmo sozinhas. Nesses casos, os arranjos nem sempre são admitidos pela sociedade, como no caso de crianças permanecerem sozinhas sem estarem sob a guarda de um adulto. Como expresso por Machado (2006, p.14) “quando as famílias, de antemão, estão estruturadas de forma distinta daquela considerada moralmente adequada, a migração aparece como uma opção perigosa.”

De acordo com Almeida e Siquera (2010) os filhos de pai e/ou mãe ausentes acabam entrando em conflito com os seus cuidadores, geralmente por não reconhecerem a autoridade dos seus novos responsáveis. O sentimento gerado pela sensação de abandono ou de liberdade, associado às transformações biopsicológicas ocorridas no período do desenvolvimento infanto-juvenil, somado às mudanças na estrutura familiar, contribuem para que esses filhos(as) se encontrem numa fase de desequilíbrio e incertezas. Hulsendeger (s/d) defende ainda que independente do arranjo familiar ou da forma como vem sendo estruturada, a família deve ser o espaço imprescindível para garantir a sobrevivência e a proteção integral dos filhos. Contudo, percebemos que a ausência temporária ou definitiva da mãe, devido à migração, leva os filhos a reivindicarem mais que um espaço de sobrevivência e proteção. Eles ficam felizes com os agrados e presentes dados pelas mães, bem como com o padrão de vida oferecido por elas, entretanto, sentem falta da presença materna, da aproximação e da convivência no cotidiano da família.

No relatório final da pesquisa realizada pelo CIAAT – (Centro de Informação e Assessoria Técnica, 2007), os depoimentos dos familiares e amigos de migrantes corroboram

esta assertiva: as crianças estão sendo colocadas em situação de risco, uma vez que são criadas por parentes, sem a presença dos pais. Fica claro que, além dessa brusca ruptura, muitas vezes os filhos têm que mudar de casa, de bairro, o que contribui para reforçar o sentimento de insegurança e não pertencimento. Paula e Vilarino (2007, p.190) afirmam que estes “[...] novos responsáveis apresentam dificuldades em exercer algum tipo de controle sobre as criança ou adolescentes, conseqüentemente, são bastante tolerantes e até mesmo indulgentes em relação aos desejos ou atitudes de rebeldia”. A ausência de regras que limitem e norteiem a vida desses filhos é marcante, pois muitas vezes esses “cuidadores” não são capazes de estabelecer a mesma autoridade dos pais, legitimando, com isso, o sentimento de liberdade ou insegurança sentido pelos filhos de pais ausentes.

Os vínculos familiares representam uma segurança afetiva e material sem a qual é difícil viver. Obviamente que a ruptura desses vínculos traz mudanças e com a migração a família passa a viver conflitos devido a essas mudanças de cunho estrutural, afetivo e social refletidas na vida da criança e do adolescente em desenvolvimento. Entretanto, apesar dessas mães não estarem fisicamente presentes, de alguma forma elas continuam presentes na vida dos seus filhos devido ao fenômeno denominado “presença na ausência”, que aponta para a existência de um relacionamento com seus filhos, mesmo que a distância, seja através das remessas, presentes, contatos telefônicos e via internet.

2.2.1 Efeitos psicossociais da migração materna

As crianças deixadas para trás sofrem de uma ampla gama de problemas psicossociais devido à migração dos pais. Segundo Bakker, Elings-Pels e Reis (2009) elas são colocadas em uma posição vulnerável e estão sujeitas a violações de seus direitos. De acordo com Marinho (2010), a distância pode levar a um afastamento afetivo entre pais e filhos. Entre os efeitos da separação nos filhos destacam-se a tristeza e a alienação por eles sentida. Também Levitt (2001), apoiando-se no estudo que realizou sobre famílias transnacionais originárias de Miraflores (República Dominicana), enfatiza os efeitos negativos da separação de crianças dos seus pais biológicos, salientando que separar pais e filhos por longos períodos traz sérias conseqüências emocionais. Poucos estudos, porém, tentaram distinguir os efeitos com base no sexo do genitor(a) migrante, em virtude de que a literatura acerca da mulher migrante é limitada.

O problema da migração materna é particularmente evidente na América Latina, porque, em alguns países latino-americanos, a migração feminina tem se tornado predominante (Immigration and Refugee Board, 2005). Além disso, uma das questões-chave tem sido relacionada a normas sociais sobre o estatuto e as funções das mães de famílias. Com efeito, a mãe tem a responsabilidade primária em muitas áreas relacionadas aos filhos, e, dentro das culturas latino-americanas, isso não pode ser transferido para outros. Em outras palavras, quando ocorre a transferência de cuidados de uma mãe para as outras pessoas, a mãe se torna sujeita à desaprovação social e à estigmatização, mesmo nos casos em que os familiares em casa, inicialmente, apoiassem a sua migração. A mãe ainda sofre porque ela mesma passa a acreditar que ficou aquém de suas funções. A devoção das mães latino-americanas tem sido celebrada, e muitas vezes estereotipada. Nas atuais circunstâncias, no entanto, o processo de adaptação para as famílias latino-americanas apresenta características peculiares. As expectativas associadas com as opiniões convencionais sobre devoção maternal têm dado origem a uma série de situações problemáticas e, frequentemente, têm produzido uma grande quantidade de sofrimento para algumas mães e filhos.

Parreñas (2005), em sua pesquisa sobre mães migrantes, afirma que maternidade é um componente ideológico, o que agrava a já difícil experiência da separação. A responsabilidade pelo cuidado emocional dos filhos permanece, na maioria dos casos, com as mulheres. Para a autora, os sentimentos de dor nas famílias transnacionais são promovidos pela separação, no entanto, eles são, sem dúvida, intensificados pelas expectativas autoimpostas nas mães de seguir cultural e ideologicamente deveres inscritos na família. A referida autora explica ainda que a dor da separação nos filhos gerou sentimentos de rejeição, solidão, vulnerabilidade, insegurança e abandono pelo fato de terem estado separados das suas mães, mesmo após a reunificação. Cortes (2010) comparou filhos de pais migrantes com filhos de mães migrantes nas Filipinas e concluiu que a migração materna tem um efeito negativo global sobre a educação das crianças, argumentando que a ausência materna é mais prejudicial do que a ausência paterna. Da mesma forma, Jampaklay (2006) concluiu que a ausência materna, a longo prazo, afeta negativamente a educação das crianças na Tailândia, o que não acontece, no mesmo nível, em relação à ausência paterna.

Segundo Parreñas (2005), os filhos de mães migrantes apresentam maiores problemas do que os filhos de pais migrantes. A referida autora acrescenta que, ouvindo partes das entrevistas com filhos de mães migrantes, a pessoa poderia dizer que eles não receberam

nenhum cuidado. De vários modos eles dizem que não receberam o cuidado adequado pelas pessoas da família com quem ficaram. Filhos a quem as mães mandavam remessas de dinheiro e, além disso, telefonavam pelo menos uma vez na semana, dizem-se “abandonados”. Crianças ou adolescentes cuja tia ajudava nas tarefas escolares, dizem ter recebido cuidado inadequado. Geralmente, os filhos têm uma visão da função materna que os fazem acreditar que é impossível exercer essa função a distância. Interessante que esses filhos afirmam que, mesmo tendo outra pessoa a qual podiam chamar de mãe, como a avó, por exemplo, mesmo assim ela não seria capaz de substituir o lugar da verdadeira mãe. Em geral, os filhos questionam a qualidade do cuidado que eles receberam de outros parentes, afirmando que eles só lhes deram o que era obrigatório como comida e roupas. Como exemplo, temos Roan, um rapaz de 17 anos, cuja mãe é migrante há onze anos e foi entrevistado por Parrenãs. Ele disse: “O certo é que minha mãe estivesse ao meu lado”!

O abandono de um pai ou de uma mãe, muitas vezes, exerce efeitos permanentes sobre a vida das crianças e adolescentes. Muitos passam a vida inteira lutando com sentimentos de rejeição e perda. As muitas promessas não cumpridas de reunião com a mãe tendem a resultar em instabilidade emocional. O deslocamento de crianças que vão mudando de casa entre familiares, o que é comum quando os pais migram, pode causar muitos danos, pois viver nesse nível de instabilidade pode ter efeito negativo, aumentando o risco de depressão, sentimentos de baixa autoestima e ainda maiores dificuldades para a formação de relacionamentos saudáveis no futuro.

As consequências psicossociais e emocionais da separação de um dos pais parecem também variar de acordo com o sexo da criança ou adolescente. Os mecanismos de enfrentamento entre os meninos costumam incluir exteriorizar a sua dor e frustração, enquanto as meninas tendem a internalizar o seu sofrimento. Jones, Sharpe e Sogren (2004) relataram que os meninos eram mais propensos a ter problemas com relacionamentos interpessoais, enquanto as meninas experimentavam humor negativo e baixa autoestima.

Além das evidências de problemas de comportamento com relação a crianças que foram deixadas para trás, também há uma ligação especial com bens materiais. Pais migrantes e principalmente mães migrantes, em muitos casos, tentam compensar sua ausência através do envio de uma quantidade significativa de recursos materiais, na forma de remessas de dinheiro ou malas com roupas e sapatos. Em Belize (Reis, 2008), esse tipo de

compensação tem sido observado como uma forma de fazer as crianças mais ligadas aos bens materiais, resultando em uma perda de valores morais e deteriorização de amor e respeito por seus pais ou mães ausentes. Além dos prejuízos biológicos, psicológicos e sociais que afetam a vida dos filhos devido a essa ausência, nota-se o apego demorado aos bens materiais desenvolvidos por essas crianças, a partir do exemplo dos pais. O poder do dinheiro estraga as crianças, pois, muitas vezes, eles se tornam consumistas, devido ao fato de que os próprios pais enviam presentes e dinheiro para suprir a ausência afetiva (CIAAT, 2007).

Os pais vão em busca de melhores condições econômicas e, para compensar a ausência, mimam os filhos com presentes caros, viagens, festas. Existem filhos que conhecem os pais através de fotos. Os pais se tornam estranhos e uma espécie de Papai Noel, sendo reconhecidos somente quando querem ganhar presentes. (CIAAT, 2007). Os pais são o exemplo mais marcante para os filhos. Seu modo de se relacionar com o mundo, suas crenças e valores modelam a personalidade dos filhos, que tendem, não necessariamente, seguir o mesmo caminho dos pais, mas a valorizar o que é importante para os mesmos e está implícito nos gestos, ações e atitudes. Assistentes sociais observaram, além disso, que o desejo por bens materiais, muitas vezes, leva as crianças e adolescentes para o crime e a violência, especialmente se as remessas pararem de vir. Outro problema de comportamento observado é um aumento da quantidade de crianças envolvidas com a violência.

Em uma pesquisa realizada por Bakker et al. (2009) ficou evidente que a ausência das mães, foi um dos fatores determinantes para as crianças se envolverem com atos de violência. De acordo com os resultados do inquérito, as mães de 80% das crianças em conflito com a lei estavam ausentes de suas audiências. Entre esses casos, a segunda explicação mais comum para ausência da mãe foi por migração. Crianças que foram deixadas para trás também correm mais risco de ficar longe de casa ou abandonar a escola. Crianças e adolescentes de pais migrantes também enfrentam uma maior probabilidade de riscos de abuso, incluindo abuso sexual. De acordo com a avaliação do programa de Saúde, Educação e Vida Familiar no Caribe (Bakker et al., 2009), 18% das crianças respondentes (com uma idade média de 14,7 anos) experimentaram sexo forçado. Os pesquisadores concluíram que a vulnerabilidade ao abuso aumenta significativamente quando uma criança perde a proteção de um dos pais. O gênero da pessoa que migrou (pai ou mãe), entretanto, tem efeitos diferentes sobre os filhos que ficaram. Do que pode ser entendido, em termos de consequências e em função dos papéis de gênero na experiência da pesquisa realizada no Caribe (Bakker et al.,

2009), fica claro que, quando a mãe migra, o abuso é mais provável de ocorrer, seja ele físico, emocional ou sexual. Por outro lado, quando é o pai que migra, ele deixa a criança mais protegida, pois a mãe permanece, na maioria dos casos, ao lado dos filhos.

Confirmando os dados apresentados de pesquisas internacionais na realidade brasileira, Alves (2009) relatou que, enquanto as filhas de mulheres goianas no exterior vivem de programas sexuais, os meninos se envolvem em roubos e até em assassinatos. A assistente social Michele Santos, em entrevista concedida a Alves (2009), disse conhecer como ninguém histórias de adolescentes que têm os pais na Europa e não tem dúvida de que a falta dos pais contribuiu para a marginalização das crianças e adolescentes deixados para trás. Mesmo os que são levados depois pela mãe, convivem com as sequelas do abandono inicial. Ela relata que muitos dos meninos e meninas que as mães levam para a Europa acabam voltando sozinhos. No período em que ficaram sofrendo a ausência dos pais, essas crianças criaram hábitos e vícios e, muitas vezes, acabaram perdendo-se. Elas têm dificuldade para se adaptar a outro mundo.

2.2.2 Efeitos educacionais

Desde que, na maioria dos contextos, eram os homens que migravam, os estudos em grande parte da literatura contêm uma invisibilidade de gênero abordando, de forma mais ampla, a temática da ausência paterna (Lahaie, Hayes, Piper & Heymann, 2009; Antman, 2011). Zoller (1995) salienta a importância do papel do pai como disciplinador e como figura importante na interpretação dos efeitos negativos da migração paternal sobre a prontidão escolar das crianças na Suazilândia. Lahaie et al. (2009) constataram que a migração de um dos pais está significativamente associada a problemas escolares, comportamentais e emocionais para as crianças deixadas para trás no México.

Já no Caribe (Bakker et al. 2009), em termos de educação, a falta da presença e a orientação dos pais tem vários efeitos sobre o desempenho escolar de crianças deixadas para trás. Os pesquisadores identificaram dois grupos etários particularmente vulneráveis. O primeiro deles diz respeito às crianças entre as idades de 11 e 13 anos que estão em transição do ensino fundamental I para o ensino fundamental II. Essas crianças pareciam mais propensas a se envolverem em brigas ou a abandonarem a escola devido às dificuldades de enfrentamento da situação. O segundo grupo envolve adolescentes com idades entre os 14 e 18

anos. Eles adolescentes, às vezes, eram obrigados a assumir papéis de pais substitutos, junto aos irmãos menores, fenômeno referido como "parentificação". Trata-se de jovens que são particularmente vulneráveis, considerando o pouco apoio que lhes foi dado, por serem considerados adultos o suficiente para entender a situação. Embora as remessas de dinheiro sejam frequentemente usadas para aumentar a oportunidade de educação dos filhos, isso nem sempre acontece.

Alguns estudos, entretanto, encontraram efeitos positivos da migração na escolaridade e nos resultados educacionais de crianças e adolescentes deixados para trás (Antman, 2009). Aqueles que encontraram efeitos positivos tendem a enfatizar a importância das remessas dos migrantes que melhoram os recursos econômicos da família. Um exemplo disso foi o estudo realizado por Hanson e Woodruff (2003), que encontraram efeito positivo no nível de escolaridade de meninas no México, em famílias em que uma das figuras parentais havia migrado. Ao contrário, estudos que encontram efeitos negativos se centralizam na ausência dos pais e argumentam que os efeitos negativos da ausência deles independem de quaisquer melhorias na renda.

2.3 Os familiares responsáveis

Segundo Silva, Coelho e Campos (2010) observa-se que inúmeras alterações na sociedade resultaram em modificações na dinâmica familiar, levando, entre outros fatores, ao fenômeno onde se evidencia um crescente número de casos de avós que passam a assumir a criação de seus netos.

De acordo com Orb e Davey (2005), atualmente, os avós são confrontados com situações não convencionais de cuidados com os seus netos. Para Cardoso (2010), dentro do ciclo vital individual, tornar-se avó ou avô compreende uma das mais significativas etapas da vida, no entanto, nas décadas recentes, foi demonstrado que vários idosos ou pessoas de meia idade saíram da função exclusiva de ser avós para ocupar também o papel de pais em relação aos seus netos. Lopes, Neri e Park (2005) acrescenta que o aumento da perspectiva de vida em razão da longevidade e melhoria da qualidade de vida proporciona chances para que os avós acompanhem seus netos até a idade adulta. Na realidade, os avós tiveram seus papéis expandidos indo muito além de apenas conviverem com os seus netos. Alguns chegam a obter

sua guarda Judicial, proporcionando cuidado diários e assumindo a total responsabilidade por eles.

Segundo Dias, Aguiar e Hora (2009), dentre os vários motivos que levam a essa situação, estão os crescentes números de divórcios e separações, da gravidez na adolescência e da falta de emprego. Além disso, verifica-se o uso de droga dos pais, encarceramento, doenças, morte e acrescenta-se a essa lista a migração dos pais.

Segundo Cardoso (2011), quando os pais estão ausentes da vida dos netos, os avós acabam substituindo-os. No caso do papel da mãe, por exemplo, a avó torna-se uma mãe substituta. Dessa forma os avós auxiliam na formação do caráter dos netos. Pinto e Rodrigues (2006) explicam que as gerações tem potencial para se protegerem, se educarem e estimularem-se mutualmente. As referidas autoras acreditam que a relação dos netos com avós podem melhorar a qualidade de vida dos idosos fornecendo afeto e espontaneidade, como também permite aos avós transmitirem aos netos orientação, confiança e apoio. Assim o papel dos avós se amplia e permitem uma relação afetiva e próxima com os netos. Esses avós ativos e presentes na educação dos netos acabam passando por uma inovadora experiência de envelhecimento (Araújo & Dias, 2002).

Para Lopes et al. (2005), existem dois tipos de estrutura familiar que englobam avós e netos. Uma delas é o arranjo em que os pais ou, pelos menos um deles, reside com os avós e os netos. A outra é aquela em que os pais estão ausentes e aos avós cabe todo cuidado com os netos, sendo esse último tipo de estrutura o que acontece quando ocorre a migração materna. Nesse caso, atualmente, é grande a quantidade de crianças e adolescentes que vivem com outros responsáveis, mas principalmente com os avós. Dessa forma o papel dos avós ou de outros parentes que ficam responsáveis pelas crianças torna-se fundamental para o seu desenvolvimento.

De acordo com Cheianu-Andrei et al. (2011), os avós, mas principalmente as avós, assumem um papel de educadoras dos netos até estes se reunirem com os pais ou até mesmo definitivamente. Segundo o Observatório das Migrações (2012) é importante salientar que a migração pode ter impacto psicológico não apenas sobre as crianças, mais também sobre os idosos e outros membros da família que permanecem no país de origem.

Segundo Tonhati (2013), essa situação tem-se tornado dramática em nosso país, uma vez que a família brasileira é tradicionalmente um local de cuidado para os pais idosos e ainda considerado o melhor lugar para se viver. Tonhati (2013) afirma que é grande número de mulheres brasileiras (filhas) que migraram nas últimas três décadas. Em sociedades como a nossa, em que os filhos, mas, sobretudo as filhas, são considerados um recurso para a velhice, a emigração pode ocasionar uma perda de crença e confiança por parte dos pais idosos. Portanto, a migração dos seus filhos expõe os idosos a toda uma série de emoções geradas pela solidão e pela impotência. No entanto, tomar conta dos netos pode fazê-los sentir-se melhor, compensando os sentimentos de solidão.

No entanto, de acordo com Orb e Davey (2005), alguns autores também referem dificuldades em relação ao cuidado com os netos, principalmente a partir do momento em que têm em mãos a responsabilidade primária de cuidado, ou seja, o lugar dos pais. Alguns estudos sugerem que cuidar dos netos pode ser um grande fardo. Tais avós são confrontadas com um novo modo de vida, diferente daquele esperado por elas nesta época da sua vida (Ehrle & Day, 1994). Segundo Kofman e Raghuram, (2009), os idosos são muitas vezes esquecidos, mas assumem papéis importantes como prestadores de cuidado em famílias transnacionais.

De acordo com Machado (2006), quando as crianças ficam sob os cuidados da avó, por exemplo, a relação que se estabelece entre avós e netos pode adquirir características da relação entre mães e filhos, com o neto chamando a avó de mãe. Corroborando o autor citado, Cardoso (2011) afirma que, ao assumir a responsabilidade primária de cuidado com os netos, a avó acaba sendo 'substituta' da mãe, apresentando comportamento semelhante no que se refere à criação dos netos. O fenômeno que pode ser encontrado nesta situação é a confusão de papéis, pois a avó necessita exercitar múltiplos e diferentes papéis. (Pinto; Arrais & Brasil, 2014). Orb e Davey (2005) indicam que o papel parental as deixa ocupadas e ativas, mas se estivessem ocupando o papel de avó deveriam estar descansadas para providenciar apoio físico, emocional e espiritual para os netos. Exercendo ambos os papéis, as avós podem sentir-se sob estresse constante, o que acarreta perdas em suas vidas sociais. As avós se sentem bastante preocupadas com o bem-estar dos netos, uma vez que precisam compensar a ausência dos pais (Waldrop & Weber, 2001). Assim, de acordo com Orb e Davey (2005), as avós podem se sentir exaustas ao tentarem disciplinar seus netos e, devido a sentimentos de vergonha, preferem permanecer em silêncio sobre os problemas encontrados na situação de avó cuidadora.

Diante desse cenário, a avó assume várias funções, ainda pouco reconhecidas pela sociedade. De acordo com Dias e Schuler (2013), as avós, de maneira geral, sentem-se felizes em poder criar os seus netos, mas, em alguns momentos, apresentam uma ambivalência afetiva. Dias, Costa e Rangel (2005) acrescentam que esses sentimentos de ambivalência em relação à criação dos netos se refletem quando as avós expressam também queixa de sobrecarga, cansaço e estresse. Para lidar com a carga emocional experimentada na situação de avó cuidadora, faz-se necessário criar estratégias. Apesar da relação entre avós e netos ser considerada benéfica por Willimsom, Softas-Nall e Miller (2003) também é possível constatar várias dificuldades decorrentes deste convívio, especialmente quando a avó cuida dos netos em tempo integral, o que pode acarretar altos níveis de estresse e sobrecarga. Dias, Ataíde, Albuquerque e Magalhães (2011) apontaram ainda que, especialmente no caso de avós guardiãs, os sentimentos são bastante diversificados como o de perda (da filha, de sua liberdade, entre outros), de ansiedade, de raiva, de rancor contra os filhos que a colocaram nessa situação. Sentem medo de não ver o neto chegar à idade adulta e de que não tenham quem assuma seu lugar caso venham a faltar, sentem a sensação de inadequação e de terem falhado como mães, numa confusão no exercício de papéis que deveriam ser dos pais. Segundo os autores, os avós chegam a apresentar sentimentos de depressão e tendem a esquecer sua própria condição de saúde em prol dos netos. O estudo de Mainetti e Wanderbroocke (2013) explicita que a maioria dos estudos apontam efeitos negativos sob diversos âmbitos da vida das avós que cuidam dos seus netos.

Diante desse contexto, em vários casos, a migração ocasiona rupturas da relação original entre pais e filhos. Por outro lado, se os filhos ficam sob os cuidados de pessoas contratadas ou sozinhos, os resultados, na maioria dos casos, não são positivos e resultam em problemas comportamentais e envolvimento com drogas ou prostituição. Dessa forma, os avós que necessitam de cuidados passam a cuidar dos netos e, muitas vezes, são os netos, também necessitados de cuidados, que cuidam dos avós. É possível também que os netos recebam menos atenção dos avós idosos, em função da idade e conseqüente falta de disposição física e saúde, o que pode ter efeitos no seu desenvolvimento em todas as áreas.

Concluindo, é possível perceber que não apenas as configurações da família se modificam, mas também as relações e, conseqüentemente, os sentimentos durante o processo migratório (Reis & Machado, 2008). Os familiares que permanecem no Brasil sentem, de maneira intensa, a ausência do familiar que migrou. Esses sentimentos são expressos com

maior intensidade nos meses iniciais dos projetos migratórios e modificam-se ao longo do tempo. No caso dos filhos, o processo de migração institui relações que são vistas como sofridas e difíceis, o que, certamente, também tem repercussões não só nas suas vidas, mas também na dos avós ou dos responsáveis com quem convivem no âmbito familiar.

3. OBJETIVOS E MÉTODO

Em função dos objetivos propostos neste estudo, optamos por uma pesquisa de natureza qualitativa, que possibilita um conhecimento que ultrapassa os dados meramente estatísticos, priorizando o objeto de investigação a partir do que é colocado pelos participantes e do significado que possui para eles. A pesquisa qualitativa está relacionada aos significados que os participantes atribuem às suas experiências. Essa abordagem interpreta os fenômenos sociais como interações e comportamentos sob o ponto de vista dos participantes (Pope & Mays, 2005). As metodologias qualitativas, de modo geral, privilegiam a análise de microprocessos sociais, individuais e grupais, realizando um exame intensivo dos dados em sua amplitude, profundidade e multiplicidade no momento da análise (Minayo, 2004).

Baptista (1994) afirmou que o pesquisador possui um papel fundamental neste tipo de pesquisa, à medida que age como descobridor dos significados das ações e das relações ocultas nas estruturas, captando o universo das percepções, das emoções e das interpretações dos participantes no contexto. A autora afirma que, na metodologia qualitativa, a realidade aparece como sendo uma construção, na qual o investigador participa supondo uma interação entre o pesquisador e o objeto de conhecimento, num processo contínuo que procura entender a realidade da investigação, compreendendo os fenômenos numa perspectiva histórica e holística.

Martins e Bicudo (1994) afirmam que, de forma diferente da pesquisa quantitativa, a pesquisa qualitativa busca uma compreensão particular daquilo que se estuda. Uma ideia mais geral sobre tal pesquisa é que ela não se preocupa com generalizações, princípios ou leis. A generalização é abandonada e o foco de sua atenção é centralizado no específico, no peculiar, no individual, almejando sempre a compreensão e não a explicação dos fenômenos estudados. Turato (2003), corroborando os autores citados, afirma que, em uma busca qualitativa, preocupamo-nos menos com a generalização e mais com o aprofundamento e abrangência da compreensão. Portanto, certamente o número de pessoas é menos importante do que a teimosia de enxergar a questão sob várias perspectivas, pontos de vista e de observação.

Como mencionamos anteriormente, alguns fatores foram decisivos na escolha do tema do presente estudo como a invisibilidade do fenômeno da migração feminina, principalmente

no Nordeste, e suas consequências para os filhos que aqui ficam, assim como a escassez de estudos nacionais sobre o tema. A partir desses fatores, surgiu o objetivo geral da pesquisa, que é compreender a experiência e as repercussões da migração da mãe para o exterior na vida dos filhos que ficaram. O que norteia a direção da nossa pesquisa são os seguintes objetivos específicos, relacionados entre si.

- Descrever o impacto sentido pelos filhos, por ocasião da migração de sua mãe, os sentimentos experimentados e as necessidades sentidas.
- Analisar, na perspectiva do(a) cuidador(a) da criança, como percebe o desenvolvimento dessa nos aspectos social, emocional, afetivo e escolar, a partir da migração da mãe.
- Identificar as estratégias de convivência estabelecidas na nova realidade pelas crianças e seus cuidadores e as expectativas para o futuro.

A partir dos referidos objetivos, elaboramos o trajeto do presente estudo.

3.1 Método

3.1.1 Participantes

Quanto ao critério de escolha dos participantes, foi usada a amostragem proposital. Por esse critério, o pesquisador escolhe deliberadamente os participantes que comporão o estudo de acordo com os objetivos do trabalho, desde que possam fornecer as informações referentes a ele (Turato, 2003). Os participantes colaboradores desta pesquisa foram seis responsáveis pelos adolescentes, sendo quatro avós (três maternas e uma paterna), uma tia e um pai, bem como os sete adolescentes (sendo dois irmãos) que ficaram sob sua guarda porque suas mães migraram para o exterior. Os participantes são identificados por letras e números: Famílias A, B, C, D, E, e F, de modo que seus nomes sejam preservados e suas identidades mantidas em sigilo. A seguir, faremos uma breve descrição de cada família.

Família A: composta pela avó materna (Senhora A), viúva, 66 anos, aposentada por idade, viúva, cuidadora da neta (Filha A1), 17 anos, desde o nascimento. A filha engravidou ainda adolescente e continuou a morar com ela, mas decidiu migrar para a Suíça quando a neta tinha dois anos. A filha se casou e, tendo legalizado a sua situação no país, mandou buscar a filha. Porém, após um tempo, a neta retornou por não ter-se adaptado ao novo país. Com relação ao

pai da neta, ele é pouco envolvido com a filha. A avó cursou o ensino fundamental I incompleto e a adolescente cursa o primeiro ano do ensino médio. Atualmente a filha esta separada da mãe há oito anos, e mantém contatos regulares com ela via internet.

Família B: composta pela avó paterna (Senhora B), viúva, 60 anos, cuidadora da neta (Filha B1), 17 anos desde os sete anos. Seu filho mais velho trouxe sua neta para morar com ela, pois sua ex-companheira migrou para a Suíça, casou-se e teve outro filho. A avó cursou o ensino fundamental I e a adolescente cursa a 8ª série do primeiro grau. Atualmente, a filha está separada da mãe há dez anos. Nos últimos anos, mantém contatos virtuais com ela.

Família C: composta pela avó materna (Senhora C), separada, 70 anos, cuidadora do neto (Filho C1), 14 anos, desde os sete anos. A sua filha, quando foi abandonada pelo companheiro, já com dois filhos, migrou para a Suíça com a intenção de refazer a família. Deixou os dois filhos com ela: uma menina de quatro anos e um menino de sete anos. Depois de dois anos, quando se recasou, a filha levou os próprios filhos, mas o menino, após um período retornou. A avó cursou o ensino fundamental I e o adolescente cursa a 6ª série. Atualmente, o filho está separado da mãe há três anos e mantém contatos regulares com ela via internet.

Família D: composta pelo pai (Senhor D) com 59 anos, divorciado, cuidador de dois filhos há três anos: uma filha (Filha D1) de 18 anos e um de filho (Filho D2) de 13 anos. A mãe emigrou ilegalmente para a Suíça para trabalhar. O pai possui o nível superior, a filha cursa o 3º ano do ensino médio e o filho cursa a 6ª série do primeiro grau. Atualmente, os filhos estão separados da mãe já há três anos e mantém contatos regulares com ela via internet.

Família E: composta pela avó materna (Senhora E), 65 anos, viúva, cuidadora do neto (Filho E1) de 18 anos. Ela só tem uma filha, que engravidou ainda adolescente, e deixou o filho com ela quando ele tinha três anos. A filha migrou para S. Paulo e depois para os Estados Unidos. O adolescente nunca teve contato com seu pai. A avó cursou o ensino fundamental I incompleto e o adolescente parou de estudar na 8ª. série do primeiro grau. No momento, encontra-se desempregado e não estuda. O filho está separado da mãe há quinze anos. No início da separação os contatos eram esporádicos e, atualmente, são inconstantes.

Família F: composta pela tia materna (Senhora F), 52 anos, casada, que ficou responsável pelo sobrinho (Filho F1) de 18 anos. Sua irmã migrou ilegalmente para a Alemanha. Seu sobrinho, na época com 14 anos, ficou morando sozinho e ela ficou responsável por ele. A mãe dele migrou há quatro anos e nunca pôde vir ao Brasil. O pai mora aqui, mas não dá nenhuma assistência. A tia cursou o ensino fundamental I e o adolescente cursou até a 8ª série do primeiro grau. No momento, está desempregado e não estuda. Atualmente, o filho está separado da mãe há quatro anos e manteve contato semanais com ela no início, tendo-se tonando mais distante nos últimos anos.

3.1.2 Instrumentos

Como instrumento de pesquisa, foi utilizada a entrevista semi-estruturada (anexos 3 e 4). Esse instrumento permite que a entrevista seja orientada por tópicos, que são introduzidos pelo pesquisador, sem que uma ordem rígida tenha que ser seguida. Dessa maneira, a entrevista com roteiro semiestruturado, como técnica de coleta de dados, ao mesmo tempo que valoriza a presença do investigador, oferece todas as perspectivas possíveis para que o informante alcance a espontaneidade necessária, favorecendo a investigação. Ela foi composta pelos dados sociodemográficos dos participantes além de questões que se relacionaram aos objetivos do estudo. Houve um roteiro específico para os responsáveis e outro para adolescentes.

Outro instrumento utilizado como técnica de investigação foi o teste do Desenho da Família, que também foi aplicado aos adolescentes. Esta técnica projetiva permite que fenômenos inconscientes se revelem através de aspectos simbólicos do desenho. Segundo Dias (2011), o objetivo dessa técnica é entender as situações afetivas no meio da família. Na prática, ela permite observar os tipos de conflito existente, o valor atribuído à família, as rivalidades entre irmãos, às fixações, entre outros. De acordo com Cormam (1979), a instrução para a aplicação é a seguinte: “Desenhe uma família”. Enquanto o participante desenha, é observado discretamente o que risca, apaga, substitui, a ordem das figuras, hesitações e expressão facial. Após o desenho, se dá as seguintes instruções, acompanhadas das seguintes perguntas:

1. Identifique cada personagem: quem é a figura, o que faz, que idade tem, como ela é;
2. Explique sobre os detalhes do desenho que o pesquisador não entendeu;

3. Qual o melhor, qual o pior, qual o mais feliz, qual o menos feliz e, para cada resposta pedir uma justificativa. Acrescentar ainda duas perguntas e você nesta família, a quem prefere? E qual deles gostaria de ser?

Para facilitar a análise do desenho é necessário se ter um histórico da família, o que na presente pesquisa, foi feito através das entrevistas.

As variáveis da análise do desenho da família utilizadas e propostas por Corman (1979) e Hammer (1985) e seus respectivos significados psicológicos vêm a seguir.

Aspectos formais e gerais do desenho

- *Posição da folha* – a folha representa o ambiente delimitado pelas bordas do papel e “imposto” ao sujeito. Sua posição indica como ele se coloca perante o mundo.
- *Localização na página* – revela a orientação geral do indivíduo no ambiente e consigo mesmo.
- *Força ou pressão do traço* – refere-se ao nível energético expresso pelo sujeito. Sinal de vitalidade, decisão, iniciativa ou insegurança, ansiedade, falta de confiança.
- *Qualidade da linha* – dá indícios de força, dependência, insegurança, espírito de luta, obstinação, de acordo com as características das linhas (retas, curvas, curtas).
- *Tamanho* – revela a relação dinâmica do sujeito com seu ambiente, como está reagindo às pressões.
- *Simetria* – indica como estão estruturados os sentimentos de segurança emocional e como se lida com eles.
- *Movimento* – o movimento está associado à inteligência e ao tônus vital. A presença indica inteligência superior, potencial de realização, capacidade criadora. Sua ausência indica repressão, inibição.
- *Detalhes* – podem ser escassos ou ausentes, adequados ou inadequados, excessivos, revelando desde retraimento a rigidez e obsessividade.
- *Indicadores de conflito* – o conflito está associado à parte do desenho ou à personagem desenhada. Eles são expressos através de rasuras, negrito, borraduras, correções e retoques, sombreamento, resistências a desenhar e comentários.
- *Uso da borracha* – está relacionado à autocrítica.

Aspecto de conteúdo do desenho

- *Tipo de família* – pode ser representada a família *real*, que indica a aceitação da própria família ou a família *ideal*, que sugere o desejo de ter outra.
- *Valorização de figuras* – trata-se de um ou mais personagens em relação aos quais o sujeito demonstra ter sentimentos positivos, em geral.
- *Desvalorização de figura* – geralmente é indício de conflito com a personagem desvalorizada e/ou demonstração de não afinidade com ela.
- *Omissão de figuras* – trata-se da desvalorização levada ao extremo.
- *Personagem acrescida* – revela tendências e indícios de sentimentos referentes à figura acrescida.
- *Os laços e relações à distância* – dizem respeito à posição que as figuras ocupam no papel, indicando harmonia familiar ou desigualdade nas relações entre os diversos membros.
- *Relação fraterna* – diz respeito às relações com os irmãos, podendo ser expressa por *reação agressiva* (desvalorização de um ou todos os irmãos) ou *reação depressiva* (desvalorização de si mesmo).
- *Relação com os pais* – refere-se à relação da criança para com os seus genitores. Podem ser observados indicadores de relação *edípica franca* e relação *edípica disfarçada*.

3.1.3 Procedimentos da coleta de dados

Alguns participantes foram indicados por pessoas conhecidas da pesquisadora e que, por sua vez, indicaram outras.

No que se refere aos responsáveis, após um primeiro contato com a pesquisadora, um Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE), contendo as informações sobre o estudo e as condições de participação, lhes foi apresentado conforme a resolução n.466/12 do Conselho Nacional de Saúde (Brasil, 1996), que define procedimentos e cuidados éticos na pesquisa envolvendo seres humanos (Anexos 1 e 2). Eles foram informados sobre os objetivos da pesquisa e sobre o aspecto voluntário da participação, com preservação do anonimato e, ainda, sobre o direito de se retirarem do estudo a qualquer momento sem que sofram nenhum tipo de dano. No tocante aos adolescentes, o mesmo procedimento quanto ao TCLE foi feito. No início, eles foram convidados a fazer o teste do Desenho da Família e a entrevista foi realizada a seguir. Cada participante foi atendido individualmente em sua residência em

horários combinados antecipadamente. Todas as entrevistas foram gravadas e, posteriormente, transcritas de maneira literal.

3.1.4 Procedimento de análise de dados

As informações obtidas através das entrevistas foram analisadas de acordo com a Técnica de Análise de Conteúdo Temática (Minayo, 2004). A análise de Conteúdo Temática apresenta três etapas: a *pré-análise*, a *exploração do material* e a *interpretação dos resultados* obtidos. A *pré-análise* consiste na primeira fase, em que há a organização do material a ser analisado. Nessa etapa, foi realizada uma leitura atenta de todo material fornecido pelos participantes, buscando selecionar as informações que estivessem em consonância com os objetivos da pesquisa. Na *exploração do material*, foi realizada a análise propriamente dita, ou seja, a partir da leitura do material, o texto foi recortado em suas unidades de registro, permitindo identificar as categorias que foram trabalhadas. Em seguida, *na análise e interpretação dos resultados*, os temas emergentes foram analisados com base na literatura consultada.

Para analisar o Desenho da Família é necessário fazer uma leitura bastante global do desenho e, em seguida, o exame vai se tornando mais preciso (Cognet, 2013). No primeiro momento, foi analisado o aspecto formal ou gráfico, no qual é observado o traçado do desenho, levando em consideração todas as variáveis propostas por Cormam (1979). Logo após, foi realizada uma análise de conteúdo que independente, da família desenhada, sempre toma como base a própria família do participante. Essa análise seguiu as variáveis propostas pelo referido autor. Os questionários referentes aos desenhos foram relacionados à análise formal e de conteúdo.

Todos os resultados obtidos, decorrentes das entrevistas com os responsáveis, bem como da entrevista dos adolescentes e desenho da família foram relacionados para uma melhor compreensão do fenômeno estudado.

4. ANÁLISE E DISCUSSÃO DOS RESULTADOS

O principal propósito deste capítulo é apresentar e discutir os resultados encontrados na pesquisa. A análise e a discussão dos resultados foram construídas a partir de uma triangulação dos dados oriundos das entrevistas com o familiar responsável, com o adolescente e também da análise do desenho da família realizado por ele.

Foram levantados três eixos temáticos que foram analisados ao longo das entrevistas: impacto sentido pelas crianças e adolescentes por ocasião da migração da mãe; mudanças observadas pelo responsável no desenvolvimento da criança ou adolescente nas áreas emocional, social e escolar; estratégias de convivência e expectativas para o futuro. Após a análise das entrevistas, apresenta-se o desenho da Família e sua respectiva análise.

4.1. Análise e discussão dos resultados de cada família

4.1.1. Família A: Avó materna (Senhora A) e neta (Filha A1)

Segundo a Teoria Bioecológica do Desenvolvimento (1979/1996), a migração é uma transição não normativa que acarreta várias consequências. Acerca do impacto causado pela migração, Siqueira (2009) afirmou que ela gera um sentimento de angústia, comumente compartilhado pelos que partem e pelos que ficam. Na perspectiva da avó A, a migração da filha foi muito difícil descrevendo esse sentimento no seguinte trecho:

Quando minha filha foi embora eu senti muito, e ainda fiquei sozinha com a responsabilidade da minha neta. Ela disse pra mim: “Por favor, mãe, não deixa minha filha se esquecer de mim”. (Senhora A)

Analisando o microsistema família com a migração materna, infere-se que ele passa por uma série de modificações e avó A, nesta situação, passou a deter total responsabilidade pela neta, corroborando o que disseram Reis e Sales (1999) sobre quando a mãe solteira, decide migrar: os filhos, na maioria dos casos, ficam com os avós, ou parentes mais próximos, como vemos na seguinte fala:

Desde a maternidade minha neta ficou comigo. Minha filha foi mãe solteira, com dezoito anos, e morava comigo. Quando a minha filha revolveu viajar, a minha neta tinha só dois aninhos. Ela sentiu falta da mãe, mas já era acostumada comigo. (Senhora A)

Neste microssistema familiar, vemos a passagem por duas transições não normativas que se sucederam: a gravidez na adolescência da filha e, posteriormente, sua migração. Segundo Machado (2006), quando as crianças ficam aos cuidados dos avós, a relação entre avós e netos pode adquirir características da relação entre mães e filhos e a avó, de certo modo, passa a assumir um papel que, na verdade não pertence a ela. Esse fato pode ser visto na relação entre a senhora A e a sua neta.

Ela já está comigo há uns 14 anos, pois desde dois anos a mãe foi embora. A distância é muito grande, ela não teve convivência e não aprendeu a gostar da mãe. Pra ela a mãe sou eu. (Senhora A).

De acordo com Falicov (2001), ainda que não existam rituais de transição para a migração, as famílias criam formas de enfrentar as perdas ambíguas através de rituais que a autora nomeou como rituais espontâneos e os subdividiu em categorias. Entre elas, está o ritual de manter a memória do familiar ausente, como no seguinte depoimento:

Quando a mãe viajou, colocamos fotos da mãe com ela em toda a casa, dizíamos que a mãe gostava dela, que mandava dinheiro. Contávamos história sobre a sua mãe, Tentamos fazer a mãe presente na vida dela. (Senhora A)

Ainda segundo a referida autora, visitas, envio de mensagens, remessas de dinheiro e de presentes proporcionam uma forma de conexão com a família, especialmente entre filhos e pais idosos, e formam outra categoria dos rituais espontâneos, que observamos na fala:

Minha filha sempre que podia mandava malas cheias de roupas, sapatos e brinquedos pra minha neta. Ela tinha tudo. (Senhora A)

De acordo com a OIM (2011), atualmente metade das remessas feitas a familiares, é feita por mulheres, embora elas ganhem menos que os homens. Machado (2006) argumenta

que, na migração, o relacionamento entre pais e filhos passa a ser mediado pelas remessas ou pelos benefícios que as mães podem proporcionar.

Falando sobre as mudanças observadas no desenvolvimento da neta, a senhora A pontuou que elas se tornaram mais evidentes após a tentativa de reunião da filha com a neta, mas que não deu certo. Após o recasamento da filha, ela conseguiu levar sua neta, mas esta não se adaptou à nova situação, o que acarretou consequências emocionais e escolares na vida da menina:

Quando ela tinha oito anos foi morar com a mãe, mas não deu certo. Teve muitos problemas com o marido da mãe, que queria ser o pai. Ela ficou um ano e voltou. Quando voltou estava bloqueada. Repetiu três anos na escola, e nunca mais foi como antes. Aquela menina sabida, animada. (Senhora A)

No aspecto escolar, ela disse que a neta “repetiu três anos na escola”, o que a surpreendeu, pois a neta sempre foi muito esperta e sabida e no aspecto social afirmou que a ela “nunca mais foi aquela menina animada”, pelo contrário, tornou-se uma pessoa calada, triste. Acreditamos que o fato de estar há seis anos separada da mãe, a ponto de não reconhecê-la como tal, e a possível falta de preparação para a mudança, aliada à própria situação de viver num país estranho, causaram esse impacto na vida da filha A.

Nesse sentido, Falicov (2001) argumenta que as separações e os reencontros podem gerar problemas estruturais, emocionais e psicossomáticos em todos os membros da família, como ocorreu com essa participante. Marinho (2010) afirmou que a distância pode provocar o afastamento afetivo entre pais e filhos e; Levitt (2010) enfatizou as sérias consequências emocionais desse distanciamento. Parreñas (2005), por sua vez, acrescentou que a dor da separação gera, nos filhos, sentimentos de insegurança, mesmo a após a reunificação.

O que se percebe neste caso é que a filha, diante das dificuldades encontradas no novo ambiente familiar, preferiu retornar para onde se sentia bem, mesmo fazendo a opção de viver longe da sua mãe. Jones, Sharpe e Sogren (2004) relataram que, nos casos de migração materna, os filhos e filhas reagem de maneira diferente, sendo que as filhas tendem a demonstrar humor negativo e baixa autoestima, como podemos constatar no depoimento dado que em a entrevistada afirma que a neta “nunca mais foi como antes”.

O microsistema familiar alterado traz implicações para o microsistema escola, conforme Lahaie et al (2009) constataram ao dizerem que a migração de pais está associada a problemas escolares, dentre outros. Acerca das estratégias de convivência e expectativas para o futuro, na opinião da senhora A, a neta deveria ir morar com a mãe, pois acha que sua responsabilidade é muito grande. De acordo com Orb e Davey (2005), as avós referem dificuldades para cuidar dos netos, principalmente quando têm em mãos a responsabilidade primária de cuidado e quando eles se aproximam da adolescência, como nesta situação. Outros estudos sugerem que cuidar dos netos pode ser um grande fardo, uma vez que as avós são confrontadas com um novo modo de vida, diferente daquele esperado por elas nesta época da sua vida (Dias, Costa & Rangel 2005; Ehrle & Day, 1994; Williamson et al, 2003). A seguinte fala exemplifica o sentimento da Senhora A:

Eu queria que ela fosse morar com a mãe, agora já esta grande e adolescente. Já está namorando e a responsabilidade é grande. (Senhora A)

Na perspectiva da Senhora A, a migração da filha não foi a melhor opção, deixando transparecer um ressentimento por ter que cuidar da neta, enquanto os outros filhos se responsabilizaram por seus próprios filhos:

Hoje que eu vejo melhor as coisas, eu não acho que valeu a pena a minha filha ter ido embora. Deixou a filha, a gente e os meus filhos que ficaram por aqui trabalharam e criaram os seus filhos. (Senhora A)

A filha A1 relata da seguinte forma como se lembra da migração de sua mãe:

Quando minha mãe migrou eu tinha dois anos. Ela foi primeiro para S. Paulo e depois para a Suíça. Ela não tinha trabalho aqui e ela foi tentar uma vida melhor pra a gente. Isso foi a minha vó que me disse. (Filha A1)

Esse relato da adolescente cuja mãe migrou em busca de uma melhoria de vida, confirma a afirmação de Martes (1999) quando disse que a expressão “dar uma vida melhor” foi recorrente na fala dos entrevistados de sua pesquisa, como uma explicação para a ausência materna. A Teoria Bioecológica do Desenvolvimento (1979/1996) afirma que no macrosistema existe um padrão global de ideologia para cada cultura, como, por exemplo,

aqui no Brasil é comum que as pessoas acreditem que quem está vivendo no exterior se encontra numa situação melhor, quando muitas, vezes isso não ocorre.

Becker (2008) acrescenta que as mulheres migram com poucos recursos e muitos sonhos, entre eles o de casar. Schuler e Dias (2013) destacam que, no desejo de casar, implícito também está o desejo de levar os filhos para junto de si e de lhes proporcionar uma família e uma vida melhor, no modelo de família nuclear com pai, mãe e filhos.

Quando eu fiquei maior, minha mãe sempre falava comigo pelo telefone, e dizia que quando ela se casasse vinha me buscar e que eu ia ter um pai, uma família (Filha A1).

De acordo com Bowlby (2004), o desapego da criança em relação aos pais pode durar indefinidamente, após uma separação prolongada que ocorra nos três primeiros anos de vida e que a criança, por ocasião da reunificação, revela-se decididamente ambivalente com relação aos seus pais. Confirmando o que foi referido, Oliveira (2010) pontuou que a reunificação entre pais e filho pode ser muito difícil, depois de anos de separação. Além disso, existem as dificuldades que a criança pode encontrar para se adaptar ao novo país, ao novo parceiro da mãe, aprender outra língua, fazer novos amigos, e entender uma lógica de um país diferente do seu.

Quando eu tinha oito anos, minha mãe mandou me buscar para morar com ela. Por um lado, eu tinha vontade de ir conhecer onde minha mãe estava. Ela dizia que eu ia ter um pai e que o marido dela ia me adotar. Mas por outro lado eu não queria ir. Na hora de ir eu dei a mão à minha vó, e não queria soltar. Minha mãe me puxou e me levou. Eu chorei o voo todo, e durante dois meses eu só fazia chorar (Filha A1).

Scheifele (2008) lembra que o filho, na realidade, em muitos casos, não é um migrante, pois a decisão de migrar não é sua, o que faz com que ela se torne um “exilado”. Falicov (2001) acrescenta que nas migrações forçadas, as pessoas têm mais dificuldades de adaptação.

De acordo com Pottinger (2005), o reencontro da criança com a mãe é, sem dúvida, um momento de emoção e alegria para muitos. No entanto, para alguns, esse processo pode ser repleto de desafios. Além disso, é provável que, mais uma vez, essa criança experimente o

sentimento de abandono quando é separada dos pais substitutos, neste caso da avó materna, outros familiares e amigos com quem havia se acostumado ao longo dos anos. Após a chegada ao país de acolhimento, essas crianças podem ter que adaptar-se a famílias reconstituídas, como ocorreu neste caso, devido ao novo casamento da mãe, passando a conviver com o padrasto, e tem que descobrir como se adaptar a essa nova família. Fonseca et al (2005) afirmam que, para os filhos deixados nos países de origem, migrar para o país destino significa estabelecer uma nova relação com um dos pais, ou com ambos, que estão longe durante longos períodos de tempo. Os autores acrescentam que essa realidade se traduz, frequentemente, na vivência de novas fontes de estresse e conflito familiar, saudades de parentes e amigos que ficaram no país natal, na necessidade de adaptação a uma nova cultura, a uma nova escola e, por vezes, na obrigação de aprender outra língua.

Quando eu cheguei lá era tudo diferente e eu só queria voltar, eu não entendia nada da língua. Meu pai só falava alemão comigo. Eu tinha hora pra tudo, tinha que dormir sozinha, eu tinha que deitar as sete e chorava até eu dormir, era muito difícil. Eu tinha que brincar lá fora, um frio danado, sem ter amigos. Minha mãe falava: “Você tem fazer tudo, ele é seu pai agora, vai te adotar”. Eu tinha muitas saudades daqui, e eu pensava não gosto de viver aqui, eu me sentia sozinha (Filha A1).

Segundo as investigações do FARE, de acordo com Fonseca et al (2005), em muitos casos, os traumas decorrentes da mudança de localização, das diferenças linguísticas, da estranheza do ambiente fazem com que seja preferível que as crianças permaneçam no país de origem, o que provavelmente, poderia ter sido melhor nesta situação, uma vez que a criança estava bem com a avó e a reunificação não foi bem sucedida.

Depois de mais ou menos um ano, quando eu vim de férias, eu chorei tanto pra não voltar, que eles resolveram me deixar aqui. Desde que eu passei esse tempo fora, eu não fui muito bem na escola, nem lá e nem aqui, eu me atrasei, repeti de ano, eu acho que eu fiquei meio abalada (Filha A1).

Alves (2009) relata que muitos dos filhos que são levados para a Europa acabam voltando por não se adaptarem a outro país. Nesse aspecto, vemos justamente esse fato confirmar-se, pois a participante não conseguiu adaptar-se à nova situação, preferindo voltar.

Para ela o mais importante é poder permanecer aqui como podemos ver no seguinte depoimento:

Eu vejo mais futuro pra mim aqui, estudar, ir pra faculdade, trabalhar. Eu não tenho vontade de ir pra lá não. O povo da Europa não é muito chegado. Pra ir num lugar tem que marcar com um mês, ou até um ano antes, as coisas têm que ser daquele jeito e não pode ser diferente de jeito nenhum. Minha vó quer que eu vá, mas porque não é ela que vai aguentar tudo aquilo, eu já sei como é. Meu maior desejo é poder ficar aqui (Filha A1).

Eis o Desenho da Família da Filha A1



A participante (Filha A1) desenhou vários primos (5), os pais e os tios. Os primos ocupam os primeiros lugares, sendo, portanto, valorizados. O padrasto e a mãe estão perto um do outro, e vários tios e um primo estão na parte de trás da folha, o que é sinal de desvalorização ou que não conseguiu dimensionar bem a distância e a quantidade de figuras para o papel. O fato de desenhar tantos personagens pode significar carência de afeto. As figuras são em palito e existe transparência na cabeça vista através dos cabelos, o que mostra infantilidade. Os traços repassados indicam ansiedade. Chama atenção no desenho que nem ela nem a avó estão presentes, o que é considerado uma desvalorização que é levada ao extremo. O fenômeno da omissão de si mesmo pode ser interpretado como uma forma de punir a si mesma por seus sentimentos hostis com relação a algum familiar; sentir-se rejeitada pela família; não sentir-se parte dela ou ainda carência afetiva. No questionário, mostrou preferência pela prima, porque mora com os pais, preferindo ser esta, o que poderia indicar o desejo de ter uma família tradicional e viver ao lado dos pais. A personagem menos feliz é a avó, porque está doente, a qual também não aparece no desenho.

4.1.2. Família B: Avó Paterna (Senhora B) e a neta (Filha B1)

Segundo a Teoria Bioecológica do Desenvolvimento, a migração é uma transição não normativa que causa estresse individual e familiar (Bronfenbrenner 1979/1996). No caso da migração materna, essa transição vai envolver uma série de modificações no microsistema familiar, inclusive com alteração no relacionamento com pessoas significativas e com a própria mãe. Na perspectiva da avó paterna, a migração da nora implicou em várias mudanças para a sua neta e para ela.

A mãe viajou, deixou ela comigo e não explicou nada para ela. Foi um choque. Foi muito difícil. Ela chorava o tempo todo e eu nem sabia direito o que fazer (Senhora B).

Nesse caso, além de migrar, a mãe não preparou a filha para o que ia acontecer na sua vida, o que foi bastante traumático para ela. Como já foi referido na primeira família, as crianças que ficam no país de origem apresentam uma ampla gama de dificuldades psicossociais, incluindo sentimentos de tristeza, vulnerabilidade e alienação (Bakker, Elings-Pels & Reis, 2009; Levitt, 2001; Marinho, 2010). Especificamente nesse caso, as brigas entre os pais acentuam o sofrimento da neta.

A mãe queria que ela fosse pra lá. Mas meu filho, que é o pai dela, nunca assinou a permissão. Até hoje é uma briga muito grande entre eles (Senhora B).

Segundo a Teoria Bioecológica do Desenvolvimento (1979/1996), as mudanças que ocorrem num microsistema acabam por repercutir nos demais, como é o caso da escola. Isso está de acordo com o que afirmaram Lahaie et al. (2009) de que a migração de um dos pais está ligada a problemas escolares, comportamentais e emocionais. Nessa situação, a filha B também passou a apresentar problemas escolares, como podemos ver no seguinte depoimento:

Agora ela está melhor, mas logo que a mãe viajou, ela ficou muito mal e repetiu duas vezes de ano. Às vezes ela se acha atrasada na escola, mas eu digo que idade não importa (Senhora B).

A ausência da mãe é particularmente sentida por ocasião de comemorações especiais, como foi o dia dos seus 15 anos:

Nos 15 anos de B1, a mãe mandou dinheiro para a festa, e nós fizemos uma festa linda, mas a mãe não pode vir. Resultado: B estava toda triste, toda aquela festa, mas a mãe não estava. (Senhora B)

De acordo com Assis (1999), a vontade de se fazer presente e de compensar a ausência faz com que os pais mandem inúmeros presentes e procurem agradar os filhos com festas e passeios. Entretanto, segundo Soares (2009), depois de um período de três anos, essas pessoas prefeririam que seus parentes estivessem próximos, sendo as remessas insuficientes para compensar sua ausência. Segundo Falicov (2001), especialmente em datas especiais, os sentimentos de tristeza e perda vêm à tona com uma maior intensidade.

A avó paterna relata que, atualmente, a neta tem amigos, mas teme não saber lidar quando ela começar a namorar, como vemos no seguinte texto:

O relacionamento dela com as amigas agora é bom. O que me preocupa é quando ela começar a namorar, porque ela não me ouve, diz que eu não sou a mãe dela. Então a responsabilidade é muito grande (Senhora B).

Para Machado (2006), os filhos de pais e/ou mães ausentes acabam entrando em conflito com seus cuidadores por não reconhecerem sua autoridade, sentimento gerado pela sensação de abandono ou de liberdade. Isso ocorre especialmente quando se aproximam da adolescência, como ficou confirmado no depoimento da avó de B1. A entrada dos netos na adolescência pode ser especialmente difícil para as avós que os criam, exatamente porque eles estão querendo usufruir mais liberdade e mostram mais autonomia, passando a desobedecê-los (Williamson et al, 2003).

Paula e Vilarino (2007), assim como Machado (2006), afirmam que os novos responsáveis apresentam dificuldades para exercer algum tipo de controle e disciplina sobre crianças e, principalmente, adolescentes, o que é consequência do próprio sentimento de insegurança e confusão de papel vivido pelas avós. A entrevista da avó de B1 deixa entrever seu ressentimento e reprovação à decisão da nora de migrar, ao mesmo tempo que poupa o filho de sua responsabilidade como pai. Ela incorpora em sua fala a desaprovação social e a estigmatização que as mães que migram sofrem, especialmente nos países da América Latina, segundo o *Immigration and Refugee Board* (2005).

Eu gosto de cuidar da minha neta, mas na realidade isso é trabalho de pai e mãe. A mãe vai embora, tem outra família e deixa a filha. E eu que tenho todo trabalho. Isso não é direito não. Quem tem filho e sabe que não pode levar, tem que ficar aqui e cuidar. Quem é mãe mesmo não deixa os filhos sofrendo. A mãe é o anjo dos filhos. A minha neta sofre com isso. Isso não é certo não. (Senhora B)

Calvo (2006) afirma que existe um luto migratório e que esse luto é transgeracional, ou seja, a forma como os familiares que ficaram no país de origem elaboram a migração influencia diretamente a maneira como os filhos ou netos irão enfrentá-la. Nesse contexto, certamente essa visão da avó paterna influencia a forma como a neta encara a migração de sua mãe. A avó B concluiu sua entrevista com o seguinte depoimento:

Eu acho que principalmente a mãe tem que viver perto dos filhos. Essa historia de viajar e deixar os filhos não dá certo, não. (Senhora B)

A filha B1 relata da seguinte forma como se lembra da migração de sua mãe:

Quando minha mãe viajou eu tinha seis anos mais ou menos e ela não me disse nada. A gente morava com minha avó (materna) e um dia minha avó disse: “Vou te levar pra morar com a tua outra avó (paterna)”. Eu não entendi nada. Eu chorava muito, com saudades da minha mãe e porque não tava acostumada com essa avó e ela não tinha paciência comigo. Minha mãe ligou e disse: “Fica calma e espera, quando eu puder, mando te buscar”. (Filha B1)

Vemos na fala de B1 que, além da migração da mãe, ela foi transferida da responsabilidade da avó materna, com quem estava mais acostumada e, ao que tudo indica, se dava bem, para a responsabilidade da avó paterna, com quem não tinha intimidade, caracterizando uma dupla perda. O motivo dessa transferência não ficou claro, mas, provavelmente, tem a ver com o conflito existente entre os pais. Ambas, avó paterna e neta, se viram na contingência de ter que viver juntas, quando não tiveram escolha.

Soares (2003) afirma que o projeto de migração é elaborado e desenvolvido através de uma rede familiar, de parentesco, cujo contexto se concentra na necessidade de melhoria de renda e, conseqüentemente, melhoria de qualidade de vida para todos os envolvidos. Entretanto, a partir da fala da entrevistada, não se percebe a construção desse projeto pela família, pois a entrevistada não sabia da viagem e nem das mudanças que ocorreriam em sua vida.

Outra questão se refere à falta de comunicação. Segundo Prado (2006), é fundamental considerar a forma de comunicação da família com seus filhos pequenos. Às vezes, a família considera que mudanças não são coisas para crianças dar palpite e acabam não falando abertamente com elas. Com isso, ocultam coisas necessárias à preparação para a mudança, gerando grande inquietude nos filhos. Arciniega (2011), a partir de pesquisa realizada, afirma que o segundo lugar na lista dos principais fatores de risco para crianças cuja mãe migrou ocorre quando elas não são informadas e, assim, não estão preparadas para a partida de sua mãe.

De acordo com Husendelger (s/d), mudanças abruptas que ocorrem na família, muitas vezes, levam os filhos a ter que mudar de casa, de bairro, entre outros, como ocorreu com B1. Os vínculos familiares representam uma segurança afetiva e a ruptura desses vínculos faz com

que a família passe a viver conflitos decorrentes dessas mudanças de cunho estrutural, afetivo e social que são refletidas na vida tanto dos cuidadores quanto dos filhos.

Segundo o relato da participante, ela permaneceu no meio dos desentendimentos entre seus pais, pois, enquanto sua mãe queria levá-la, seu pai não permitiu que ela fosse:

Aí, depois de um tempo, minha mãe se casou lá, ela queria me levar. No começo eu queira ir, por causa da minha mãe. Ela chorava pedindo pra eu ir. Dizia pra eu pedir pro meu pai, mas ele nunca deixou e eu fiquei. Eles brigavam no telefone e brigam até hoje. Uma confusão. Agora ela já tem outro filho lá, e eu acabei ficando. Agora eu tenho a minha vida aqui. (Filha B1)

De acordo com Arciniega (2011), o terceiro fator percebido como um risco é quando “a mãe tem uma família no país de destino”. Isso faz com que a mãe tenha novos compromissos e gera insegurança emocional e econômica nos filhos que ficaram. Segundo Souza (2008), a migração pode ser motivada por questões econômicas, mas não se reduz só a elas. Existem outras implicações de ordem familiar e afetiva. No caso da migração feminina, muitas mulheres já separadas e com filhos, casam-se novamente no país destino. Então, relacionando os conflitos familiares com a ausência de um projeto de migração apoiado pela família, pode-se supor que a emigração também surge como uma estratégia de “fuga dos problemas familiares”, mais precisamente dos conjugais. A migração supõe uma forma de recomeço, embora, para algumas exista a dificuldade de deixar os filhos e não poder levá-los em função da não concordância do pai, o que para muitas se torna um peso enorme como foi constatado por Schuler (2010).

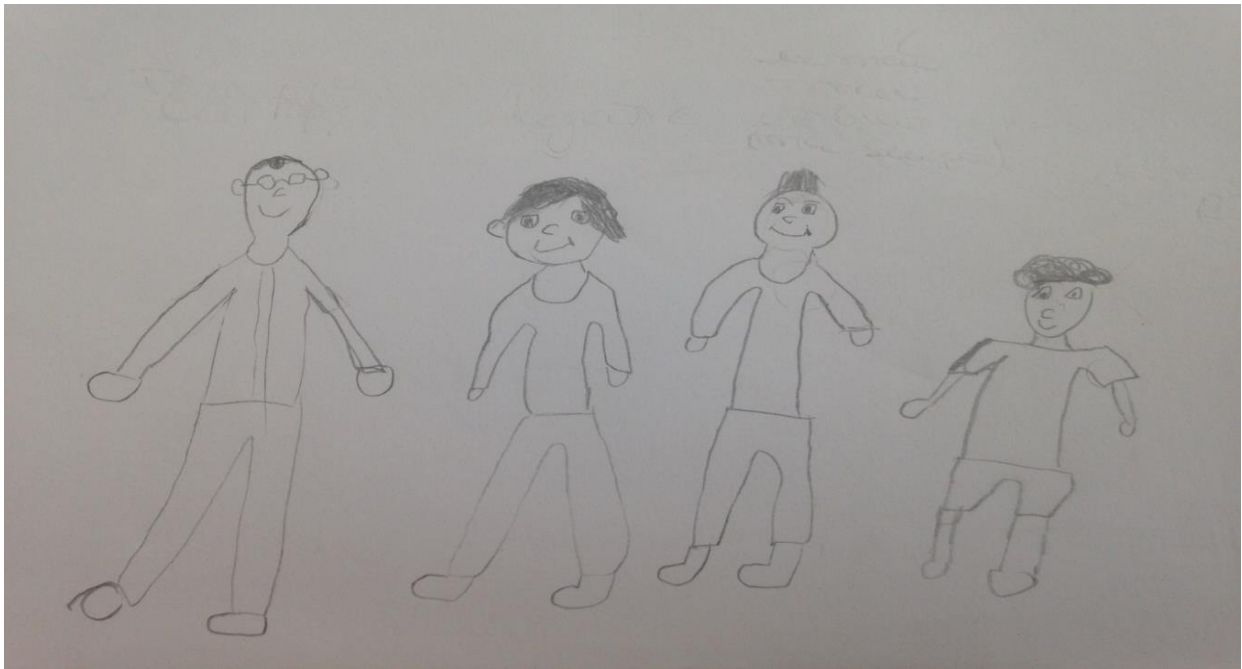
Segundo Falicov (2001), os filhos de casais separados ficam justamente no meio da decisão. Os casais se dividem e ficam em polos opostos em relação à migração. Nesse caso, a mãe queria levar a filha para viver junto a ela, mas o pai não autorizou e a participante acabou permanecendo com sua avó paterna.

Além de todos os fatores citados, em nível de miosistema, vemos a influência do meio em que a adolescente vive, que critica a sua mãe ao dizer que ela abandonou a filha. Aliás, essa é a percepção que a avó paterna também tem e, que provavelmente passa para a neta, desconsiderando o quanto a mãe se esforçou para reunir-se à filha. Ela tem a expectativa de formar uma família e viver junto aos filhos, para que eles não venham a sofrer como ela.

A migração de minha mãe não foi boa pra mim. Muitas pessoas não entendem, e ficam dizendo que minha mãe me deixou. Meu maior desejo é quando tiver meus filhos viver perto deles, pois eu não quero fazer eles sofrerem. (Filha B1)

Corroborando a Teoria Bioecológica do Desenvolvimento (1979/1996) vimos que em nível do macrossistema, existe, em nossa cultura, a ideologia do papel da mãe como protetora e aquela que coloca os filhos acima de tudo. Nas relações do mesossistema entre a família e vizinhança, vimos, na fala da participante, quando ela relatou que “muitas pessoas não entendem” o que gera mais sofrimento nela.

Eis o Desenho da Família da Filha B1



Ela representou, em primeiro lugar, o padrasto, seguido da mãe, o irmão mais novo, que é fruto deste casamento e está na Suíça, e ela em último lugar. Nota-se que o irmão ocupa um tamanho semelhante ao da mãe, o que é sinal de valorização do mesmo. O desenho da figura que a representa, por sua vez, é o menor e último, o que é sinal de desvalorização. Além disso, percebe-se nele uma assimetria nas pernas e uma certa inclinação, indicando insegurança e instabilidade. O questionário confirma o que foi encontrado no desenho, pois disse que o irmão é o mais feliz e quem ela gostaria de ser. E o personagem menos feliz é ela mesma “porque queria uma coisa e foi outra.” Logo, relacionando o desenho às entrevistas,

podemos ver que a participante não se sente segura e nem feliz com a sua situação familiar e almeja um futuro diferente em uma família onde ela possa conviver junto aos seus filhos.

4. 1. 3. Família C: Avó Materna (Senhora C) e neto (Filho C1)

Vemos que a situação nesta família é semelhante ao que acontece nas outras famílias que participaram desta pesquisa. A mãe decide migrar porque foi abandonada pelo companheiro, com duas crianças pequenas. Em busca de uma vida melhor, os filhos ficam com a avó materna até que a mãe regularize sua situação, ou seja, case-se com um europeu e volte para levar as crianças.

De acordo com a Teoria Bioecológica do Desenvolvimento (Bronfenbrenner 1979/1996), uma sucessão de transições não normativas, que causam estresse e são consideradas fatores de risco ocorrem neste ambiente familiar. Primeiro, a separação, ou seja, o pai deixa a família e, após, a mãe migra. Na perspectiva da Senhora C, a migração da filha teve várias influências no desenvolvimento de seus netos. Ela disse que sua filha migrou em função das dificuldades econômicas.

O pai dos meninos deixou minha filha e ela estava numa situação muito difícil. Aqui muitas amigas dela tinham viajado, casado e aí ela foi. Os meninos ficaram comigo, até ela resolver a situação lá e vim buscar eles. (Senhora C)

Segundo a Senhora C, as crianças passaram por dificuldades de adaptação e sentiram muitas saudades da mãe, principalmente o menino C, como se pode perceber no seguinte trecho:

Principalmente ele, teve aquele impacto, sofreu muito, chorava, não queria ouvir ninguém, ficou rebelde, não comia nada. Até um bolo de chocolate que eu fiz ele começou a chorar e não conseguiu comer com saudades da mãe. Não queria ir pra escola. Na verdade ele era amoroso, obediente, estudioso. Depois ele ficou rebelde, triste, difícil. (Senhora C)

Após dois anos, a mãe se casou com um suíço e veio buscar os filhos. O pai deles deu a autorização para ela levá-los. Porém, passado esse período, o participante C1 já não

desejava migrar para a Suíça, e parecia temer o que enfrentaria no novo país, como podemos ver nesta fala:

Quando ele soube que mãe vinha pra buscar eles, ele chorava bastante, dizia que não ia, mas eu sabia que ele tinha que ir. Ele chorou muito no dia da viagem, chorou o caminho todo para o aeroporto e viajou muito triste. A minha filha ficou triste, disse que lutou tanto pra poder levá-los e agora ele fazia isso. Foi muito confuso e difícil, pois eu já tinha me acostumado com eles. (Senhora C)

De acordo com Oliveira (2010), a migração de crianças pode ser difícil e, para Scheifele (2008), a criança nunca é um migrante. Além disso, a migração forçada de parentes, como, em alguns casos, a de filhos, tem poucas chances de ser bem sucedida. Quando as expectativas da mãe e da criança sobre a reunião familiar não são cumpridas, a criança pode reagir com raiva e rebelar-se. Muitos pais podem rotular esse comportamento como ingratidão e recorrer a métodos severos de disciplina. Smith, Lalonde e Johnson (2004) relacionam esses comportamentos a questões de lealdade, desenvolvimento da identidade, disciplina e autoridade, desilusão, rejeição, contrarrejeição e perda. Os autores ainda afirmam que essas crianças apresentam sintomas como ansiedade, depressão e baixo rendimento escolar. Durante o período na Suíça, C1 teve muitas dificuldades de adaptação, como podemos ver no seguinte depoimento:

Lembro que falei com minha filha no telefone. Ela dizia que eles (os netos) estavam tendo dificuldades, estranhavam tudo, principalmente C, na escola, pois a menina foi para o jardim da infância, mas ele foi pra escola, e não entendia nada, não tinha amigos. (Senhora C)

Depois de três anos, a mãe de C decidiu que ele deveria voltar para o Brasil, pois ele não se saiu bem nos estudos devido a dificuldades com a língua e com o sistema escolar. Decidiu, então que seria melhor para ele estudar aqui e morar com a avó.

Então ele ficou três anos lá, mas não se acostumou. Renata (a mãe) disse que a escola lá é diferente, se ele ficasse lá só poderia ser pintor, garçom, coisas assim. Aqui ele pode estudar e se formar. Ela acha que é o melhor pra ele. Ele não tinha amigos e

teve dificuldades com a língua. Então eles acharam que não ia da certo. A menina que chegou lá menor se acostumou, mas ele não. (Senhora C)

Algumas mães brasileiras que levam os filhos, desejando para eles um futuro melhor, quando confrontadas com o sistema educacional suíço, ficam na dúvida sobre qual o melhor caminho a seguir: enviá-los de volta ao Brasil ou continuar na Suíça. Muitos adolescentes veem o seu sonho profissional ruir muito cedo, dependendo do seu rendimento escolar, culminando na ida para escola de nível inferior. Essa divisão por rendimento escolar dos alunos acontece quando eles têm em média 11 a 12 anos de idade. Segundo Franz Schultheiz (professor da Universidade de Sankt Gallen, Suíça) em entrevista concedida a Künsle (2008), os sistemas de ensino suíços têm efeitos bastante segregatórios. Isso causa uma relativa situação de emergência educacional porque o potencial de muitas crianças não é aproveitado.

O relatório Pisa (Programa Internacional de Avaliação Comparada) mostra que sistemas de ensino segregatórios não só levam à exclusão precoce, como também influenciam negativamente o desempenho do sistema de ensino como um todo. Situação semelhante acontece não apenas na Suíça, mas em países vizinhos, como na Alemanha e na França. Os sistemas com boas notas no Pisa são socialmente menos segregatórios e permitem uma decisão sobre o rumo a ser tomado pelo aluno mais para o final da fase escolar, como acontece na Escandinávia ou mesmo aqui no Brasil. Em função dessa situação, em muitas famílias migrantes há um fatalismo educacional, ou seja, um conformismo com a situação ou a difícil decisão de enviar o filho de volta ao Brasil. Para a avó de C. o retorno do neto também foi difícil, como podemos constatar no seguinte depoimento:

Sinto que estou ajudando a minha filha. Mas é difícil, porque sinto que ele não tá feliz. Ele tem saudades da mãe, da irmã. E até tem dificuldades na escola aqui, pois passou muito tempo lá. (Senhora C)

De acordo com Dias e Schuler (2013), as avós, de maneira geral, sentem-se felizes em poder criar os seus netos, como vemos neste depoimento, mas se preocupam com a sua felicidade e futuro. Na visão da Senhora C, apesar da saudades que sente, ela acredita que a migração foi o melhor para a filha, embora esteja consciente das dificuldades do neto, como vemos na seguinte fala:

Minha filha é muito boa. Ela sofre com saudades da gente e a gente com saudades dela. Mas não pode voltar. Aqui ela não tinha nada. (Senhora C)

Na visão do Filho C1, as mudanças em sua vida aconteceram assim:

Foi assim: primeiro eu fiquei com minha avó, depois eu fui morar com mamãe, mas foi tudo complicado. Quando ela foi embora eu chorei e queria ir junto. Quando era pra eu ir, eu chorei pra ficar, mas acabei indo. Lá é tudo diferente. Eu não tinha amigos, na escola eu ficava sempre sozinho, ninguém brincava comigo, eu não sabia nada e, no final, queriam me mandar pra uma escola que não era boa. Então minha mãe não quis que eu fosse e me mandou de volta. (Filho C1)

Segundo Queiroz (2008), as migrações forçadas não ocorrem por um processo de decisão democrático e voluntário. Muitos membros da família são persuadidos, mas não convencidos de que a mudança será positiva. Isso ocorre principalmente com crianças, adolescentes, mulheres que normalmente seguem seus maridos, ou com idosos que migram para ajudar os filhos com os netos ou para serem cuidados. Neste caso, o entrevistado foi praticamente forçado a migrar para a Suíça, para acompanhar sua mãe, e forçado a retornar devido à dificuldade que enfrentou na escola.

Falicov (2001) ressalta que as partidas e os reencontros são difíceis de serem elaborados. A migração, segundo Calvo (2006), envolve perdas psicológicas e sociais que resultam em um processo de luto. Esse luto tem características que o diferenciam dos demais lutos. Segundo o autor, é um luto no qual existe uma ambivalência contínua, pois todas as perdas implicam alguns ganhos. Como ocorreu neste caso: para C1 morar na Suíça, implicaria perder sua convivência com a sua avó, em um ambiente conhecido, falando a língua materna, ao mesmo tempo que ganharia a companhia da mãe. Assim, encontramos um constante estado de ambivalência emocional. Para Calvo (2006), quando o migrante retorna à sua cidade natal, o retorno é como uma nova migração, pois, no período em que esteve fora, ocorreram mudanças, tanto no indivíduo quanto na família. Então C1 viveu duas migrações: da ida à Suíça e a de retorno ao Brasil. Ao falar de seu retorno ao Brasil ele disse:

Eu gostaria de ir morar com minha mãe, tenho muitas saudades. Mas ir pra escola lá eu não quero. Todo mundo diz que quem vai pra aquela escola é burro. Eu não quero isso pra mim. (Filho C1)

De acordo com a Teoria Bioecológica do Desenvolvimento (Bronfenbrenner 1979/1996) no macrosistema cada sociedade possui suas leis, ideologias e sistemas que influenciam o desenvolvimento das pessoas. O sistema escolar suíço é bem diferente do brasileiro, variando ainda de acordo com cada Cantão. Porém, de maneira geral, o sistema pode ser visto assim, segundo o Departamento Federal de Assuntos Exteriores (2014): o ensino é obrigatório, assim como no Brasil, inicia-se aos seis anos de idade e dura nove a doze anos. As escolas suíças estão entre as melhores do mundo, oferecendo oportunidade aos seus alunos de aprenderem vários idiomas. Porém, uma particularidade do ensino suíço é a divisão das turmas por rendimento, que pode ser particularmente difícil para crianças ou adolescentes migrantes que chegam à Suíça com idade um pouco avançada. Depois do Ensino Fundamental I, que tem uma duração de cinco a seis anos, de acordo com o Cantão, e dependendo do rendimento escolar, os alunos são divididos em três diferentes tipos de continuação dos seus estudos: 1) os alunos com rendimento superior, vão para a escola cantonal, o ginásio, que tem uma duração de seis anos, oferecendo uma formação acadêmica, que se encerra com uma prova em todas as disciplinas, o chamado Matura, com acesso direto à universidade; 2) os alunos com rendimento mediano têm acesso à escola secundária, com 3 a 4 anos de estudo, acompanhados de um estágio prático, para formação técnica, em nível médio; 3) os alunos com rendimento abaixo da média, vão para uma formação escolar de 3 a 4 anos, com estágio para profissões que exigem atividade manual, como marcenaria, jardinagem, pintura, entre outras. Para muitas crianças e adolescentes migrantes que já chegarem com uma idade um pouco avançada à Suíça, essa última formação escolar acaba por ser a única opção. Em geral, eles apresentam dificuldades com a língua, que refletem em seu rendimento escolar, podendo culminar no fracasso escolar. Alunos desse tipo de escola, muitas vezes são discriminados por outros adolescentes.

Segundo a literatura, é comum que crianças de origem migrante não tenham o sucesso escolar desejado, em função de todas as mudanças que eles vivenciam, incluindo língua, cultura, entre outras. De acordo com Collicelli (2000), em alguns países da Europa, onde existem serviços de orientação vocacional constituídos por professores que visam a ajudar os estudantes a escolher as suas áreas de estudo no ensino secundário, chegou-se à conclusão que

o fato de ser migrante desempenha um papel fundamental nessa escolha. Ao proporcionarem essa orientação, os professores discriminam entre os jovens de origem migrante e não migrante, colocando-os perante a perspectiva de um futuro que a sociedade decidiu por eles, levando-os a escolher as escolas técnicas e não prosseguir os estudos para o nível universitário. C1 viveu essa situação, e acabou retornando.

Nesse contexto, buscando compreender o seu retorno, C1 afirma que preferiu voltar e que se sente frustrado com tudo o que aconteceu e que agora não tem desejos, adotando uma atitude negativa com relação ao futuro.

Quando minha mãe foi embora queria que ela casasse e viesse me buscar. Acabou dando tudo errado. Agora não tenho desejos. (Filho C1)

Eis o Desenho da Família do Filho C1



O participante representou o padrasto em primeiro lugar, seguido da mãe, dele e a irmã. As figuras estão um pouco inclinadas, o que indica insegurança, e estereotipadas, sinal de pouca criatividade e rigidez. Observa-se que a figura que o representa tem o mesmo tamanho que o do padrasto, sinal de valorização. A família está bastante próxima e, além disso, os braços dele e da mãe se tocam. Teve dificuldades para desenhar a irmã, que foi apagada e refeita, valendo ressaltar que ela continuou a viver na Suíça. No questionário, disse que gostaria de ser a mãe, é a melhor e a quem prefere “porque quer uma vida melhor pra gente”. A mais feliz é a irmã “porque está com minha mãe”. O pior é o padrasto (não disse o por que) e o menos feliz é ele mesmo, “porque teve que ficar aqui”.

4. 1. 4. Família D: pai (Senhor D), filho mais novo (Filho D1), filha mais velha (Filha D2)

Novos arranjos familiares surgem em função da migração, com a possibilidade de filhos ficarem com o pai. Nesta família é justamente o que ocorre. Na perspectiva do pai, vemos a confirmação de que a migração da mãe, a princípio, foi um projeto familiar e, de acordo com a Teoria Bioecológica do Desenvolvimento (1979/1996), as mudanças no exossistema, ou seja, falta de emprego dos pais, levou a família a viver uma transição não normativa, que foi a migração materna.

A gente conversou muito sobre isso e todos concordamos que ela (a mãe) deveria viajar, e trabalhar na casa de uns conhecidos pra nos ajudar financeiramente, pois eu e ela estávamos sem emprego e a situação tava muito difícil. (Senhor D)

Neste contexto, confirmamos o que Soares (2003) afirma acerca do projeto de emigração, como sendo um projeto familiar, cujo objetivo centra-se na necessidade de melhoria de renda, uma vez que ambos (pai e mãe) estavam desempregados, e viam na migração uma possibilidade de melhoria de vida. Assis (2004), Beserra (2005) e Martes (2000) consideram a migração um fenômeno social que tem como base problemas econômicos ocorridos nos países de origem, uma vez que esses países não foram capazes de promover uma economia que garantisse qualidade de vida à população. Contudo, segundo Souza (2008), a migração pode ser movida por questões econômicas, mas não se reduz a elas. Existem outras explicações de ordem familiar e afetiva, que até aqui não foram suficientemente ressaltadas, principalmente em se tratando de migração de mulheres.

Mas depois que ela chegou lá, ela disse que não voltaria mais, não falou mais comigo e só com os filhos. Nunca mandou nem uma ajuda financeira. E vive dizendo que vai mandar buscar meu filho menor. (Senhor D)

Nessa fala podemos perceber que, apesar da migração ter sido um consenso familiar, ao chegar ao país destino, a mudança no comportamento da mãe/esposa deixa implícita a possibilidade da existência de algum outro problema, além do financeiro, para a migração. De acordo com o pai, o filho menor apresentou várias mudanças de comportamento que dificultam o relacionamento, tanto em casa como na escola, enquanto a filha mais velha aceitou a situação com mais tranquilidade, o que pode ser atribuído à diferença de idade.

Ela ficou tranquila, pois é mais velha e já pode entender a situação. Ele ficou muito agressivo comigo, não me escuta em nada, me desafia. Briga na escola, eu já fui até chamado muitas vezes e expliquei que a mãe dele viajou. Ele quase repetiu de ano, e não quer estudar. Ele diz que estudar aqui não adianta mesmo, e que ele vai embora. (Senhor D)

Corroborando Souza (2008), vemos que o pai assume que a filha mais velha pode entender melhor a situação, enquanto o menor não. As consequências psicossociais e emocionais diante da migração de uma das figuras paternas parecem variar também de acordo com o gênero da criança que fica. Segundo Jones, Sharpe e Sogren (2004) os meninos são mais propensos a ter problemas com relacionamentos interpessoais.

De acordo com uma pesquisa feita no Caribe (Bakker et al., 2009), em termos de educação, a falta de uma das figuras paternas tem vários efeitos sobre o desempenho escolar de crianças deixadas para trás. A referida pesquisa diz que as crianças ou adolescentes de 11 a 13 anos que estão em transição de ensino fundamental I para fundamental II são mais propensas a se envolverem em brigas na escola devido às dificuldades de enfrentamento da situação. Segundo Pottinger (2005), o desempenho escolar é bastante afetado, possivelmente como resultado da turbulência emocional que acompanha a separação ou para alguns que adotam uma mentalidade “esperando para migrar”, perdendo, portanto, o foco na escola.

Ela (a mãe) liga pelo menos uma vez por semana pra eles. Ele chora, pede para ir morar com ela, diz que tá com saudades, é aquela confusão. Ela promete que vai levar ele. Ele acredita, mas até aqui nada. (Senhor D)

Parrenãs (2005) afirma que as muitas promessas não cumpridas de reunião com a mãe as crianças ou adolescentes que ficaram, resultam em instabilidade emocional.

Como eu já disse, ele fica triste, nervoso, parece que piora quando fala com ela. Vive querendo coisas, quer isso, quer aquilo. Não vai bem na escola e até pra botar um reforço escolar foi uma confusão, porque ele não queria. O negócio dele é computador, Lan house. Ele só quer saber disso. (Senhor D)

Nesse contexto, vemos que o adolescente está abalado por toda a situação, apresentando instabilidade emocional, e refugia-se ou isola-se no computador. A filha mais velha se sente sobrecarregada com as novas funções que precisou assumir e o pai, por sua vez, se sente sozinho para lidar com essa situação.

Eu me sinto sobrecarregado, porque eu fiquei praticamente sozinho pra trabalhar, educar, levar pra escola, cuidar da casa, cozinhar, lavar roupa. Enfim, fazer tudo.
(Senhor D)

Na perspectiva de D1, a sua mãe migrou em busca de melhoria financeira para a família.

Meu pai e minha mãe estavam sem emprego, e disseram que na Suíça era mais fácil pra mulher arrumar trabalho, e que se ganhava muito bem. Então ela foi tentar uma vida melhor pra gente. (Filho D1)

Em teoria D1, achou aquela opção muito boa. Mas, na realidade, a migração acarretou dificuldades para ele.

Eu achei bom ela ir, mas quando ela foi eu fiquei com muitas saudades. Era muito estranho ficar aqui sem ela, principalmente no meu aniversário, no Natal. A gente aqui, só com o meu pai. Ele ficou perdido. Não sabia cozinhar, nem cuidar direito da gente, ficava nervoso, uma confusão. (Filho D1)

De acordo com Falicov (2001), as datas comemorativas trazem sofrimento não só para os filhos que ficaram, como também para os pais ou mães migrantes. Segundo Hulsendeger (s/d), os filhos sentem a falta da presença materna, da aproximação e da convivência no cotidiano. Nota-se que o adolescente sente falta da companhia de sua mãe deixando explícito na seguinte fala que ele se comunica com ela, mas que sente sua falta, inclusive nos momentos de lazer, que o pai não compartilha.

Eu falo com ela (a mãe) pelo telefone e internet. Ela me manda presentes, mas não é a mesma coisa de ela tá aqui. Antes de viajar, minha mãe sempre levava a gente pra passear, ir no shopping, mas meu pai não gosta de sair, não. (Filho D1)

De acordo com Tonhati (2013), o uso da tecnologia para a comunicação tem permitido a continuação de relações familiares mesmo a distância, porém o uso da tecnologia não minimiza os efeitos da migração. Esse uso, muitas vezes, cria sentimentos ambíguos, como por exemplo, é bom poder falar, ver o outro; mas em algumas situações falta o estar junto, o compartilhar da vida cotidiana. Em se tratando da escola, D1 afirma que teve dificuldades, em função das saudades que sentia de sua mãe:

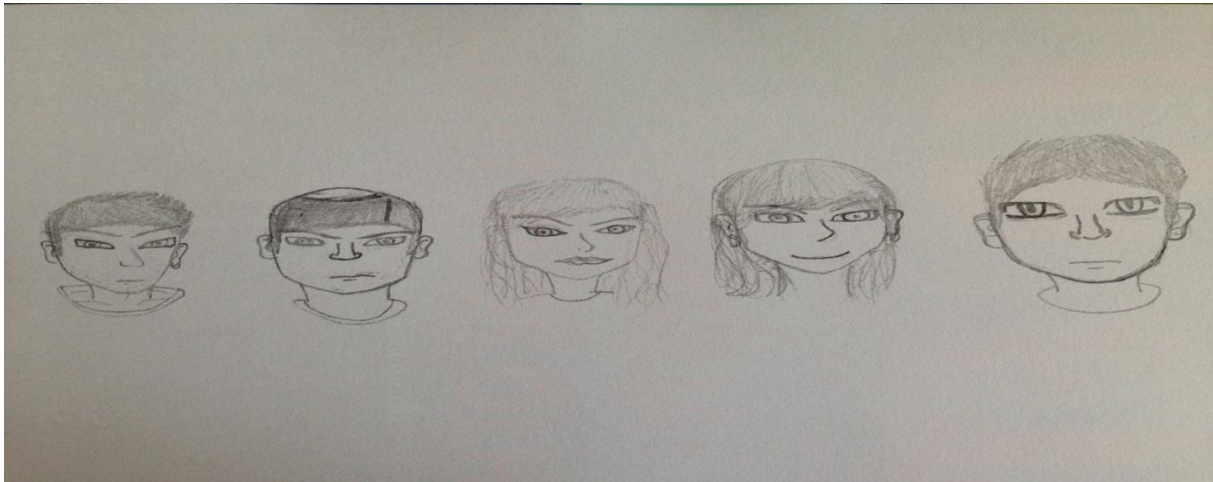
Quando minha foi embora eu não conseguia me concentrar nos estudos e quase repeti a 4ª. série. Nos outros anos sempre fiquei em recuperação, mas não fui para o Conselho de Classe. Este ano estou melhor. (Filho D1)

Ao falar de seus planos para o futuro, D1 explicou:

Ela (a mãe) prometeu que vai me levar pra morar com ela. Só não me levou porque ainda não pode, mas sei que ela vai cumprir o que me prometeu. Ela não vai desistir. (Filho D1)

D1 demonstra nessa fala o seu desejo de ir viver com sua mãe, embora isso implique deixar o pai, a irmã, demais familiares e amigos. A promessa de sua mãe de levá-lo para morar com ela norteia o seu futuro. A partir da legalização dos migrantes no país destino, como o caso de brasileiras na Suíça, sucede pelo casamento com um europeu, a brasileira pode entrar com um pedido formal para que seus filhos menores de dezoito possam migrar legalmente para o país, desde que o marido esteja de acordo. Isso oportuniza o casamento de muitas brasileiras com europeus, afim de levarem também os filhos (Schuler & Dias, 2013). Embora, de maneira geral, a maioria dos países da Europa permita que os filhos se reúnam às mães, na prática há uma série de restrições que muitas brasileiras ignoram. Na Suíça, as crianças com mais de doze anos precisam fazer um “teste de integração” para que lhes possa ser concedido o direito de juntar-se à sua mãe e, segundo a literatura, quanto mais avançada for a idade da criança, mais difícil essa integração. Embora a mãe de D1 e o próprio D1 pareçam não conhecer essas restrições, na prática, a cada ano que passa, fica mais difícil que D1 venha morar com sua mãe. E, assim, seu sonho desfeito poderá vir a ser mais uma fonte de sofrimento.

Eis o Desenho da Família do Filho D1



Representa apenas as cabeças com traços bastante fortes, o que é sinal de tensão emocional, agressividade e firmeza. A ausência de corpos demonstra dificuldade com o próprio corpo. Em primeiro lugar, representa o cunhado seguido do pai, irmã, mãe e dele mesmo. Apesar de sua figura estar em último lugar, sua cabeça é maior, o que indica valorização. Também está junto à mãe, mostrando sua preferência por ela. No questionário preferiu os pais e disse serem os melhores “porque são bons para ele”. Gostaria de ser a mãe porque “é batalhadora”, mas, ao mesmo tempo, disse que ela é a menos feliz, “porque fica triste de vez em quando”. A pior é a irmã, mas o mais feliz é ele porque “tem uma boa família”. Os traços e a riqueza dos detalhes denotam habilidades artísticas.

A Filha D2, ao ser questionada sobre as causas da migração de sua mãe, confirma o que já foi dito pelo irmão. Quanto às mudanças em sua vida a partir da migração de sua mãe, ela afirma que foram muitas, como podemos ver no seguinte trecho.

Adquiri muitas responsabilidades, que antes eu não tinha. Eu tinha que fazer feira, ficar com meu irmão menor, essas coisas. (Filha D2)

Souza (2008) observou em seu estudo que houve um amadurecimento dos adolescentes após a emigração de uma das figuras parentais, seja pai ou mãe, o que corrobora o depoimento da participante. A referida autora destaca ainda que essa maturidade passa pela realização de tarefas domésticas, que, a princípio, estão associadas ao universo feminino, o que não foi observado nas entrevistas com os jovens do sexo masculino. Em particular, a migração feminina envolve grandes mudanças na vida familiar (Rivas et al., 2008),

especialmente para as filhas, que assumem a “transferência intergeracional do trabalho de assistência entre as próprias mulheres (Parella & Solé, 2005, p. 12).

Outro ponto importante, segundo uma pesquisa realizada no Caribe (Bakker et al., 2009), é que adolescentes com idades entre os 14 e 18 anos, às vezes, são obrigados a assumir papéis de pais substitutos, referidos como “parentificação” ou “parentalização” e também são particularmente vulneráveis, considerando o pouco apoio que lhes é dado, por serem considerados adultos o suficiente para entender a situação. Como vemos, a adolescente passou a assumir parte das responsabilidades antes assumidas pela mãe, como fazer feira e ficar com o irmão menor, o que pode repercutir na escolaridade. A participante acrescenta:

Desde que ela viajou, eu não consegui estudar direito, tem muita coisa pra fazer em casa, tem que estudar. Na época que ela foi mesmo, eu fiquei em recuperação em quase todas as matérias, e agora ainda tenho que estudar para o Enem. (Filha D2)

Quanto ao relacionamento com a mãe, ela disse:

O contato com minha mãe não é muito. Nós falamos com ela pela internet e dá pra matar a saudade um pouquinho. Mas o que eu quero é que ela resolva a vida dela, e seja feliz. (Filha D2)

Observa-se nesse depoimento que a participante deixa implícito o desejo de que a mãe resolva sua situação e que, de alguma forma, ela não era feliz aqui, mas quer que ela seja feliz onde está. Diferentemente do seu irmão, ela não tem vontade de migrar, pois tem seus planos aqui.

Eu já tenho a minha vida aqui, eu tenho namorado, tenho amigos. Vou fazer vestibular. Não vou deixar tudo isso aqui. (Filha D2)

Cervený e Berthoud (2002), McGoldrick (1995) e Prado (2006) explicitam que, no período da adolescência, os jovens já começam a ter suas próprias redes de amigos e delinear os projetos para o futuro e, na maioria dos casos, já não desejam migrar, como pudemos apreender na fala de D2.

Eis o Desenho da Família da Filha D2



Representou a figura do pai, seguida do irmão em maior tamanho e com mais detalhes, o que indica valorização, dela e da mãe. A pressão forte indica tensão emocional, agressividade e firmeza. Os olhos vazios em três figuras denotam egocentrismo. Mostrou criatividade porque cada figura é diferente uma da outra, o que reflete imaginação. Os filhos estão no meio dos pais e ela se coloca junto à mãe, que é a última. No questionário, ela se considerou a melhor, a que prefere e gostaria de ser, o que confirma o egocentrismo. O pai foi considerado o menos feliz “porque ficou sozinho”. E o mais feliz é o irmão, “porque não se preocupa com nada”. Também se percebem habilidades artísticas nos traçados da participante.

Relacionando seu desenho com a entrevista, podemos denotar que ela sente a ausência da mãe, a ponto de se colocar junto a ela, embora a tenha colocado em último lugar, que é um sinal de desvalorização. Vislumbramos na sua fala que ela deseja que sua mãe seja feliz e disse que está aceitando a situação, mas existe um ressentimento pelo acúmulo de tarefas que lhe coube devido à ausência da mãe, o que tem atrapalhado seus estudos.

4.1.5. Família E: Avó materna (Senhora E) e o neto (Filho E1)

Na família E, avó e neto sempre moraram juntos, pois a filha foi mãe solteira e, ao ficar grávida, permaneceu na casa da mãe. Mais uma vez, podemos ver que, nesta família, houve duas transições não normativas que se sucederam. A filha ficou grávida ainda solteira e depois migrou, deixando o filho com a avó. Segundo a Teoria Bioecológica (Bronfenbrenner, 1979/1996), as transições não normativas causam mais estresse para a família, uma vez que são inesperadas, embora, na perspectiva da avó materna, quando a sua filha migrou, o neto “nem ligou muito, pois já estava acostumado com ela”. Como a avó assumiu os cuidados

com ele desde novinho, talvez a mãe não exercesse realmente sua função, e daí a avó ter funcionado como mãe da criança, conforme podemos ver no seguinte depoimento:

Quando ela (a mãe) foi embora, ele tinha três anos, era pequeno, não entendia nada e tinha pouca ligação com a mãe, então ele nem ligou. Algumas vezes ele perguntava por ela (a mãe), mas muito pouco. Ele é meu filho, foi eu quem criei, na minha cabeça ele não é meu neto, ele é meu filho. (Senhora E)

De acordo com Lopes et al. (2005) e Machado (2006), quando as crianças ficam aos cuidados dos avós, a relação entre avós e netos pode adquirir características da que existe entre mães e filhos e essa substituição ultrapassa os limites práticos e instrumentais, inserindo-se no imaginário das partes envolvidas. Contudo, segundo Dias et al. (2005), bem como Silva et al. (2010), mesmo na situação em que a avó se posiciona como mãe, podem existir ressentimentos e mágoas para com os filhos que as deixaram nessa situação. No caso ora analisado percebe-se uma ambivalência de pensamentos e sentimentos, pois, ao mesmo tempo que considera o neto um filho, assim como veremos que o neto a considera mãe, a avó E sente o peso da responsabilidade que lhe foi atribuída e que ela terminou por aceitar:

Na verdade criar ele não era minha obrigação, eu sou velha. Essa obrigação era dela (da filha). Quando aparecem os problemas com ele eu que tenho que resolver, a responsabilidade é minha, e eu já não tenho condições. (Senhora E)

De acordo com Waldrop e Weber (2001), quando as avós precisam exercer a dupla função de ser mãe e avó, elas podem sentir-se sob estresse constante, além de acarretar perdas em sua vida social, financeira, conjugal e sobrecarga física. As dificuldades escolares dos netos são outra fonte de preocupação das avós por terem que acompanhar as tarefas, reuniões e atividades na escola, o que as deixa sobrecarregadas (Williamson et al, 2003).

Eu fiz tudo pra ele estudar, ele não me ajudava em nada. E até estudou numa escola particular para ter uma vida melhor. Agora ele parou, diz que quer trabalhar, ter a vida dele, mas passa o dia na academia. Na verdade, não me ouve muito. (Senhora E)

Paula e Vilarino (2007) afirmam que esses responsáveis apresentam dificuldades para exercer algum tipo de controle sobre as crianças ou adolescentes, especialmente sobre os últimos, como já foi referido.

O filho E1, relata da seguinte forma as causas da migração de sua mãe:

Minha mãe foi mãe solteira, meu pai não assumiu nada. Minha vó era idosa, então ela (referindo-se à mãe) tinha que fazer alguma coisa e trabalho aqui ela não achava. Eu era muito pequeno, eu tinha três anos, mas eu lembro que não gostei. (Filho E1)

De acordo com a Teoria Bioecológica (Bronfenbrenner 1979/1996), as mudanças que ocorrem no exossistema influenciam o desenvolvimento da pessoa e, conseqüentemente, da família, uma vez que a falta de oportunidade de emprego e de condições financeiras levou a mãe a ver, como única saída a migração. O participante E1, explica a migração de sua mãe justamente por esse motivo, o que fez com que ela procurasse melhores condições de vida no exterior, uma vez que ela era única responsável por eles (mãe e filho).

Eu já morava com minha avó, mas eu ficava muito tempo só, porque minha avó trabalhava e não tinha com quem me deixar. Eu ficava boa parte do tempo sozinho. Mas, depois eu me acostumei. (Filho E1)

Nesse contexto, apesar de ser muito pequeno, E1 se lembra de ter ficado muito sozinho e de não ter gostado da migração da mãe. Isso nos leva a concluir que ele sentiu, sim, sua ausência, embora estivesse acostumado com sua avó, o que atenuou a falta da mãe. A isso se acrescenta a dificuldade de comunicação com ela porque moravam no interior e não tinham telefone em casa, precisando recorrer ao orelhão, que a avó não sabia como operar. Desse modo, o contato era pouco:

Sabe, quando ela migrou, há 15 anos, naquela época, a gente não tinha telefone em casa e nem computador. Eu era pequeno e minha avó não entende nada disso. Às vezes, a gente falava pelo orelhão. A gente morava no interior e ainda mais num sítio. (Filho E1)

Segundo um estudo realizado por Arciniega (2011), o fator que aparece como maior fonte de risco familiar na migração materna é a “falta de comunicação entre o a mãe e a criança” destacando-se como o mais importante de todos. Dada a distância geográfica entre a mãe e a criança, essa comunicação é realizada via telefone ou internet, e geralmente pela iniciativa da mãe. Neste depoimento vemos que a comunicação entre E1 e sua mãe não era constante, o que aumentou o distanciamento entre eles.

Inicialmente, a mãe viajou para São Paulo. Depois de dois anos, ou seja, quando ele tinha cinco anos, sua mãe se casou e o levou para morar com ela, mas o casamento durou pouco e ambos, mãe e filho, voltaram a morar com a avó.

Eu não lembro bem, mas sei que fui morar com a minha mãe. Mas eu não gostava de morar com ela. O casamento foi confuso e logo voltamos a morar com minha vó, eu mesmo só fiquei seis meses, eu só queria voltar. Logo depois ela viajou de novo, ela não encontrava trabalho, e ficamos eu e minha avó novamente. Mas desta vez eu já estava acostumado. (Filho E1)

Falicov (2001) afirma que todas as mudanças ocasionadas pelas separações e reencontros são difíceis de elaborar e Bowlby (2004) acrescenta que as separações trazem sentimentos ambíguos da criança com relação à mãe e, dependendo do tempo de separação, a criança pode desapegar-se definitivamente da mãe. Com relação aos estudos, E1 sentiu muito a ausência de pais que o orientassem. Ele comenta:

Eu fiquei muito sozinho, porque não tinha ninguém que me ajudasse. Uma vez eu até reprovei. Mudei de escola, essas coisas assim. Agora eu quero trabalhar. (Filho E1)

De acordo com Reis (2008) e, como já foi referido, os avós podem não dispor de uma estrutura de apoio quanto à escolaridade dos netos, por falta de conhecimentos, de tempo, ou mesmo a sobrecarga que acompanha as atividades na escola. Foi o que ocorreu neste caso em que a avó, que vivia sozinha com o neto, não teve condições de ajudá-lo nos estudos, sendo essa uma tarefa geralmente exercida pelo pai ou pela mãe. Sobre o contato e a relação com sua mãe, ele relata:

Às vezes ela (a mãe) vem de férias, mas eu prefiro que ela não venha. Quando ela tá aqui, a gente briga muito, e, às vezes, até ficamos sem falar. Então é melhor ela lá, vivendo a vida dela, que eu vivo a minha aqui. (Filho E1)

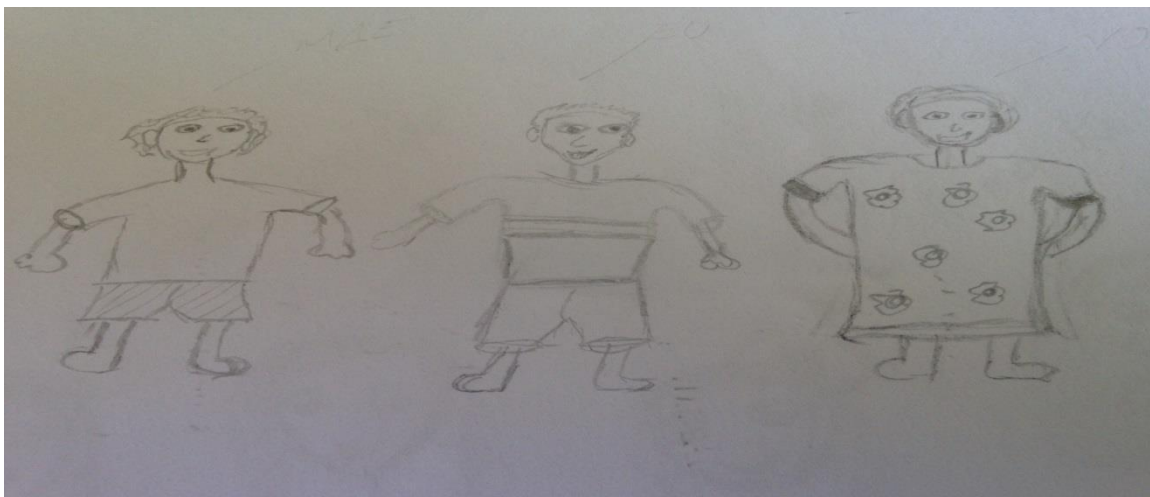
Nesse contexto, vemos que existe um distanciamento afetivo entre mãe e filho, o que se pode se atribuir à distância, aos poucos contatos e, certamente, ao tempo em viveu só com a avó. Corroborando Arciniega (2011), que aponta a falta de comunicação entre mãe e filho como o principal fator de risco durante a migração materna, entendemos que E1 demonstra sentimentos de hostilidade, ressentimento e mágoa pela mãe, a ponto de brigarem muito quando ela retorna ao Brasil.

Com relação às expectativas para o futuro, percebe-se que ele sente uma grande responsabilidade sobre a sua vida e o desejo de ter uma família. Na sua fala, aparece implícito um sentimento de falta, como querer ter o que não teve, ou seja, uma família no modelo tradicional composta de pai, mãe e filhos. Nota-se que é muito importante também para E1 o cuidado com a sua avó:

Eu tenho que arrumar um emprego, ter uma família estruturada. Eu quero fazer diferente com os meus filhos. Eu não quero mais morar muito tempo com a minha avó, mas eu vou cuidar dela, pois ela cuidou de mim. Ela agora é idosa. Ela tem crise de labirintite, artrite, essas coisas. (Filho E1)

Reis (2008) afirma que, quando os avós assumem os netos, o cuidado com os avós também são assumidos por eles, talvez como uma forma de retribuição ao que fizeram por eles (netos), o que mostra a solidariedade intergeracional.

Eis o Desenho da Família do Filho E1



Desenhou a mãe, seguida da figura que o representa e a avó. Ele se encontra entre as duas personagens femininas. A avó possui o maior tamanho e também é a mais enfeitada, o que indica valorização, embora esteja desenhada em último lugar. A mãe apresenta uma aparência de menino, mas é valorizada por estar em primeiro lugar, o que mostra sua ambivalência em relação a ela. No questionário, valorizou a avó (melhor, a quem prefere), embora tenha dito que ela é a pior personagem, alegando questões de saúde. A menos feliz é a mãe e o mais feliz é ele mesmo.

4.1.6 Família F: Tia materna (Senhora F) e sobrinho (Filho F1)

Na família F, como consequência da migração materna, ocorre um dos arranjos familiares que, segundo Machado (2006), é um dos mais difíceis, por colocar o adolescente em posição ainda mais vulnerável, ou seja, F1 passou a morar sozinho, ficando sob a supervisão de sua tia materna, que morava nas proximidades. Nesta situação, o microsistema família passou por uma mudança não normativa que é considerada “radical”. A tia, ao ser questionada sobre o impacto da migração para seu sobrinho, relatou:

Ele não morou comigo porque ele não quis. Ele ficou morando sozinho, mas eu fiquei responsável por ele. Ele tinha 15 anos, quando minha irmã precisou migrar. O marido dela vivia ameaçando ela, então ela teve que ir. Ele ficou muito triste, chorou bastante e ficou perdido. (Senhora F)

Quanto às mudanças ocorridas na vida do sobrinho, ela apontou:

Ele ficou revoltado. Ele não quis morar comigo, então ele ficou morando sozinho. Eu vinha ver como ele estava, porque eu moro perto. Ele não comia, não ia pra escola, não fazia nada. No telefone ele pedia pra ela voltar, chorava ele e chorava ela, mas ela não podia voltar. Com o tempo ele se acostumou, porque não teve outro jeito. (Senhora F)

Nesse caso, vemos que a mãe foi forçada a migrar para escapar de um marido que a perseguia, o que denota um ambiente familiar caracterizado por conflitos. Além de conviver nesse ambiente, que culminou com a separação dos pais, F1 teve que acostumar-se com a ausência materna, tendo ocorrido uma dupla transição não normativa nessa família. De acordo com Marinho (2001) e Levitt (2001), a separação traz sérios problemas emocionais caracterizados por tristeza e alienação por parte dos filhos. Segundo Alves (2009), essas crianças cujos pais migram podem criar hábitos e vícios e no fim, sentem-se perdidas.

Ele bebe, não estuda e nem trabalha. Ele acha que mãe tem que fazer tudo que ele quer, porque ela foi embora e deixou ele. Ele sempre quer mais dinheiro, nada que ela manda é suficiente. Agora ele quer uma moto. Eu já disse pra ela não dar, que é perigoso, mas ela vai acabar fazendo o que ele quer. Ela acha que dando coisas supre a presença dela aqui. (Senhora F)

Segundo Pottinger (2005), nos casos em que os adolescentes ficam sozinhos, muitos assumem responsabilidades de adulto prematuramente, como, por exemplo, o gerenciamento do dinheiro que seus pais enviam, o que faz com que se apeguem demasiadamente apenas a bens materiais. Segundo a CIAAT (2007), o poder do dinheiro estraga as crianças e o desejo por bens materiais passa a ser uma forma de compensação afetiva das mães para os filhos, que cada vez se tornam mais exigentes. Na nossa compreensão, o fato de F1 sempre estar exigindo mais coisas tanto pode ser uma forma de punir a mãe, como também de preencher o vazio deixado por ela com objetos materiais.

É importante ressaltar que o relacionamento com a mãe continua mesmo à distância. Segundo Teresi (2010), as mulheres que migram deixam seus filhos geralmente aos cuidados de outra pessoa (mãe, irmã, tia), mas nunca se desvinculam deles. A expectativa das migrantes é garantir a criação dos filhos, mesmo que seja à distância. Com o pai, que vive nas proximidades, ele não se relaciona porque ele a critica dizendo que foi prostituir-se.

Ela (a mãe) telefona sempre pra ele, aconselha, manda ele estudar. Mas se de perto é difícil, imagine de longe. O pai nem quer saber se ele existe, diz que a mãe dele foi se prostituir, e então ele cortou contato com pai. Minha irmã nunca fez isso não.
(Senhora F)

Para Hazeu (2013), a migração de mulheres está, muitas vezes, vinculada à indústria do sexo. No Brasil, elas carregam o estigma da prostituição, mesmo quando não foram prostitutas ou permaneceram pouco tempo na prostituição. Nenhuma diz abertamente ou com orgulho: “Eu fui para a Holanda”, por exemplo. O casamento aparece como um sistema de proteção que as torna 'respeitáveis'. Trata-se, muitas vezes, de uma estratégia para se revalorizar, embora a acusação de estar envolvida na prostituição permaneça de forma velada. Esse fato também pode ser explicado pela Teoria Bioecológica (Bronfenbrenner, 1979/1996), pois as crenças e as ideologias de cada cultura estão contidas no macrosistema e interferem na forma como os indivíduos pensam e agem. Muitas mulheres, principalmente as de classe socialmente desfavorecida, carregam o preconceito de que foram para o exterior para se prostituírem, o que acarreta ter que conviver com um preconceito a mais, tanto para elas como para os familiares.

Quanto aos sentimentos com relação à responsabilidade pelo sobrinho, a tia disse:

Eu me sentia responsável por ele, mas ele nunca me ouviu. Ele dizia que eu não era mãe dele. A minha irmã me pediu que eu tomasse conta dele, e eu fiz o possível, mas adolescente é muito difícil. A primeira namorada ficou grávida, só que perdeu o bebê. E agora essa já teve o filho dele. Ser pai com 17 anos é muito complicado, mas eu não pude fazer nada. (Senhora F)

Conforme já fora referido por Paula e Vilarino (2007), os novos cuidadores apresentam dificuldade de exercer algum tipo de controle, principalmente com adolescentes. Dias et al. (2005) também encontraram, em sua pesquisa, a queixa das avós acerca da rebeldia dos netos adolescentes. Para finalizar seu depoimento a tia acrescentou:

Pra minha irmã eu acho que foi melhor, mas pra F1 não. Eu acho que se ela estivesse aqui, presente, no pé dele, ele não estava assim não. Ele tinha estudado e talvez tivesse outra vida, outro futuro. (Senhora F)

Ao ser questionado sobre as causas da migração de sua mãe, F1 assim respondeu:

Meu pai brigava muito com a minha mãe, ela queria se separar, mas ele não aceitava. Então o único jeito foi ela ir embora mesmo. (Filho F1)

Gabaccia, citado por Assis (2004), revela que estudos de mulheres migrantes definiram a família como um lugar de opressão para muitas mulheres, podendo ser este fato o estopim para a migração de mulheres, uma fuga dos problemas familiares, mais precisamente dos conjugais. Em uma pesquisa com mulheres migrantes, realizada por Schuler e Dias (2013), algumas das mulheres revelaram ter fugido de casamentos opressivos. O impacto sentido por F1, quando da migração da mãe, foi grande:

Naquela época foi muito difícil pra mim. Eu fiquei morando sozinho, porque eu não quis ir pra outras casas, morar com ninguém. Eu acordava tarde, não tinha coragem pra fazer nada. Minha tia vinha aqui, fazia as compras, mas eu tive que me virar sozinho. (Filho F1)

De acordo com Pottinger (2005) e Jones, Sharpe e Sogren (2004), a separação dos pais pode causar danos psicológicos que se manifestam em comportamento desviante, ou baixa autoestima e depressão. Como vimos no depoimento, o adolescente, ao passar a morar sozinho, entrou num estado depressivo. De acordo com Machado (2006), existem arranjos que nem sempre são admitidos pela sociedade, como é o caso de crianças ou adolescentes permanecerem sozinhas sem estarem sob a guarda de um adulto. O referido autor afirma que, quando as famílias, de antemão, estão estruturadas de forma distinta daquela considerada “moralmente adequada”, a migração aparece como uma opção perigosa.

Depois de mais ou menos um ano vivendo sozinho, a atual namorada de F1 ficou grávida, e eles passaram a viver juntos, embora a mãe dele não concordasse:

Eu falava mais com ela (a mãe) no começo e agora menos. Eu tive que me desligar e viver a minha vida. Também ela brigou muito quando minha namorada ficou grávida, mas agora que minha filha nasceu tá melhor. Ela até mandou uma mala de presentes pra minha filhinha e eu coloquei o nome dela, o nome da minha mãe. (Filho F1)

Nesse contexto, vemos que F1 se tornou pai adolescente aos 17 anos, e passou a morar com a namorada. O participante, que já havia vivido duas transições não normativas subsequentes (divórcio dos pais e migração da mãe), ainda passou por outra, ou seja, tornou-se pai adolescente. Diante dessa situação, a mãe, mesmo não aprovando o comportamento do filho, continua ajudando financeiramente, e procura suprir sua ausência com presentes, que agora são enviados para a neta. É interessante notar que o adolescente deu o nome de sua mãe à filha, talvez como uma retribuição ao que ela faz por ele, como uma forma de homenageá-la, ou ainda como uma forma de tê-la por perto.

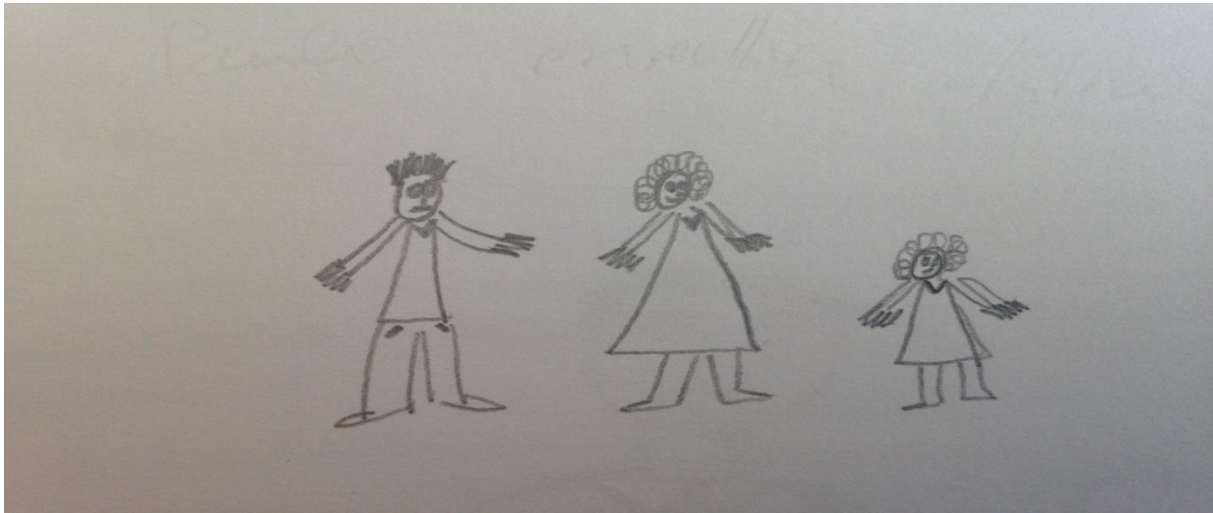
No que se refere aos estudos, ele parou de estudar assim que a mãe migrou, como vemos na seguinte fala:

Quando a minha mãe foi embora eu parei de estudar. Eu me envolvi com amigos, essas coisas e agora eu ainda tenho uma filha, tenho que trabalhar. (Filho F1)

Nesse caso, compreendemos que F1, com apenas 15 anos, não tinha condições de viver sozinho. Ele deixou de estudar, envolveu-se com amigos (não fica claro em que sentido) e tornou-se pai adolescente. Quanto aos seus planos para o futuro, F1 deixou explícito que eles foram alterados a partir da migração de sua mãe, mas o que mais deseja é seu retorno para o Brasil:

Antes, minha mãe sonhava de eu estudar, de me formar. Mas ela foi embora e agora eu tenho uma filha! Ai ficou complicado. Agora, sei não! Mas o que queria mesmo era que minha mãe viesse morar aqui de novo. (Filho F1)

Eis o Desenho da Família do Filho F1



Representou a sua própria família (ele, a namorada e a filha). Desenhou, em primeiro lugar, o pai, seguido da mãe, e da filha. Os desenhos são diminutos indicando sentimentos de inferioridade e retraimento. Notam-se também, nos personagens olhos vazios, que denotam egocentrismo. No questionário disse que a personagem mais feliz é a filha; a quem ele prefere e menos feliz é o seu personagem porque queria que sua mãe estivesse aqui. Percebe-se que as mãos dos personagens são em forma de garfo, indicador de hostilidade. O desenho como um todo denota imaturidade e a ausência do pescoço, dificuldade de controle dos impulsos.

4.2. Buscando reunir os resultados

De acordo com a Teoria Bioecológica do Desenvolvimento (Bronfenbrenner, 1979/1996), a migração materna é uma transição não normativa que trouxe muito estresse para todos os envolvidos. Os processos proximais, que são considerados o motor do desenvolvimento por Bronfenbrenner (1986), foram alterados em função da nova configuração familiar. O *microssistema*, ou seja, a própria família modificou a interação e os papéis desempenhados por seus membros: assim, as avós e a tia passaram a ser cuidadoras primárias das crianças (Famílias A, B, C, E, F), o pai passou a chefiar sua família, assumindo as tarefas que antes competiam à mulher, e uma filha passou a ocupar o papel da mãe, tornando-se uma filha parentificada (Família D).

O *mesossistema*, que inclui as inter-relações entre família, escola, amigos e vizinhança, também sofreu modificações. A migração materna, ao repercutir na interação familiar, refletiu também no desempenho escolar e na socialização dos filhos de forma geral.

Muitos repetiram o ano escolar, ficaram em recuperação ou se desmotivaram, a partir do impacto sentido com a ausência da mãe. Na relação da família com a comunidade pode-se perceber a percepção negativa da mãe que migrou como aquela que abandona os filhos (Família B). A influência dos amigos que é particularmente importante na adolescência parece tornar-se mais decisiva diante da ausência materna (Família F).

Pensando no *exossistema*, pode-se constatar que, mesmo a distância, as mães continuaram a influenciar a vida dos filhos e demais familiares, seja através dos presentes e dinheiro que enviam, fruto do seu trabalho; seja comunicando-se com eles por internet e telefone, aconselhando-os; seja pelas vindas esporádicas ou promessas cumpridas ou não. Embora essa influência, na maioria dos casos, seja positiva, em outros tem ocasionado conflito com os atuais cuidadores (Famílias B e F).

No que se refere ao *macrossistema*, observou-se a influência dos aspectos socioeconômicos-culturais nas migrações femininas. As leis de migração e de relações internacionais algumas vezes dificultam o reagrupamento familiar. As dificuldades financeiras fazem com que muitas mães separadas ou solteiras migrem em busca de uma vida melhor para si e para os seus filhos, mas isso nem sempre se concretiza, deixando os familiares, especialmente os filhos, na expectativa de migrar (Filho D1).

No que tange ao *cronossistema*, vimos que as mudanças históricas que acompanham o papel da mulher na sociedade e na família têm influenciado bastante a migração feminina, trazendo com isso uma série de consequências ainda não estudadas em profundidade. Não se pode também deixar de ressaltar que a idade que os filhos tinham quando foram deixados por sua mãe também parece influenciar bastante o seu relacionamento com elas. Nota-se que os filhos deixados na primeira infância, apresentam uma maior dificuldade no relacionamento com a mãe dos que aqueles que foram deixados com mais idade, confirmando a Teoria de Bowlby (2004) que diz: o afastamento prolongado de crianças pequenas das figuras parentais causa o desapego. Dessa forma, as crianças se apegaram às figuras cuidadoras substitutas (avós) e apresentaram muita dificuldade de reunificação com a mãe ou mesmo de reconhecê-la como tal (Famílias A e E). As avós, por sua vez, apesar de se sentirem úteis por ajudarem filhas e netos, sentem mais dificuldade de impor limites à medida que os netos alcançam a adolescência e se tornam mais fragilizadas devido ao processo de envelhecimento.

Relacionando os dados obtidos com os objetivos específicos desta pesquisa, em relação *ao impacto causado pela migração materna*, nota-se que todos os adolescentes, independente de quem sejam seus cuidadores, sentiram e continuam a sentir o impacto da migração de sua mãe. O desenvolvimento de todos os participantes foi alterado de alguma forma pela migração materna, embora se tenha que levar em conta outros fatores como a própria situação financeira, a ausência da figura paterna, a falta de preparação dos filhos diante da migração da mãe e a falta de escolha tanto da avó como de netos, forçados a conviver, frente à situação instaurada.

Observamos ainda que as duas tentativas de reunificação familiar não foram bem sucedidas, por diversos motivos, e os netos retornaram para continuar vivendo com suas avós (Famílias A e C). Podemos perceber que a separação da mãe em nível emocional gerou sentimentos de tristeza, abandono e até de revolta nos filhos. A maioria deles mantém contatos com ela através de telefone, MSN, Facebook, entre outros, sendo tal fato positivo, porque, mesmo à distancia, as mães continuam presentes em sua vida. Contudo, esse contatos virtuais parecem não ser suficientes para deixá-los seguros e protegidos, o que pode ser atribuído à falta da proximidade necessária para a manutenção de vínculos satisfatórios. As remessas de dinheiro e presentes parecem amenizar a distância e melhorar o nível econômico da família, porém não parece ter sido suficientes para fazer com que os filhos se esforcem mais para estudar e um dos casos deixa transparecer claramente a dependência financeira do filho (Família F).

Entre as *estratégias de convivência e expectativas para o futuro* a maioria deles deseja para si um futuro em que desejam formar uma família tradicional, ou seja, com mãe, pai e filhos, diferente da configuração familiar em que vivem atualmente. Três estão tocando sua vida, com uma rede de amigos, namorando e investido nos estudos (Filhas A1, B1 e D2). Um deles ainda espera a possibilidade de ir viver com sua mãe (Filho D1) e outro deseja o seu retorno (Filho F1).

Todos os responsáveis pelos adolescentes, sejam eles pai, avós ou tia, se sentem sobrecarregados com essa tarefa, especialmente no período da adolescência, quando ocorrem muitas mudanças biopsicossociais. No caso das avós, apesar do desejo de ajudar as filhas, há uma ambivalência de sentimentos com relação à criação dos netos, além de se depararem com a saúde fragilizada.

As análises do teste do Desenho da Família mostraram, de forma geral: 1. Ansiedade, o que poder ser visto nas rasuras, negrito e traços repassados; 2. Sentimentos de insegurança, a partir das figuras inclinadas; 3. Rejeição e sentimentos de inferioridade, através da ausência de seu próprio personagem, ao se desenhar por último ou ainda nos tamanhos pequenos dos desenhos ou com ausência de detalhes. Finalmente, notou-se o desejo de estar com a mãe, pois apesar de sua ausência, eles se colocam junto a ela ou a colocaram em primeiro lugar (C1, D1, D2 e E1).

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Neste trabalho foi realizada uma reflexão inicial sobre a Teoria Bioecológica do Desenvolvimento, as novas configurações familiares e a migração feminina. Em seguida, fez-se a pesquisa empírica da qual participaram sete adolescentes, cujas mães migraram para o exterior, e eles ficaram sob os cuidados de avós (quatro), pai (dois irmãos) e tia (um).

No percurso teórico, pode-se perceber como a família tem mudado ao longo do tempo, evoluindo de casamentos indissolúveis para casamentos que podem ser anulados pelo divórcio, abrindo a possibilidade para recasamentos, famílias monoparentais, transnacionais, entre outras. Percebeu-se também que houve muitas modificações no papel da mulher na sociedade, o que pode ser considerado como uma das causas da protagonização feminina nas migrações.

Entretanto, é preciso lembrar que a migração possui várias faces e que elas não constituem um fenômeno isolado, como bem postula a Teoria Bioecológica do Desenvolvimento. Para os que migram, passa a existir a possibilidade de conseguir um melhor padrão de vida, para si e para seus familiares, e oportunidades de trabalho existentes nos países desenvolvidos, que, muitas vezes, não são encontradas em seu próprio país. Contudo, em muitos casos, principalmente quando se fala de migração feminina, as possibilidades terminam por se restringir aos trabalhos domésticos, à prostituição, aos serviços pesados, dentre outros. A maioria dos pesquisadores sobre esse assunto ressalta questões como legalidade, preconceito, além de outras relativas ao próprio migrante no país de destino, deixando de levar em consideração, pelo menos em profundidade, as implicações que a migração gera para o restante da família que fica no país de origem, principalmente quando se tratam de filhos ainda crianças ou adolescentes.

Os motivos da migração feminina são muitos, porém, de maneira geral, o que se destaca é a busca por uma melhor condição de vida. Muitas brasileiras migram ilegalmente deixando filhos aqui no Brasil com o projeto de se casarem para permanecer no país estrangeiro e, assim, poder levá-los para juntar-se a elas. Sugere-se que os filhos devem merecer mais atenção, pois eles fazem parte do processo de migração, o que não tem ocorrido uma vez que o foco dos estudos se tem voltado para o adulto que migra e seu processo de

adaptação. Diante da “feminização” das migrações, a participação dos filhos em todo processo migratório precisa ser focalizada nas pesquisas e nas políticas públicas.

Esses “filhos da migração”, por sua vez, podem ser divididos basicamente em três categorias: os que migram, os que nascem em solo estrangeiro e os que ficam no país de origem. Neste estudo, o foco da atenção foi justamente esses últimos. O objetivo desta pesquisa consistiu em analisar os impactos que a migração materna trouxe para os filhos que ficaram, mas também em compreender os principais temas relacionados à questão, no sentido de melhor entender as necessidades dessas crianças e adolescentes, bem como de seus cuidadores.

Apesar das intenções da mãe, ao migrar, de buscar uma solução para a manutenção da família e do envio de recursos que melhorem o nível financeiro dos filhos, no âmbito desta pesquisa, verificou-se um estremecimento nas relações afetivas entre as mães e seus filhos. Os sentimentos experimentados por alguns filhos foram de rejeição, baixa autoestima, tristeza, revolta e fracasso que perduraram, mesmo quando houve a tentativa de reunificação familiar. Ao mesmo tempo, eles sentem sua falta e a necessidade de sua presença, especialmente em datas e decisões importantes em sua vida. Em menor escala, houve aqueles que demonstraram um maior apego à avó, principalmente os que ficaram sob seus cuidados muito cedo.

A ausência física da mãe abalou as relações com os filhos que, na maioria dos casos, já tinham sido abandonados pelo pai ou não mantinham boas relações com ele. Contudo, é importante frisar que as novas tecnologias contribuem para que as distâncias geográficas “diminuem”. As mães continuam comunicando-se com seus filhos virtualmente, o que para alguns ameniza as saudades e contribui para a manutenção do relacionamento entre eles.

No que se refere ao mecosistema, que consiste na relação entre a família e a escola, pode-se constatar que todos os filhos apresentaram dificuldades na escolaridade, o que pode ser visto quando se compara sua idade cronológica e o ano que estão cursando na escola. Esse fato se revelou através da repetência, desinteresse, dificuldade de concentração e até evasão escolar, comprometendo assim o seu futuro. Certamente, para essa situação, além da migração materna, pode contribuir a falta de acompanhamento ou mesmo de preparo das avós para estimular a escolaridade dos netos, embora a valorizem.

Entre os comportamentos que são considerados de risco, além da defasagem na escolaridade, pode-se identificar o uso de bebida alcoólica e a gravidez na adolescência em um caso estudado, embora seja importante considerar que essa é uma realidade que não pode ser relacionada apenas à migração materna. Em alguns casos, a sobreposição de fatores de risco, como, por exemplo, abandono pelo pai, assim como o ambiente externo a que o adolescente está exposto, atrelados à migração materna contribuem para a ocorrência desses comportamentos. Identificou-se ainda uma filha que praticamente assumiu o papel da figura materna, tornando-se uma filha parentificada. Em outro caso, há indicadores que podem sugerir a prática de alienação parental por parte da avó paterna com a neta em relação à mãe que migrou.

Por ocasião da migração materna, os filhos que ficam necessitam de uma figura que venha substituir a mãe nos seus cuidados. Essa pessoa, muitas vezes, apresenta dificuldades de aceitação pela criança ou adolescente, sendo sua autoridade questionada em razão das circunstâncias vividas. Os cuidadores, por sua vez, sentem-se sobrecarregados diante das demandas da criação desses adolescentes que, além de estarem em um momento de transição em seu desenvolvimento, têm que lidar com as repercussões da migração materna.

Em se tratando das avós maternas, apesar de demonstrarem amor e disponibilidade para ajudar as filhas e os netos, alegaram o peso da idade e queixas físicas decorrentes do processo de envelhecimento, como empecilhos para fazer frente à situação, chegando a criticar abertamente as filhas que partiram, achando que seria melhor se elas não tivessem migrado. A isso se acrescenta a crença existente no imaginário social de que a mãe é que deve cuidar dos filhos, ainda que essas mães que migram acreditem que estão fazendo isso para o bem deles.

Na presente pesquisa, alguns filhos vivem aprisionados entre o desejo de ir para onde a mãe se encontra ou permanecer no Brasil. Na verdade, essa divisão faz que não estejam completamente em nenhum lugar. Isso acontece também com os que migraram e tiveram que voltar, por não conseguirem adaptar-se. Outros ainda já estão decididos e preferem viver aqui, dando continuidade aos seus próprios projetos de vida. É interessante notar que as expectativas de futuro desses adolescentes giram em torno da formação de uma família nuclear (composta por pai, mãe e filhos). Levanta-se a suposição de que isso ocorre por idealizarem o modelo de família nuclear como “porto seguro”, diante das dificuldades que experimentaram.

Quando se observam, segundo os dados do Censo Demográfico (2010), os altos índices de migração feminina comparados com as restritas leis de imigração e reunificação familiar, adotadas pelos países destino, conclui-se que é grande o contingente de crianças e adolescentes que precisam conviver com a ausência de sua mãe, principalmente na região Nordeste do Brasil. Consideramos, então, que existe uma necessidade de dar visibilidade a esse fenômeno através de pesquisas e de preparação profissional aos que estão implicados no atendimento a essas mulheres para alertá-las acerca das consequências dessa decisão, uma vez que muitas delas desconhecem as leis que vigoram nos países destino e o que as espera.

Do ponto de vista dos filhos, é necessário que os profissionais que lidam com esses “órfãos da mobilidade” (professores, cuidadores, profissionais da psicologia, serviço social, direito, entre outros), possam compreender suas carências e necessidades para lhes propiciar um melhor atendimento. No que se refere ao macrossistema, é imprescindível que os governos se mobilizem para resolver as questões legais, de forma a amenizar os sofrimentos das famílias migrantes.

Dada a complexidade do tema em questão, seria pretensioso achar que esgotamos as possibilidades de pesquisa sobre ele. Estamos conscientes que as limitações e originalidade desta pesquisa não nos permitem fazer generalizações. Contudo, acreditamos que ela pode nos fornecer um ponto de partida para discussão sobre migração feminina e família. Consideramos que nos foi possível fazer um breve mapeamento da questão e que novas investigações se fazem necessárias para sua compreensão.

À medida que fazíamos a revisão da literatura e principalmente lendo os fragmentos das entrevistas cedidas pelos participantes, surgiam novos questionamentos que os estudiosos do assunto até agora não articularam e tivemos dificuldades para encontrar literatura brasileira que os aborde. Portanto, sugerimos que novas pesquisas relacionadas a esse tema focalizem, por exemplo, o futuro das crianças brasileiras que migraram ou sobre as cuidadoras daquelas que ficaram, especialmente as idosas, uma vez que, em nossa sociedade os filhos, mas, sobretudo as filhas, são as que cuidam dos pais na idade avançada.

Esperamos que esta tese possa favorecer discussões acadêmicas sobre família e migrações, contribuindo para o desenvolvimento de políticas públicas e para a produção

científica voltada para essas temáticas. Almejamos também que este estudo possa contribuir para o desenvolvimento de intervenções específicas para essas famílias.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- Almeida, R.; Rodrigues, R.D.; Fonseca T.V., Mende, R.; Plates, J. C. & Bulla, L. C. (2009). *Os processos migratórios no Brasil e seu impacto na família*. Faculdade de Serviço Social, Grupo de Pesquisa em Demandas e Políticas Sociais. X Salão de Iniciação Científica, PUCRS.
- Almeida, E. C. G.& Siqueira S. (2010). *A influência da emigração internacional na vida escolar dos filhos de emigrantes valadarenses*. In XIV Seminário sobre a Economia Mineira, Diamantina. Belo Horizonte: UFMG/Cedeplar.
- Alves, R. (2009). Os filhos da imigração ilegal. *Correio Braziliense*. Acessado em 10.10.2011 e recuperado em <http://www.correiobraziliense.com.br>
- Antman, F. M. (2011). *The impact of migration on family left behind*. Acessado em 02.06.1013 e recuperado em <http://www.iza.org/migrationhandbook/antman>
- Assis, G.O. (1999). Estar aqui... estar lá. Uma cartografia da vida entre o Brasil e os Estados Unidos. In *Cenas do Brasil migrante*. São Paulo: Bomtempo Editorial.
- Arciniega, J. D. U. (2011). Social perception of risk and protection factors for the children of emigrant mothers: A Study in the Dominican Republic. *Migraciones Internacionales*, Vol. 6.
- Ariés, F. (1981). *História social da criança e da família*. Rio de Janeiro: Zahar.
- Assis, G. O. & Kosminsky, E. V. (2007). Gênero e migrações contemporâneas. *Revista Estudos Feministas*, 15(3), 695-697. Acessado em 01. 11.2012 recuperado em <http://dx.doi.org/10.1590/S0104-026X2007000300012>
- Baeckert, L. T. (2008). *Os sonhos das babás brasileiras ilegais na Suíça*. Acessado em 06.05.210 e recuperado em http://www.swissinfo.ch/por/reportagens/Os_sonhos_das_babás_brasileiras
- Bakker, C.M.; Elings-Pels & Reis, M. (2009). The Impact of Migration on Children in the Caribbean . Acessado em 10.06.2013 e recuperado em http://www.unicef.org/easterncaribbean/Impact_of_Migration_Paper.pdf
- Barahona, M. (2002). Género y migración. Estudio de hogares trabajadores emigrantes nicaragüenses, *Revista Entre redes* Nº 9. Disponível em <http://www.cepal.org/mujer/noticias/noticias/9/26089/Serie61.pdf>
- Baptista, D. M. (1994). O debate sobre o uso de técnicas qualitativas e quantitativas de pesquisa. In O uso de abordagens qualitativas na pesquisa em serviço social. *Revista NEOI*. São Paulo: PUC-SP.

- Berenstein, I. (1988). *Família e doença mental*. São Paulo: Escuta.
- Beserra, B. (2005). *Brasileiros nos Estados Unidos: Hollywood e outros sonhos*. Fortaleza/São Paulo/Santa Cruz: Editora UFC/UNISC/HUCITEC.
- Bowlby, J. (2004). *Apego e perda: Separação; angustia e raiva*. 4^aed. São Paulo: Martins Fontes.
- Brito, B. (2000). *A situação profissional das mulheres imigrantes*. In *Anuário das Relações Exteriores* (pp. 188-189) Lisboa: Universidade Autónoma de Lisboa.
- Bronfenbrenner, U. (1979/1996). *A ecologia do desenvolvimento humano: experimentos naturais e planejados*. Porto Alegre: Artes Médicas.
- Bronfenbrenner, U. & Morris, P. (1999). The ecology of developmental processes. In Damon W. (Org.). *Handbook of child psychology* (Vol. 1, pp. 993-1027). New York, NY: John Wiley & Sons.
- Bronfenbrenner, U. (1981). *Die Ökologie der menschlichen Entwicklung: Natürliche und Geplante experimente*. Stuttgart: Ernst Klett Verlag.
- Bustamante, J. (2009). *Relatório para o Conselho de Direitos Humanos*. Acessado em 10.10.2011 e recuperado em <http://www.ohch.org//childrensandmigration>
- Calvo, V. G. (2006) El duelo Migratório. *Revista Trabajo Social*, Vol. 7, pp. 77-97.
- Cardoso, A. R. (2011). *Avós do século XXI: mutações e rearranjos na família contemporânea*. Curitiba: Juara Editora.
- Caritas Internacional (2012). *Justiça e cuidados para as mulheres migrantes*. Acessado em 10.10.2012 e recuperado em <http://www.zenit.org/article-29867?l>
- Carter, B., & McGoldrick, M. (2001). *As mudanças no ciclo de vida familiar: Uma estrutura para a terapia familiar* (M. A. V. Veronese, Trad.). Porto Alegre: Artes Médicas.
- Carvalho, M. C. B. (2007) Famílias e políticas públicas. In: A. R. Acosta & M. A. F Vitale. (Org.). *Família: redes, laços e políticas públicas*. 3. ed. São Paulo: Cortez.
- Castellanos, P. C. (2005). Mujeres migrantes de América Latina y el Caribe: derechos humanos, mitos y duras realidades. *Serie Población y desarrollo*, n.61. Santiago del Chile: CEPAL.
- Castles, S. & Miller, M. J. (1993/2003). *The Age of Migration: International Population Movements in the Modern World*. Basingstoke, New York: Macmillan.

- Centro de Informação e Assessoria técnica (CIAAT) (2007). *Impactos da migração internacional na Microrregião de Governador Valadares*. Relatório final de Pesquisa. Governador Valadares: Univale.
- Cervený, C. M. O. (2000). *A família como modelo: Desconstruindo a patologia*. Campinas, SP: Livro Pleno.
- Cervený, C. M. O. & Berthoud, C. M. E. (Orgs.) (2002). *Visitando a família ao longo do ciclo vital*. São Paulo: Casa do Psicólogo.
- Cheianu-Andrei D.; Gramma, R.; Milicenco, S.; Pritcan V.; Rusnac, V. & Vaculovischi, D. (2011). *Specific needs of children and elderly left behind as a consequence of migration*. Chisinau: OIM, Czech Development Agency and UNFPA.
- Cleaver, V. (2009). *Ninguém pode Integrar outra pessoa*. Acessado em 24.04.2010 e recuperado em <http://www.swissinfo.ch/por/sociedade>
- Cognet, G. (2013). *Compreender e interpretar desenhos infantis*. Petrópolis: Editora Vozes.
- Collicelli, C. (2000). *Child immigration project: Children in between* (European Report). Disponível em: [http://www.injep.fr/etudes/chip/down/European Report.doc](http://www.injep.fr/etudes/chip/down/European%20Report.doc).
- Corman (1975). *O teste do desenho da família*. São Paulo. Mestre Jou.
- Cortes, R. (2005). *Impact on children left behind: children and migration*. Acessado em 10.10.2011 e em recuperado em <http://www.globalmigration>
- Cowan, P.A. (1991). Individual and family life transitions: a proposal for a new definition. In Cowan, P.A., Hetherington, M. *Family Transitions*. Hillsdale: Lawrence Erlbaum Associates.
- Del Priore, M. (1994). *As mulheres chefes de domicilio e a formação da família*. Acessado em 10.12.2013 recuperado em <http://www.abep.nepo.unicamp.br>
- Departamento Federal de Assuntos Exteriores (2014). *Educação*. Acessado em 20.09.2014 e recuperado em <http://www.swissworld.org/es/politica>
- Dessen, M. A., & Braz, M. P. (2005). A família e suas inter-relações com o desenvolvimento humano. In M. A. Dessen, & A. L. Costa Jr. (Eds.), *A ciência do desenvolvimento humano: Tendências atuais e perspectivas futuras* (pp.113- 131). Porto Alegre: Artmed.
- Dessen, M. A. & Silva Neto, N. A. (2000). Questões de família e desenvolvimento e a prática de pesquisa. *Psicologia: Teoria e Pesquisa*, 16, 191-192.
- Dias, C. M. S. B. (2011). *Avaliação da personalidade infantil*. João Pessoa: Ideia.

- Dias, C. M. S. B., Costa, J. M. & Rangel, V. A. (2005). Avós que criam seus netos: circunstâncias e consequências. (pp. 158-176). In: T. Féres-Carneiro (Org.) *Família e Casal: efeitos da contemporaneidade*. Rio de Janeiro: PCU - Rio.
- Dias, C. M.S.B., Aguiar, A. G. S. & Hora, F. F. A. (2009). Netos criados por avós: motivos e repercussões. In: T. Féres-Carneiro (org.). *Casal e família: permanências e rupturas* (43-58). São Paulo: Casa do Psicólogo.
- Dias, C. M.S. B., Ataíde, E. R, Albuquerque, N. C. & Magalhães, K.A. (2011). As relações entre gerações nas famílias chefiadas por idosos. In: T. Féres-Carneiro (Org.). *Casal e família, conjugalidade, parentalidade e psicoterapia*. (pp. 79-94). São Paulo: Casa do psicólogo.
- Dias. C.M.S. B & Schuler, E. (2013). Uma proposta de Intervenção Psicoeducativa com Avós que criam seus netos. In: A. Garcia & Diaz-Loving (Orgs). *Relações familiares: Estudos Latinos Americanos*. (pp. 30-43). Vitória: CIPRI/UFES.
- Divisão Federal de Estatísticas (OFE) (2011). *Estatísticas*. Acessado em 20.05.2013 e acessado <http://www.swissinfo.ch/por/suiça>
- Dutra D. (2013). Mulheres, migrantes, trabalhadoras: A segregação no mercado de trabalho *Revista Interdisciplinar de Mobilidade Humana*, (40) 177-193.
- Ehle, G. M & Day, H. D. (1994) Adjustment and Family functioning of grandmothers rearing their grandchildren. *Contemporary Family Therapy* 16 (1), 67-81.
- Escribano, A. I. (2000), "El proyecto migratorio de los indocumentados según género." *Papers* (60) 225-240. Coruña: Universidade de Coruña.
- Falicov, C. J. (2001). Migración, perdida ambigua y rituales. *Perspectivas Sistémicas*, 69, 81-102. Buenos Aires: Artes Gráficas Buschi.
- Fergusson, D. M. & Lynskey, M. T. (1996). Adolescent resiliency to family adversity. *Journal of the child psychology and psychiatric*, 37, 281-292.
- FIZ. (2009). Illegalisierung In: *Fachstelle Frauenhandel und Frauenmigration*. Acessado em 24.04.2010 e recuperado em http://www.fiz-info.ch/index.php?page_483
- Fonseca, M. L.; Ormond, M.; Malheiros, J.; Patricio, M. & Martins, F. (2005). Reagrupamento Familiar e Imigração em Portugal. *Relatório Preliminar*. Lisboa, Centro de Estudos Geográficos, ACIME, FLAD *Relatório Preliminar*. Lisboa, Centro de Estudos Geográficos, ACIME, FLAD.
- Fox, R.(1986). *Parentesco e casamento*. Lisboa: Veja 1986.

Fundo das Nações Unidas para a Infância (UNICEF) (2011). Encuesta sobre remessas 2010: protección de la niñez y adolescencia. *Cuadernos de trabajo sobre migraciones n.28*. Guatemala: OIM.

Gonçalves, M. & Figueiredo, A. (2005). Mulheres imigrantes em Portugal e mercado de trabalho: diferentes percursos, inserções laborais semelhantes. In *Imigração e Etnicidade, Vivências e Trajetórias de Mulheres Imigrantes*. Lisboa: SOS Racismo.

Garnezy, N. (1996). Reflections and commentary on risk, resilience, and development. In: R. Haggerty, L. Sherrod, N. Garnezy & M. Rutter (Orgs.). *Stress, risk, and resilience in children and adolescents* (pp. 1-15). New York: Cambridge University Press.

Haddad, L. (1997). *A ecologia do atendimento infantil: construindo um modelo de sistema unificado de cuidado e educação*. Tese de Doutorado em Educação, Faculdade de Educação, São Paulo: USP.

Hamm, R. J. (2004). *Das doppelte Anderssein. Die Lebenssituation von Menschen binationaler Herkunft in der Bundesrepublik Deutschland*. Acessado 10.02.2012 e recuperado em <http://www.adb-berlin.org/component/option>

Hammer, E. (1985). *Aplicações clínicas dos desenhos dos desenhos projetivos*. Rio de Janeiro: Interamericana.

Hazeu M. T. (2013). *Migração internacional de mulheres na periferia de Belém: identidades, famílias transnacionais e redes migratórias em uma cidade da Amazônia*. Acessado em 10.03.2013 e recuperado em <http://www.repositorio.ufpa.br>

Hanson, G. H. & Woodruff C. (2003). *Emigration and educational attainment in Mexico*, Mimeo. Acessado em 10.03.2013 e recuperado em <http://irps.ucsd.edu/assets/022/8772.pdf>

Hochschild, A. R. (2004). As cadeias globais de assistência e a mais-valia emocional. In: Hutton, W. & Giddens, A. *No limite da racionalidade – convivendo com o capitalismo global* (pp. 187-209). Rio de Janeiro: Record.

Hochschild, A. R. & B. Ehrenreich (2004). *Global Woman: Nannies, Maids and Sex Workers in the New Economy*. New York: Henry Holt.

Horta, A.P.B. (2004). *Contested citizenship: immigration politics and grassroots migrants Organizations in post-colonial Portugal*. New York: Center for Migration Studies.

Huber, L. (1996). Nos Trajetos da sujeição: brasileiras na Suíça. *Travessia – Revista do migrante*. N°. 26, São Paulo: Peres.

Hulsendeger, M. J. *A importância da família no processo de educar*. Acessado em 03.11.2010 e acessado em <http://www.espacoacademico.com.br/067/67hulsendeger.htm>

Immigration and Refugee Board. (2005). *Refugee statistics, 2004*. Acessado em 20.10. 2013 from <http://www.web.ca/~ccr/irb2004stats.html>

Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE) (2011). *Censo Demográfico. 2010*. Acessado em 10.11.2011 e recuperado em <http://www.ibge.gov.br>

Jampaklay, A. (2006). Parental absence and children's school enrolment: Evidence from a longitudinal study in Kanchanaburi, Thailand. *Asian Population Studies*, 2 (1) 93-110.

Jones, A.; J. Sharpe & Sogren M. (2004). Children's experiences of separation from parents as a consequence of migration. *Caribbean Journal of Social Work*, 3 (1) pp. 88-109.

Knight, L. A. (2009). A Face feminina da migração. *Discurso de Abertura proferido no Caritas Internacional*. Acessado em 11.10.2011 e recuperado em <http://www.caritas.org/includes/pdf/LAKSenegal>

Kofman, E. (2003). *Women migrants and refugees in the European Union. The economic and social aspects of migration*. Brussels: European Commission and OECD.

Kofman, E. & Raghuram, P. (2009). The Implications of migration for gender and care regimes in the South, social policy and development – *Paper No. 41*, Genebra: UNRISD.

Künsle, A. (2008). Sistemas de ensino suíço são segregatórios. Entrevista com Franz Schultheiz, professor da Universidade de St. Gallen. *Swissinfo*. Acessado em 10.03.2013 e recuperado em <http://www.swissinfo.ch/por/sistemas-de-ensino-suiços>

Lahaie, C.; Hayes J.; Piper, T. M. & Heymann, J. (2009). Work and family divided across borders: The impact of parental migration on Mexican children in transnational families. *Community, Work and Family*, 12(3): 299-312. New York: Palgrave Macmillan

Leal, M. F. & Leal, M. L. (2003). *Pesquisa sobre Tráfico de Mulheres, Crianças e Adolescentes para Fins de Exploração Sexual Comercial no Brasil*. Brasília: CECREA.

Levitt, P. (2001). *Transnational villages*. Berkeley: University of California Press.

Lisboa, T. K (2007). Fluxos migratórios de mulheres para o trabalho reprodutivo: a globalização da assistência. *Revista Estudos Feministas*. 15 (3), 805-821.

Lopes, E. S. L.; Neri, A. L. & Park M .B. (2005). Ser avós ou ser pais: o papel dos avós na sociedade contemporânea. *Textos sobre envelhecimento*, 8 (2).

Machado, I. J. R. (2006). *Laços de sangue e fluxo de dinheiro: notas sobre o parente*

ausente no contexto migratório transnacional Portugal/Governador Valadares. 25ª Reunião Brasileira de Antropologia 2006, Goiânia, CDROM.

Mainetti, A.C. & Wanderbroocke, A. C. N. S (2013). Avós que assumem a criação dos netos. *Pensando famílias*, 17 (1) 87-98.

Marinho, L. (2010). *Uma infância separada e o impacto do transnacionalismo nas crianças e nas relações familiares*. 7º Congresso Ibérico de Estudos Africanos, Lisboa.

Martes, A. C. B. (2000). *Brasileiros nos Estados Unidos – Um estudo sobre imigrantes em Massachusetts*. São Paulo: Paz e Terra.

Martine, G. (2005). A globalização inacabada: migrações internacionais e pobreza no século 21. *São Paulo em perspectiva*, 19, (3) 3-22. São Paulo: Seade.

Martins, J & Bicudo, M. A. V. (1994). *A pesquisa qualitativa em psicologia: fundamentos e recursos básicos*. São Paulo: Moraes.

McGoldrick, M. (1989/2001). Etnicidade e o Ciclo de Vida Familiar. In: B. Carter & M. McGoldrick. *As Mudanças no Ciclo de Vida Familiar – Uma Estrutura para a Terapia Familiar*. (Trad. M. A. V. Veronese). (65-83). 2ª ed. Porto Alegre: Artes

Mecheril P. (1994). *Andere Deutsche. Zur Lebenssituation von Menschen multiethnischer und multikultureller Herkunft*. Berlin: Dietz.

Minayo, M. C. (2004). *O desafio do conhecimento: pesquisa qualitativa em saúde*. 8ª edição. São Paulo: Hucitec.

Ministério das Relações Exteriores. (2009). *Notícias para o Mundo*. Acessado em 06.05.2010 e recuperado <http://www.swissinfo.ch.sociedade/Emigrantes>

Morokvasic, M. (1984). Birds of passage are also women. *International Migration Review*, 18 (4) 886-907. New York: Center for Migration Studies of New York, Inc.

Orb, A. & Davey, M. (2005). Grandparents parenting their grandchildren. *Australian Journal on Aging*, 24, (3) 162-168. Acessado em 10.11.2014 e disponível em <http://www.cota.org.au/> <http://www.blackwellpublishingasia.com>

Observatório das Migrações. (2012). *Famílias transnacionais e o impacto em termos sociais e de gênero da mobilidade nos países ACP*. Acessado em 25.05.2013 e recuperado em <http://www.acpmigration-obs.org/sites/default/files/PT-BN06-familias.pdf>

Oliveira, A.C. (2003). *Mulheres Imigrantes no Sul da Florida: Um estudo de caso revelando diferenças*. Seminário Internacional. Fazendo Gênero, Santa Catarina. Acessado em 20.02.2011 e recuperado em <http://www.fazendogenero.ufsc.br>.

Oliveira, F. (2010). *Como entender o "be-a-ba" dos vistos na Suíça*. Acessado em 29.10.2010 recuperado em <http://www.cigabrazil.ch/informando/materiais/be-a-ba.html>

Organização das Nações Unidas (ONU) (2009). *Crianças e migração: proteger os direitos de um futuro melhor*. Acessado 10.10.2011 e recuperado em <http://www.ohch.org//childrensandmigration>.

Organização Internacional para as Migrações (OIM) (2011). The Multifaceted impact of migration. *Background paper*. Acessado em 20.07.2014 e recuperado em http://www.iom.int/jahia/webdav/shared/mainsite/microsites/IDM/workshops/societies_and_identities_061910/background_paper.pdf

Ornelas, (2012). Mulheres imigrantes enviam muito dinheiro a seus países: migrações na atualidade. *Revista Interdisciplinar de Mobilidade Humana*, (23) 89.

Parella, S. & Solé, C. (2005). *Discurso sobre la maternidad transnacional de las mujeres de origen latinoamericano residentes en Barcelona*. Ponencia presentada en Congreso Mobilités au féminin, Tânger, Marruecos. Recuperado 09.03.2012, e acessado em: http://www.mmsh.uniwaix.fr/lames/Papers/ParellaSole_ES.pdf

Parreñas, R. S. (2001). *Servants of Globalization: Women, Migration and Domestic Work*. California: Stanford University Press

Parreñas, R. S. (2005). *Children of global migration: transnational families and gendered woes*. California: Stanford University Press.

Paula, A. C. & Vilarino, M. T. B. *O reflexo da migração internacional na vida escolar dos filhos de migrantes*. Acessado em 01.06.2011 e recuperado em http://www.univale.br/servicos/downloads/downloads/caderno_neder_2

Petzold, M. (1996). The psychological definition of the family. In: M. Cusinato. (Org.). *Research on family resources and needs across the world* (pp. 25-44). Milano-Led Edizioni Universitarie.

Phizacklea, A. (2005). O mercado de trabalho flexível e o trabalho incerto: o caso da migração. In: I. Kovács (Org.). *Flexibilidade de Emprego, Riscos e Oportunidades*. Oeiras: Celta.

Pinto, K.L.B.; Arrais, A.R. & Brasil, K. C. T. R. (2014) Avosidade x maternidade: a avó como suporte parental na adolescência. *Psico*, (19) 1.

Pinto, M. & Rodrigues, C. (2006). Avós e netos: participação em atividades intergeracionais. Instituto Superior de Psicologia Aplicada. Acessado em 20.04.2015 e recuperado em <http://www.Socialgest.pt>

Poppe, C. & Mays N. (2005). *Pesquisa qualitativa na atenção a saúde*. Porto Alegre: Artmed.

Poster, M. (1979). *Teoria crítica da família*. Rio de Janeiro: Zahar.

Pottinger, A. M. (2005). Children's experience of loss by parental migration in inner city Jamaica. *American Journal of Orthopsychiatry*, 75 (4) 485-496.

Prado, A. E. F. A. (2006). Família em Trânsito: Tecendo redes sociais. Dissertação de Mestrado em Psicologia Clínica, Universidade Católica de São Paulo.

Queiroz, A. (2008). *Migração Familiar: da quebra a reconstrução das redes sociais*. Acessado em 12.06.2013 e recuperado em <http://www.repositorio.ufsc.br>

Reis (2008) *The Social impact of migration on children: Country reports –Dominica, Belize, Bahamas and Guyana*, UNICEF internal document

Reis, E. S. & Machado, I. J. R. (2008), Imigração, risco e família: novas configurações familiares e direitos humanos, *REMHU*, (31), 229-237.

Reis, R. R. & Sales, T. (1999). *Cenas do Brasil Migrante*. São Paulo: Editora Boitempo.

Relatório de Desenvolvimento Humano. (2009). *Ultrapassar Barreiras: Mobilidade e desenvolvimento humano*. Acessado em 20.07.2013 e recuperado em <http://www.pnud.org.br/HDR/Relatorios-Desenvolvimento-Humano-Globais.aspx?indice>

Rivas, A. M. & González, H.. (2010). El papel de las remesas económicas y sociales dentro de las familias migrantes transnacionales. *Migraciones Internacionales* 6 (2) 10-15.

Rodriguez G. (2001) *Informe sobre Trabajadores Migrantes presentado a la Comisión de Derechos Humanos*. 57º período de sesiones. Nueva York, Naciones Unidas.

Santana, K. S. (2013) A privação do vínculo afetivo pode contribuir para o ato infracional do adolescente na atualidade? Acessado em 12.10.2014 e recuperado em <http://www.psicólogo.com/psicologia-da-família>

Santos B. J. & Santos M.S.C. (2008/2009). *Família monoparental brasileira*. Revista Jurídica, Brasília, v. 10, n. 92, p.01-30 . www.presidencia.gov.br/revistajuridica

Sassen, S. (2003). Contrageografias de la globalización — género y ciudadanía en los circuitos fronterizos. Madri: Traficantes de Sueños. Acessado 06.11.2014 e recuperado em <http://www.traficantes.net/sites/default/files/pdfs/Contrageografias>

Scarpellini, M. & Carlos, V. Y. (2011). Monoparentalidade Feminina e vulnerabilidade social: a realidade de mulheres chefes de família no município de Apucarana. *Anais II Simpósio Gênero e Políticas Públicas*. Rio Grande do Sul: Universidade Estadual de Londrina.

Scheifele, S. (2008). *Migration und Psyche*. Gissen, Alemanha: Psychosozial.

Schuler, F. M. G. (2010). *Casamento intercultural e suas peculiaridades*: Um estudo sobre brasileiras que vivem na Suíça. (Dissertação de mestrado). Universidade Católica de Pernambuco, Brasil.

Schuler, F. M. G. & Dias C.S.B (2013). Brasileiras casadas com suíços: Um estudo sobre diferenças culturais e relacionamento. In A. Garcia, J. E. Wilson & F. N: Pereira (Orgs.) *Relacionamento interpessoal: temas contemporâneos* (pp. 66-77) Vitória: UFES.

Secretaria Nacional de Justiça (2007). *Relatório: Tráfico internacional de pessoas e tráfico de migrantes entre deportados(as) e não admitidos(as) que regressam ao Brasil via aeroporto internacional de São Paulo*. Brasília: Ministério da Justiça.

Sertório, E. & F. S. Pereira (2004). *Mulheres Imigrantes*, Lisboa: Ela por Ela.

Serviço de Estrangeiros e Fronteiras (2006) (SEF). Estatísticas: População Estrangeira Residente em Portugal, por nacionalidade segundo o sexo, dados de 2005. Lisboa: SEF.

Silva J. T., Coelho R. S. & Campos A. C. (2010). Pais no exterior e netos sob a total responsabilidade das avós: uma análise desta realidade. *Revista de psicologia Encontro*, (13) 18, 59-70.

Siqueira, S. (2009). *Sonhos, sucesso e frustrações na emigração de retorno*. Brasil/Estados Unidos. Belo Horizonte: Argvmentvm.

Sluzki, C. E. (1997). *As redes sociais na prática sistêmica*. São Paulo: Casa do Psicólogo.

Smith, A., Lalonde, R. & Johnson, S. (2004). Serial migration and its implications for the parent-child relationship: a retrospective analysis of the experiences of the children of Caribbean immigrants. *Cultural Diversity and Ethnic Minority Psychology*, 10, 107-122.

Soares, W. (2003) A emigração valadarensense à luz dos fundamentos teóricos da análise de redes sociais. In: Martes, A. C. B.; Soraya F.(orgs.) *Fronteiras Cruzadas: Etnicidade, gênero e redes sociais*, (pp231-262). São Paulo: Paz e Terra.

Soares, J. (2009). *A afetividade na vida do imigrante*. Trabalho apresentado na 10ª Semana de Iniciação Científica e 1ª Semana de Extensão – Unileste MG. Iniciação Científica e Extensão: diferenciais acadêmicos. Coronel Fabriciano, MG .

Souza, I. C. F.(2007). A integração de imigrantes brasileiras em Roma: conquistas e

dificuldades. *Imaginário*, (13) 14, 399-415.

Souza, S. M. B. (2008). *Emigração: os sentidos construídos pelos adolescentes a partir da ausência dos pais*. Dissertação apresentada ao Programa de Pós-graduação em Psicologia. Universidade Católica de Minas Gerais, Belo Horizonte.

Teresi V. M. (2010). Desafios encontrados na identificação das vítimas brasileiras do tráfico para fins de exploração sexual: consequências na atenção e a garantia aos direitos das vítimas. *Rev. Bras. Adolescência e Conflitualidade*. (3) 89-112.

Tonhati, T. (2013). *Family life in the context of migration: Care practices and Technologies for communication*. Workshop: Experiences of Brazilian transnational migration. Newcastle University.

Turato, E. R. (2003). *Tratado da metodologia da pesquisa clínico-qualitativa*. Petrópolis: Vozes.

United Nations Population Fund - UNFPA (2007). Gender equality. Acessado em 10.09.2010 e recuperado em <http://www.unfpa.org/public/>

Vitale, M. A. F. (2002). Famílias monoparentais: indagações. *Revista Serviço Social e Sociedade e Família*. 23, (71) 48-50. São Paulo, Cortez.

Waldrop, D. & Weber, J. (2001). From grandparent to caregiver. *Families in Society: The Journal of Contemporary Human Services*, 82 (5), 461-472.

Wasch, F. (2005) *Fatores de Risco da Família: fortalecendo a resiliência familiar*. São Paulo: Editora Roca.

Weichselbraun, M. (2007). *Reflektierte Praxis: Systemische Therapie mit Kindern und Jugendlichen*, 11-12 Maio - Fachtagung in Salzburg: Wien.

Weller, W. (2004). Entrevista. *Revista Scalabriniane Del Mondo*. (22).

Williamson, J., Softas-Nall, B & Miller J. (2003). Grandmothers raising grandchildren: an exploration of their experiences and emotions. *The Family Journal* 11(1), 23-32.

Yamamoto, L. E. (2008). Famílias brasileiras no contexto transnacional: Famílias reconstituídas. *Revista Interdisciplinar de Mobilidade Humana*, 23, (30).

Zoller, B. M. (1995). Children of migrant fathers: The effects of father absence on Swazi children's preparedness for school. *Comparative Education Review*. 39 (2): 195-210.

Zontini, E. (2007). *Transnational families, sloan work and family research network*. Acessado em 20.06.2014 e recuperado em <https://workfamily.sas.upenn.edu/wfrn-repo/object/be4md40po6iq2g3x>

Zontini, E. (2002). Female domestic labour migrants and local policies in Bologna: the story of the Filipino woman. In: Grillo R & Pratts J. *The Politics of Recognizing Difference: Multiculturalism Italian-style*. Aldershot: Ashgate.

Zontini, E. & Andall, J. (2000). *Gender, Migration and Domestic Service: The Politics of Black Women in Italy*. Aldershot: Ashgate.

ANEXOS

ANEXO 1

**UNIVERSIDADE CATÓLICA DE PERNAMBUCO
PRÓ-REITORIA DE PESQUISA E PÓS-GRADUAÇÃO
DOUTORADO EM PSICOLOGIA CLÍNICA
TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO - Responsável**

**Titulo da Pesquisa – “Órfãos da Mobilidade”: as repercussões da migração da mãe
na vida dos filhos que ficaram.**

1. O(a) senhor(a) está sendo convidado (a) para participar de uma pesquisa sobre sua experiência como responsável sobre um adolescente cuja mãe migrou para o exterior .
2. O(a) senhor(a) foi selecionado(a) porque ficou responsável por um adolescente cuja mãe migrou, e sua participação não é obrigatória.
3. A qualquer momento o(a) Senhor(a) pode desistir de participar e retirar seu consentimento. Sua recusa não trará nenhum prejuízo em sua relação com a pesquisadora ou com a instituição.
4. Os objetivos deste estudo são conhecer melhor as repercussões da migração de mães na vida dos filhos que aqui permaneceram.
5. Sua participação nesta pesquisa consistirá em responder a uma entrevista.
6. Os riscos relacionados com sua participação são tocar em assuntos pessoais que podem lhe sensibilizar, mas faremos o possível para lhe dar a acolhida necessária.
7. Os benefícios relacionados com a sua participação são compreender esta experiência e poder ajudar outras pessoas que estão em situação semelhante.
8. As informações obtidas através dessa pesquisa serão confidenciais e asseguramos o sigilo sobre sua participação.

9. Os dados não serão divulgados de forma a possibilitar sua identificação, para tanto utilizaremos iniciais fictícias na identificação da entrevista.
10. O(a) senhor(a) receberá uma cópia deste termo onde consta o telefone e o endereço da pesquisadora principal, podendo tirar suas dúvidas sobre o projeto e sua participação, agora ou a qualquer momento.

Eu, _____, dou o meu consentimento para a minha participação como voluntário(a) nesta pesquisa, sob a responsabilidade da pesquisadora Flávia de Maria Gomes Schuler, Doutoranda da Universidade Católica de Pernambuco e orientação da professora Dra. Cristina Maria de Souza Brito Dias.

DADOS DA PESQUISADORA PRINCIPAL (ORIENTADORA)

Nome: Profa. Dra. CRISTINA MARIA DE SOUZA BRITO DIAS

Endereço: Rua Almeida Cunha, 245, Santo Amaro, Bloco G4

Telefone: 2194172 (Departamento de Psicologia)

Declaro que entendi os objetivos, riscos e benefícios de minha participação na pesquisa e concordo em participar.

O pesquisador me informou que o projeto foi aprovado pelo Comitê de Ética em Pesquisa em Seres Humanos da UNICAP que funciona na PRÓ-REITORIA ACADÊMICA da UNIVERSIDADE CATÓLICA DE PERNAMBUCO, localizada na RUA ALMEIDA CUNHA, 245 – SANTO AMARO – BLOCO G4 – 8º ANDAR – CEP 50050-480 RECIFE – PE – BRASIL. TELEFONE (81). 2119.4376 – FAX (81)2119.4004 – ENDEREÇO ELETRÔNICO: pesquisa_prac@unicap.br

Recife, _____ de _____ de 20__

Participante

ANEXO 2

UNIVERSIDADE CATÓLICA DE PERNAMBUCO
PRÓ-REITORIA DE PESQUISA E PÓS-GRADUAÇÃO
DOUTORADO EM PSICOLOGIA CLÍNICA
TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO - Adolescente
Titulo da Pesquisa –“Órfãos da Mobilidade”: as repercussões da migração da mãe
na vida dos filhos que ficaram.

1. Você está sendo convidado(a) para participar de uma pesquisa sobre a experiência de filhos cuja mãe migrou.
2. Você foi selecionado(a) porque sua mãe migrou e sua participação não é obrigatória.
3. A qualquer momento você pode desistir de participar e retirar seu consentimento. Sua recusa não trará nenhum prejuízo em sua relação com a pesquisadora ou com a instituição.
4. Os objetivos deste estudo são conhecer melhor as repercussões da migração de mães na vida dos filhos.
5. Sua participação nesta pesquisa consistirá em responder a uma entrevista e fazer um teste do Desenho da Família.
6. Os riscos relacionados com sua participação são tocar em assuntos pessoais que podem lhe sensibilizar, mas faremos o possível para lhe dar a acolhida necessária.
7. Os benefícios relacionados com a sua participação são compreender esta experiência e poder ajudar outras pessoas que estão em situação semelhante.
8. As informações obtidas através dessa pesquisa serão confidenciais e asseguramos o sigilo sobre sua participação.
9. Os dados não serão divulgados de forma a possibilitar sua identificação. Para tanto utilizaremos iniciais fictícias na identificação da entrevista e do desenho da família.
10. Você receberá uma cópia deste termo onde consta o telefone e o endereço da pesquisadora principal, podendo tirar suas dúvidas sobre o projeto e sua participação, agora ou a qualquer momento.

Eu, _____, dou o meu consentimento para _____ (adolescente sob a minha responsabilidade) participar como voluntário(a) nesta pesquisa, sob a responsabilidade da pesquisadora Flávia de Maria Gomes Schuler, Doutoranda da Universidade Católica de Pernambuco e orientação da professora Dra. Cristina Maria de Souza Brito Dias.

DADOS DA PESQUISADORA PRINCIPAL (ORIENTADORA)

Nome: Profa. Dra. CRISTINA MARIA DE SOUZA BRITO DIAS

Endereço: Rua Almeida Cunha, 245, Santo Amaro, Bloco G4

Telefone: 2194172 (Departamento de Psicologia)

Declaramos que entendemos os objetivos, riscos e benefícios da participação nessa pesquisa e concordamos em participar.

O pesquisador me informou que o projeto foi aprovado pelo Comitê de Ética em Pesquisa em Seres Humanos da UNICAP que funciona na PRÓ-REITORIA ACADÊMICA da UNIVERSIDADE CATÓLICA DE PERNAMBUCO, localizada na RUA ALMEIDA CUNHA, 245 – SANTO AMARO – BLOCO G4 – 8º ANDAR – CEP 50050-480 RECIFE – PE – BRASIL. TELEFONE (81). 2119.4376 – FAX (81)2119.4004 – ENDEREÇO ELETRÔNICO: pesquisa_prac@unicap.br

Recife, _____ de _____ de 20__

Participante

ANEXO 3

ROTEIRO PARA A ENTREVISTA COM O (A) ADOLESCENTE

01. Qual foi o motivo que levou sua mãe a migrar?
02. O que você achou dessa decisão dela?
03. Houve mudanças na sua vida após esse fato? Quais?
04. Você mantém contato com ela? Como? Com que frequência?
05. Você já foi visitá-la?
06. Você gostaria de ir morar com sua mãe?
07. Você está estudando? Como você vai na escola?
08. Você faz alguma outra atividade?
09. Qual são seus planos para o futuro?
10. Qual o seu maior desejo?

DADOS SOCIODEMOGRÁFICOS

Idade:

Escolaridade:

Quantos anos tinha quando a mãe migrou:

Para onde a mãe migrou:

Tem irmãos:

Sexo:

Idade:

ANEXO 4

ROTEIRO PARA A ENTREVISTA COM O(A) RESPONSÁVEL

01. Sob que condições ele(a) veio morar com o(a) senhor(a)
02. Com que idade ele(a) veio morar com o(a) senhor(a)?
03. Há quanto tempo ele mora com o(a) senhor(a)?
04. Como ele(a) reagiu quando soube que a mãe dele ia viajar?
05. Você percebe alguma diferença nele desde que a mãe dele migrou?
06. Como é o contato dele(a) com a mãe? E com o pai?
07. O(A) senhor(a) tem contato com a mãe dele(a)?
08. O contato com a mãe dele(a) interfere no comportamento dele(a)?
09. Como ele(a) vai na escola?
10. Como é o relacionamento dele(a) em casa? E fora de casa?
11. Você gostaria de que ele(a) fosse viver com a mãe?
12. Como se sente cuidando dele(a)?
13. A mãe dele(a) ajuda de alguma forma? Como?
14. Gostaria de acrescentar alguma informação sobre essa situação que vocês estão vivendo?

DADOS SOCIODEMOGRÁFICOS

Do(a) Responsável

Estado civil:

Idade:

Grau de parentesco com o(a) adolescente:

Nível de escolaridade:

Profissão:

Religião:

Quantas pessoas vivem na casa:

PARECER CONSUBSTANCIADO DO CEP

DADOS DO PROJETO DE PESQUISA

Título da Pesquisa: "ÓRFÃOS DA MOBILIDADE": AS REPERCURSSÕES DA MIGRAÇÃO DA MÃE NA VIDA DOS FILHOS QUE FICARAM

Pesquisador: Cristina Maria de Souza Brito Dias

Área Temática:

Versão: 1

CAAE: 11586912.4.0000.5206

Instituição Proponente: Universidade Católica de Pernambuco - UNICAP/PE

Patrocinador Principal: Financiamento Próprio

DADOS DO PARECER

Número do Parecer: 206.729

Data da Relatoria: 13/12/2012

Apresentação do Projeto:

O Projeto está apresentado de forma adequada, seguindo os passos necessários à elaboração de um projeto de investigação científica.

Objetivo da Pesquisa:

A pesquisa se propõe a investigar a experiência e as repercussões da migração da mãe para o exterior, na vida dos filhos que ficaram (no Brasil-Pernambuco). Possui objetivos claros, bem formulados e pertinentes os quais, ao longo do trabalho, encontram-se, devidamente, justificados

Avaliação dos Riscos e Benefícios:

Como a pesquisa lida com a questão do impacto provocado pelas migração de mães sobre os filhos e sobre os seus responsáveis, na ausência materna, a autora do Projeto admite, como possível risco, a mobilização de alguns sentimentos, nesses participantes. Desse modo, estão previstas maneiras de sanar esses riscos, tanto respeitando a vontade daqueles que não desejem participar, como também desenvolvendo a abordagem num clima de respeito e empatia e, ainda, disponibilizando atenção psicológica específica ao participante no sentido de minimizar os possíveis desconfortos provocados pela experiência.

Comentários e Considerações sobre a Pesquisa:

O Projeto levanta a hipótese segundo a qual "A migração da mulher que deixa seus filhos no Brasil

Endereço: Rua Almeida Cunha, 245 - BlocoG4 - 8ºAndar

Bairro: Santo Amaro

CEP: 50.050-480

UF: PE

Município: RECIFE

Telefone: (81)2119-4375

Fax: (81)2119-4004

E-mail: pesquisa_prac@unicap.br

acarreta dificuldades biopsicossociais aos mesmos (a curto, médio ou longo prazo), que podem ser difíceis de minorar, mesmo que sejam cuidadas por parentes próximos". Essa proposta encontra-se bem fundamentada teoricamente, através de estudos sobre os efeitos da separação, entre pais e filhos, decorrentes de situação de migração. Trata-se de uma pesquisa cujos resultados esperados reveste-se de especial relevância, na medida em que, como destaca a autora, é muito grande a percentagem de brasileiras que migram para o exterior, deixando seus filhos no Brasil.

Considerações sobre os Termos de apresentação obrigatória:

A execução do projeto de pesquisa é viável, levando-se em consideração que a metodologia proposta está condizente com os objetivos. Trata-se de uma pesquisa qualitativa cujos participantes serão 6 adolescentes - entre 12 e 16 anos - e 6 responsáveis, escolhidos através de amostragem proposital. Os instrumentos utilizados serão entrevista semidirigida e o teste projetivo do Desenho da Família, para os adolescentes e entrevista (semidirigida) para os responsáveis. Os itens e perguntas das entrevistas estão, devidamente, formuladas em anexo.

Quanto à metodologia de análise dos resultados, será utilizada a Análise de Conteúdo Temática, também, devidamente discriminada e justificada.

No entanto, chamo a atenção para o fato de que no item Metodologia Proposta o texto está idêntico ao do item Metodologia de Análise de Dados, contendo, cada um deles, os dois tópicos: Metodologia Proposta e Metodologia de análise dos dados.

A autora anexou todos os documentos exigidos TCLE: do responsável e TCLE do adolescente. Declaração da pesquisadora responsável; Declaração da doutoranda; Termos de Anuência; Currículos.

Recomendações:

Recomendo que a metodologia, contendo sujeito, materias e procedimentos seja colocada no item Proposta Metodológica e o texto, a partir do parágrafo onde a autora começa a explicar a técnica de análise de conteúdo, seja deslocado para o item: Metodologia de Análise de Dados.

Conclusões ou Pendências e Lista de Inadequações:

Pendências: trata-se de uma modificação muito simples a ser feita na redação dos itens: Proposta metodológica e Metodologia de Análise dos Dados.

Situação do Parecer:

Aprovado

Necessita Apreciação da CONEP:

Endereço: Rua Almeida Cunha, 245 - BlocoG4 - 8ºAndar

Bairro: Santo Amaro

CEP: 50.050-480

UF: PE

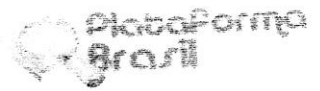
Município: RECIFE

Telefone: (81)2119-4375

Fax: (81)2119-4004

E-mail: pesquisa_prac@unicap.br

UNIVERSIDADE CATÓLICA DE
PERNAMBUCO - UNICAP/PE



lão

Considerações Finais a critério do CEP:

O Projeto está bem redigido, com objetivos claramente formulados e bem fundamentados teórica e metodologicamente, seguindo, adequadamente, os passos exigidos a um trabalho de investigação científica, tendo sido anexados os documentos exigidos para sua aprovação. Apenas recomendamos que seja feita uma modificação na redação da metodologia distinguindo a proposta metodologica da metodologia de análise dos dados.

RECIFE, 27 de Fevereiro de 2013

Assinador por:
EDILENE FREIRE DE QUEIROZ
(Coordenador)

Endereço: Rua Almeida Cunha, 245 - Bloco G4 - 8º Andar

CEP: 50.050-480

Bairro: Santo Amaro

UF: PE

Município: RECIFE

Telefone: (81)2119-4375

Fax: (81)2119-4004

E-mail: pesquisa_prac@unicap.br